



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Kátia Cristina de Oliveira Torres

**EXPERIÊNCIAS NARRATIVAS: *FANFICS* A PARTIR DO SUSPENSE DE UM  
CONTO**

Belo Horizonte  
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Kátia Cristina de Oliveira Torres

**EXPERIÊNCIAS NARRATIVAS: *FANFICS* A PARTIR DO SUSPENSE DE UM  
CONTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e prática docente

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leiva de Figueiredo Viana Leal

Belo Horizonte  
2016

Dissertação intitulada “Experiências narrativas: *Fanfics* a partir de um conto de suspense”, de autoria da mestranda Kátia Cristina de Oliveira Torres, defendida em 25 de novembro de 2016 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos (as) seguintes (as) professores(as):

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leiva de Figueiredo Viana Leal – Orientadora (UFMG)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriane Teresinha Sartori (UFMG)

---

Prof. Dr. Hércules Tolêdo Corrêa (UFOP)

---

Prof. Dr. Marcelo Chiaretto (UFMG) - Suplente

Dedico este trabalho à minha mãe ***Wanira de Oliveira Torres***, maior exemplo de fé, força, sabedoria e que, apesar das dificuldades, nunca mediu esforços para incentivar e apoiar seus filhos.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, autor da minha fé, por me conduzir e me abençoar em todos os momentos da minha vida;

À minha família. Em especial, minha mãe, pelas orações e pelo colo; meus irmãos, minhas sobrinhas e minha cunhada, pelo apoio incondicional; e meu namorado Tiago, pela torcida e por entender minha ausência;

À orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leiva de Figueiredo Viana Leal, pelas valiosas recomendações e pela infinita paciência;

À banca examinadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Adriane Teresinha Sartori e Prof Hércules Tolêdo Corrêa, pelos novos direcionamentos apresentados no Exame de Qualificação;

À minha amiga e companheira Renata Abreu (Ryca), pelo incentivo, companheirismo e pela cumplicidade. Obrigada pelo ombro e por tudo que passamos juntas.

Aos meus amigos do grupo Leitura Obrigatória, Angélica, Elizete, Girlene, Paula, Renata e Sérgio, pela amizade e parceria, pelo apoio e por tornar estes dois anos mais leves, regados de momentos de descontração, muitos sorrisos e boas conversas, sentirei muitas saudades;

Aos meus colegas do PROFLETRAS, pelas novas amizades traçadas, pela troca de experiências, por dividirmos nossas angústias profissionais e, especialmente, por compartilharmos alegrias e festas.

À nossa coordenadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Lúcia Péret Dell'Isola, e nossa ex-coordenadora, Dr<sup>a</sup>. Delaine Cafieiro Bicalho, pela competência à frente da coordenação, e a todos os professores do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, por mudarem meu olhar sobre o ensino de Língua Portuguesa;

À nossa secretária, Cacilda Eunice Rios Zocratto, pela doçura e pelo competente trabalho;

À CAPES, pela bolsa de fomento à pesquisa;

Aos meus amigos, que sempre acreditaram em mim, obrigada pelo carinho e amizade sempre sincera;

A todos, **MUITO OBRIGADA!**

*Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música.*

*Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes.*

**(Rubem Alves)**

## RESUMO

A presente pesquisa parte de constatação, como professora, de que, em geral, os alunos manifestam certa resistência, em aulas de Língua Portuguesa, quando a atividade proposta é a de produção textual. Da busca por alternativas para melhorar o interesse dos alunos para a escrita de texto é que surge a pesquisa “Experiências narrativas: *Fanfics* a partir do suspense de um conto”, que tem, como objetivo principal, desenvolver um Projeto de Intervenção Pedagógica, nos moldes de uma sequência didática, para a produção de *Fanfic* a partir do suspense de um conto. Objetiva, ainda, contribuir para que os alunos possam produzir textos discursivamente melhor elaborados, além de proporcionar ao aluno a inclusão digital, utilizando os recursos multimodais da escrita colaborativa em um ambiente *wiki* e o ciberespaço *Fanfic*. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa-ação, com abordagem qualitativa, que permitiu que as atividades fossem elaboradas a partir das necessidades apontadas nos textos diagnósticos (que, no nosso caso, foi a primeira produção da sequência de atividades) e nas outras versões dos textos produzidos. Todas as atividades foram avaliadas de forma qualitativa, a fim de levar todos os agentes da pesquisa a uma reflexão sobre o processo de aprendizagem. Neste trabalho, os alunos tiveram a oportunidade de ler diversos contos, partindo do conto “O dedo”, de Lygia Fagundes Telles, com a finalidade de contribuir para a sua formação literária, e, também, para que pudessem produzir textos bem elaborados e adequados às condições de produção e ao letramento literário. Com isso, este trabalho desenvolveu uma reflexão crítica em relação à produção de textos narrativos e de *Fanfics*, e, também, buscou a formação de cidadãos com práticas letradas mais amplas. Este projeto tem como fundamentação as contribuições de autores como: Cosson (2014); Rojo (2012 e 2013); Kleiman (2012); Bakthin (2000); Dolz e Schneuwly (2004); Gancho (1991); Antunes (2010); Cavalcante (2011); Zappone (2008). Finalmente, observou-se que o projeto realizado proporcionou ao aluno desenvolver algumas capacidades para melhor produzir textos coerentes e autorais, além de possibilitar a inserção no mundo digital a partir da escrita de um gênero textual contemporâneo.

**Palavras-chave:** Letramento literário. Conto de suspense. Escrita. *Fanfic*

## ABSTRACT

The present study comes from what is noticed, as a teacher, that, in general, the students manifest some resistance, in the classes of Portuguese Language, when it is proposed an activity of textual production. From the search for alternatives to improve the interest of the students for writing is that comes up in the search "Experience narratives: Fanfics from the suspense of a tale" whose goal is to develop a Pedagogical Intervention Project, in the roles of a didactic sequence, for the production of Fanfic from the suspense of a tale. This study also intends to contribute in order to make the students produce texts discursively better designed, in addition to providing the student with the digital inclusion, using the resources multimodal writing collaborative environment of the wiki and the cyberspace *Fanfic*. Methodologically this is an action research with qualitative approach, which allowed the activities to be developed in accordance with the of the needs mentioned in the texts diagnostics, the first production of the sequence of activities and in the other versions of the produced texts. All the activities were evaluated qualitatively in order to promote, in the search agents, a reflection on the learning process. In this work, the students had the opportunity to read various short stories, based on the short story "the finger" by Lygia Fagundes Telles, with the purpose of contributing to his literary training, and, also, they could produce texts well prepared and suited to the conditions of literary production and literacy. This paper has developed a critical reflection in relation to the production of narrative texts and *Fanfics*, and also aimed the formation of citizens through literate practices. This project has the contributions from authors such as: Cosson (2014); Rojo (2012 and 2013); Kleiman (2012); Bakthin (2000); Dolz and Schneuwly (2004); Gancho (2000); Antunes (2010); Cavalcante (2011); Zappone (2008). Finally, it was observed that the project provided the students to develop some abilities produce better texts and, besides to promote the insertion in the digital world, from the writing of a text.

**Keywords:** literary literacy. Tale of suspense. Writing. *FanFic*

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Questão 1 (sobre o costume de ler livros) .....	37
<b>Gráfico 2:</b> Questão 5 (sobre o gosto pela leitura).....	38
<b>Gráfico 3:</b> Questão 6 (considerações sobre a leitura).....	38
<b>Gráfico 4:</b> Questão 2 (onde consegue livros para ler).....	30
<b>Gráfico 5:</b> Questão 4 (se conversa sobre os livros que lê e com quem).....	40
<b>Gráfico 6:</b> Questão 8 (se já leram contos de suspense).....	41
<b>Gráfico 7:</b> Questão 11 (frequência de uso do computador).....	42
<b>Gráfico 8:</b> Questão 12 (uso que se faz do computador).....	43
<b>Gráfico 9:</b> Avaliação das ficinas.....	95

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Esquema de Sequência Didática.....	44
<b>Figura 2</b> - Texto 1: "Achei um dedo na praia" .....	51
<b>Figura 3</b> - Texto 2: "De quem era o dedo?".....	52
<b>Figura 4</b> - Texto 3: "Salvando meu ídolo".....	55
<b>Figura 5</b> - Texto 4: "Achei um dedo na praia" .....	56
<b>Figura 6</b> - Texto 5: "O dedo da Dulce" .....	58
<b>Figura 7</b> - Texto 6: "Sem título" .....	59
<b>Figura 8</b> - Texto 7: "Naruto acha um dedo na areia" .....	71
<b>Figura 9</b> - Texto 8: "Um dedo da praia" .....	72
<b>Figura 10</b> - Imagens das aulas .....	76
<b>Figura 11</b> - Imagens das aulas .....	77
<b>Figura 12</b> - Visão geral da página da wikia .....	78
<b>Figura 13</b> - Print da página da wikia com comentário feito pelo aluno.....	79
<b>Figura 14</b> - Print da página da wikia com comentário feito pelo professor .....	80
<b>Figura 15</b> - visão da busca no site Spirit Fanfics .....	82
<b>Figura 16</b> - Print de uma Fanfic sobre a celebridade Justin Bieber .....	85
<b>Figura 17</b> - Versão final do texto – Parte 1.....	90
<b>Figura 18</b> - Versão final do texto – Parte 2 .....	91
<b>Figura 19</b> - <i>Lay out</i> da página pessoal do aluno .....	92
<b>Figura 20</b> - Versão final do texto .....	93

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Oficina 1.....	47
<b>Quadro 2</b> – Oficina 2.....	49
<b>Quadro 3</b> – Oficina 3.....	62
<b>Quadro 4</b> – Oficina 4.....	66
<b>Quadro 5</b> – Oficina 5.....	68
<b>Quadro 6</b> – Ficha para avaliação dos textos.....	73
<b>Quadro 7</b> – Oficina 6.....	81
<b>Quadro 8</b> – Oficina 7.....	87
<b>Quadro 9</b> – Roteiro para escrita de <i>Fanfic</i> .....	88
<b>Quadro 10</b> – Ficha para avaliação das oficinas.....	94

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>18</b>
1.1 A perspectiva dos gêneros textuais .....	18
1.2 Letramento Literário .....	23
1.3 O Gênero Conto de Suspense .....	26
1.4 Multimodalidade .....	28
1.4.1 O gênero <i>Fanfic</i> .....	29
<b>CAPÍTULO II: METODOLOGIA DAS OFICINAS .....</b>	<b>33</b>
2.1 O método de pesquisa .....	35
2.2 O contexto escolar .....	36
2.3 Perfil leitor dos colaboradores .....	36
2.4 Análise do questionário de práticas de letramento .....	37
2.5 Metodologia das Oficinas .....	44
2.5.1 Apresentação da proposta de trabalho.....	45
<b>CAPÍTULO III: ANÁLISES DAS OFICINAS .....</b>	<b>47</b>
3.1 Oficina 1 .....	47
3.2 Oficina 2 .....	49
3.3 Oficina 3 .....	62
3.4 Oficina 4 .....	66
3.5 Oficina 5 .....	68
3.6 Oficina 6 .....	81
3.7 Oficina 7 .....	87
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>105</b>
Anexo 1: Conto “O Dedo” .....	105
Anexo 2: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido .....	108
Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	109
Anexo 4: Parecer Consubstanciado do COEP nº. 1.649.255 .....	110
Anexo 5: Questionário sobre práticas de letramento .....	111
Anexo 6: Ficha de análise de textos literários .....	113
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>114</b>

## INTRODUÇÃO

“Inumeráveis são as narrações do mundo. A narração está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades”. (Roland Barthes)

As aulas de Língua Portuguesa têm por objetivo, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1996), expandir as possibilidades do uso da linguagem e desenvolver, no aluno, as quatro habilidades linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever. Nesse sentido, o professor conduzirá e orientará os alunos, falantes da língua materna, a utilizá-la de acordo com as condições de produção, tanto em relação ao texto escrito, quanto ao texto oral. Os alunos, em um período mínimo de 12 anos, têm essa disciplina no seu currículo escolar. As atividades trabalhadas nesse período propiciam, ou deveriam propiciar, o desenvolvimento das competências oral, leitora e produtora de texto. No entanto, o que se percebe com os resultados internos e externos dos alunos é que há uma defasagem (no processo de ensino aprendizagem de Língua Portuguesa), em relação ao que os alunos efetivamente demonstram saber e o que se esperava que tivessem desenvolvido.

Desde a graduação, no período em que fiz estágios, esse problema me intrigava e essa angústia se consolidou a partir do momento em que assumi uma sala de aula como professora regente. As estratégias que utilizava para que os alunos conseguissem aprender a disciplina e escrever textos coerentes nem sempre tinham sucesso. Com isso, passei a refletir sobre a minha prática, sobre minha formação e, conseqüentemente, em como melhorá-la. Nesse sentido, procuro realizar um trabalho capaz de atender às novas exigências da sociedade e pautado nas teorias que tomam o discurso como base e que, conseqüentemente, trazem novos acenos para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa na escola. Desde então, a área de produção textual tem me interessado muito, sendo esse o foco desta pesquisa.

Os textos da tipologia narrativa fazem parte do universo das pessoas desde a mais tenra infância. É certo que esses textos são transmitidos por meio da oralidade, e a maioria dos alunos chegam à escola com um repertório significativo de textos narrativos orais. No entanto, com o passar dos anos escolares, muitos desses mesmos alunos se deparam com uma dificuldade em produzir textos narrativos coerentes, cabendo à escola conferir-lhes esta capacidade de comunicação escrita.

O ensino de produção de texto na escola pouco tem contribuído para o desenvolvimento da produção escrita dos alunos, o que pode gerar resistência, desânimo ou mesmo frustração, quando solicitados a escrever.

Um ponto que deve ser considerado é que ainda há professores de Língua Portuguesa que organizam o ensino da língua com base no ensino da gramática descontextualizada, mesmo sabendo que a língua é produzida socialmente e de modo interativo. No entanto, o peso da tradição ainda é grande. Nesse contexto, o ensino de produção de textos pouco contribui para que os alunos possam construir histórias que configurem autoria. O processo de aprendizagem de escrita fica comprometido quando se trabalha a língua de forma compartimentada e, com isso, nem sempre são elaboradas atividades que levem o aluno a assumir crítica e criativamente a sua função de sujeito do discurso (LEITE, 2002).

Nessa busca por uma resposta que contribua para o avanço das competências dos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental (EFII) na produção textual, tornando-os capazes de dar conta das demandas atuais de comunicação, surgiram algumas indagações: Por que os alunos não produzem textos narrativos coerentes, uma vez que a experiência narrativa faz parte do universo deles, desde que aprendem a falar? É possível, com a democratização da educação, construir, conjuntamente, aprendizagens significativas que culminem em competência comunicativa voltada para a produção de textos que expressem, de modo autoral, uma nova relação com a escrita?

A relevância social e científica da temática encontra-se em seu objetivo, que é o de contribuir para a formação intelectual de alunos de vulnerabilidade social, no ensino produtivo de escrita de língua materna, configurando autoria (ROJO, 2012).

A turma em que a Projeto de Intervenção foi aplicado é formada, em sua maioria, por alunos em situação de vulnerabilidade social, termo que, segundo Abramovay (2002, p. 32), está ligado à violência que os sujeitos sofrem em relação a várias áreas sociais, desde a exclusão social até a precariedade dos recursos, o que contribui para acentuar a desigualdade social. A mesma autora considera que

O não acesso a determinados insumos (educação, trabalho, saúde, lazer e cultura) diminui as chances de aquisição e aperfeiçoamento desses recursos que são fundamentais para que os jovens aproveitem as oportunidades oferecidas pelo Estado, mercado e sociedade para ascender socialmente. (ABRAMOVAY, 2002, p. 32),

O gênero textual escolhido como recorte para nossa pesquisa é o conto de suspense, gênero sobre o qual falaremos mais detidamente no primeiro capítulo desta dissertação. Percebemos que esse gênero agrada muito aos alunos pré-adolescentes. Nas aulas de leitura e

produção de textos em que há textos com essa temática, há sempre mais envolvimento dos alunos nas atividades propostas.

Considerando essa contextualização, esta pesquisa propõe o desenvolvimento de uma intervenção pedagógica, em formato de uma sequência didática, com vistas à produção de uma *Fanfic* (ZAPONE, 2008) a partir do suspense de um conto. Para isso, foi escolhido o conto "O dedo", da autora Lygia Fagundes Telles (Anexo 1), como elemento detonador do projeto de intervenção pedagógica. A escolha deste conto se justifica devido ao interesse dos alunos por textos que tenham esse tema, como já mencionado, e pelo poder de envolvimento que as histórias possuem.

De forma mais específica, buscamos identificar, por meio de diagnóstico, como se manifesta a produção de texto escrito de alunos dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública estadual; estabelecer estratégias para a produção de conto de suspense e de *Fanfics*; propor atividades de produção textual que possam contribuir para o crescimento pessoal dos alunos; elaborar estratégias de produção, correção e reescrita dos textos produzidos; compreender o processo de produção textual como motivação para a autoria; avaliar, por meio de atividades diagnósticas, o processo de aprendizagem; proporcionar aos alunos em vulnerabilidade social inserção no ambiente digital, no ciberespaço *Fanfic*; e publicar os contos produzidos em sites de *Fanfics*.

Esta pesquisa é, portanto, a concretização de anos de busca incessante por um caminho que possa contribuir para diminuir a lacuna entre a escrita de textos bem e mal elaborados de estudantes, para que esses possam se expressar de maneira consistente e crítica. Como docente, vejo que esse caminho é árduo, mas muito gratificante, no caminho, os alunos são levados a desbravar outras histórias de suspense até chegar à deles. Com isso, eles serão capazes de descobrir seu potencial de autoria escritora, bem como a melhor seu desempenho oral, leitor e de usuário reflexivo de sua língua. O contato com a literatura mobiliza os sentidos e amplia as possibilidades de imaginação que são tão importantes para a formação do sujeito.

Como dito anteriormente, desde minha formação inicial, o ensino de produção de texto tem me perseguido. Essa inquietação aumenta à medida que vivo experiências docentes. As estratégias que eu utilizava para que os alunos conseguissem escrever textos coerentes nem sempre tinham sucesso. Mesmo trabalhando a partir de boas orientações teóricas, como os estudos de gêneros textuais, e considerando as condições de produção, a qualidade das

produções ainda era muito distante daquela que consideramos ideal: textos coerentes, coesos e autorais.

Mas, com o desenvolvimento da proposta aqui apresentada, os alunos puderam adentrar no mundo da multimodalidade, conhecendo e experimentando textos do meio digital, além de terem a oportunidade de exercer o direito que lhes é garantido: o direito de aprender e aprender significativamente.

Metodologicamente, o trabalho desenvolvido se configura como uma pesquisa de intervenção pedagógica, na linha de pesquisa “Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes”. A escolha dessa linha se deve a experiências, nem sempre bem sucedidas, como professora de Língua Portuguesa do ensino básico. No caso em questão, pretendeu-se criar uma prática favorável ao trabalho com texto multimodal, no caso a *Fanfic*, em sala de aula.

Os dados foram coletados durante as aulas de Língua Portuguesa, junto a alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Antônio Silva, situada na zona urbana do município de Timóteo (MG). Os alunos que participaram do projeto e suas famílias estavam cientes e concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), autorizando a utilização de seus dados por meio do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Esses documentos (Anexos 2 e 3) foram disponibilizados, previamente, durante uma reunião com os pais e o corpo discente.

Inicialmente, foi proposto um trabalho de leitura a partir da introdução do conto “O dedo”, de Lygia Fagundes Telles. O suspense contido no início desse conto foi o elemento norteador do trabalho. Após esse momento, os alunos foram conduzidos a escrever uma nova narrativa a partir do suspense causado pela autora, envolvendo personagens (fictícios ou reais) das quais os alunos são fãs. Para isso, a estratégia utilizada para que uma nova narrativa se construísse foi o Protocolo de Leitura (LEAL, 2014) em que os alunos foram levados a uma melhor compreensão do trecho do texto lido e, em consequência, a desenvolverem um olhar diferenciado sobre o novo texto a ser produzido.

Para a organização da produção do conto de suspense, utilizamos a sequência narrativa, baseada nos estudos de Cavalcante (2011). O objetivo foi fazer com que os alunos ficassem envolvidos com o suspense apresentado e produzissem uma nova narrativa. Comungando com esse procedimento, o aluno também produziu seu texto, utilizando o ciberespaço, uma vez que a modalidade escrita contemporânea utilizada foi a *Fanfic*. Em todas as etapas das atividades, os alunos tiveram a oportunidade de produzir, revisar e

reescrever os textos para experimentarem todas as etapas de uma situação de escrita. As atividades foram realizadas individualmente e também em grupo. Todas as etapas dessa atividade foram feitas em folhas e no ambiente *wiki*, e a versão final foi produzida em um site que hospeda *Fanfis* para que os alunos pudessem, também, ser os gestores do trabalho.

A partir da análise do desenvolvimento dessa proposta, construímos, como resultado da pesquisa de mestrado, um guia para o professor, com a descrição das oficinas e sugestões de encaminhamentos para o trabalho com o gênero textual contemporâneo *Fanfic*.

Esta dissertação se divide em três capítulos. No primeiro, apresentamos o referencial teórico que embasou a construção da proposta de oficinas e a análise dos resultados. Para isso, primeiro se discute a perspectiva dos gêneros textuais em sala de aula, com base em autores como Bakhtin, Marcuschi e Bronckart. Depois, discutimos o conceito de letramento literário e sua importância nas aulas de língua, literatura e produção textual em sala de aula, tendo parâmetro autores como Magda Soares, Rildo Cosson e Graça Paulino.

No segundo capítulo, apresentamos o contexto de aplicação da sequência didática, desde a apresentação da comunidade escolar até o detalhamento da metodologia das oficinas. A partir da aplicação de um questionário de práticas de letramento, pudemos delinear algumas diretrizes para este trabalho, como: perfil dos leitores, práticas de leitura e produção escrita. As aulas abordaram análises de textos literários e de vídeos, além de leitura e produção textual. A revisão e a reescrita foram consideradas etapas importantes, já que, por meio delas, o texto do aluno foi reelaborado a partir das intervenções para uma melhoria no processo da escrita. Houve, ainda, análises comparativas entre a primeira e a última versão dos textos produzidos, a fim de detectar o progresso dos alunos em relação à escrita. A avaliação foi feita de forma contínua, durante todo o desenvolvimento do projeto.

Já o terceiro capítulo se encarrega de analisar o resultado obtido com a aplicação das oficinas. Dessa forma, apresentamos as etapas do projeto de intervenção pedagógica, com o desenvolvimento e a análise de cada uma das oficinas. Discutimos as atividades realizadas pelos estudantes em cada uma das etapas, bem como o processo de escrita do texto narrativo de suspense, que culminou em uma *Fanfic* na oficina final. Ainda nesta seção, fazemos uma breve avaliação da implementação desse projeto de intervenção, analisando suas contribuições para o desenvolvimento das capacidades de escrita dos estudantes.

Por fim, tecemos algumas considerações finais sobre o ensino de produção do texto narrativo conto de suspense e do texto multimodal *Fanfic*. Nessa seção, relatamos as

modificações que ocorreram durante o projeto, os resultados obtidos e apresentamos indicações para futuras pesquisas.

## CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos o referencial teórico que embasou a construção da proposta das oficinas e a análise dos resultados. Para isso, primeiro discutimos a perspectiva dos gêneros textuais em sala de aula, com base em autores como Bakhtin, Marcuschi e Bronckart. Depois, discutimos o conceito de letramento literário e sua importância nas aulas de língua, literatura e produção textual em sala de aula, tendo parâmetro autores como Magda Soares, Rildo Cosson e Graça Paulino. Por fim, tecemos algumas considerações sobre o gênero conto de suspense e a escrita na era da multimodalidade.

### 1.1 A perspectiva dos gêneros textuais

Até pouco tempo atrás, o ensino de Língua Portuguesa se baseava em teorias mais estruturais da língua, em que o texto era visto apenas como um produto que transmite uma mensagem de um emissor para um receptor, desconsiderando a atitude interativa e responsiva dos interlocutores. Nesse sentido, os primeiros estudos da Linguística Textual (LT) tomavam o texto como uma frase complexa e se preocupavam em construir gramáticas. Com o tempo, a LT passou a ver o texto para além de suas formas. Esse deslocamento do objeto de estudo permitiu que fossem compreendidos alguns fenômenos que iam além do limite da frase, como a constituição do texto, o que desencadeava sua coerência, coesão, textualidade e delimitações.

Na lógica estrutural da língua, a disciplina de Língua Portuguesa, ao trabalhar com a escrita, por exemplo, centrava-se no ensino da Tipologia Textual<sup>1</sup>, ainda muito em voga em materiais didáticos e na própria prova de redação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que, há anos, solicita que o aluno “redija um texto dissertativo-argumentativo”.

Segundo Marcuschi (2003, p. 22), a tipologia textual designa “uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)”. Nessa concepção, todos os textos existentes poderiam ser classificados em cinco grupos, conforme Rodrigues (2012, Adaptado):

Narrativos: textos do tipo Narrativo contam um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Ex.: conto, crônica, fábula, lenda, mito, narrativas de aventura, ficção científica, romance, novela, piada, notícia, etc.

---

<sup>1</sup> Diferente da tipologia que surge a partir dos sociointeracionistas, como Bronckart.

Descritivos: textos desse tipo fazem um retrato de um lugar, uma pessoa, um animal ou um objeto. Ex.: Descrição das características físicas e psicológicas de algum personagem.

Dissertativo-expositivos: nesse caso, desenvolve-se ou explica-se um assunto, discorre-se sobre ele, apresentando informações e expondo ideias, mas não há defesa explícita de um ponto de vista (artigo científico, por exemplo). Em princípio, o texto expositivo não está preocupado com a persuasão e, sim, com a transmissão de conhecimento, sendo, portanto, um texto informativo.

Dissertativo-argumentativos: quando o texto tem a intenção clara de persuadir o interlocutor, temos um texto do tipo dissertativo-argumentativo. Nesse tipo textual, além de se exporem ideias, tenta-se convencer o leitor a pensar de alguma maneira. Ex.: Artigo de opinião.

Injuntivos: por fim, textos do tipo Injuntivo indicam como realizar uma ação. Também é utilizado para prever acontecimentos e comportamentos. Os verbos são, na sua maioria, empregados no modo imperativo. Ex.: receitas culinárias, manuais, leis, bulas de remédios.

Conforme explica Rodrigues (2012, p. 52),

(...) os tipos textuais são limitados. Grosso modo, poderíamos dizer que, para se cumprir certas funções comunicativas, certas configurações tipológicas tornam-se mais produtivas, por exemplo: a fábula pertenceria ao tipo narrativo, o artigo de opinião pertenceria ao tipo argumentativo, um manual de instruções pertenceria ao tipo injuntivo, e assim sucessivamente. Contudo, a maioria dos textos traz em si características de vários tipos textuais. Por exemplo, num romance (tipo narrativo), o autor pode usar a descrição para caracterizar algum personagem. Num artigo de opinião (tipo argumentativo), o autor pode usar a narração de algum fato para reforçar seus argumentos.

Ou seja, um ensino de Língua Portuguesa pautado em tipologias textuais é limitado, pois centra-se na regularidades estruturais dos textos, em detrimento de suas funções.

Com o tempo, uma perspectiva mais discursiva da linguagem foi ganhando espaço, uma vez que se disseminaram teorias que defendiam que a linguagem é dialógica e que, portanto, a linguística não poderia desconsiderar a participação do leitor/ouvinte. Essa é a concepção sociointeracionista da linguagem, cujo principal teórico é Mikhail Mikhailovich Bakhtin, filósofo e pesquisador da linguagem, nascido na Rússia. Para Bakhtin (2003), o processo de interlocução configura os gêneros discursivos, ressaltando a importância do contexto sócio-histórico.

No Brasil, autores como João Wanderley Geraldi, Helena Nagamine Brandão, Beth Brait e Luiz Antônio Marcuschi e Roxane Rojo contribuíram para a difusão dessa perspectiva dialógica da linguagem e dos conceitos de gênero textual e gênero discursivo.

Com isso, atualmente, o conceito de gênero textual circula de forma intensa no Brasil, principalmente em documentos oficiais (como nos PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais – e na BNCC – Base Nacional Curricular Comum) e em materiais didáticos (como as coleções do PNLN – Programa Nacional do Livro Didático). A introdução do conceito de gênero nesses materiais e nas discussões sempre empreendidas em cursos de formação de professores trouxe impactos para as formas de se ensinar Língua Portuguesa na escola.

Para Bakhtin (2003), os gêneros textuais são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (p. 262), formas “bem mais flexíveis, plásticas e livres que as formas da língua” (p. 283). Ou seja, são enunciados que apresentam estabilidades e instabilidades, caráter dúbio do gênero, conforme explicado por Rodrigues (2012):

As estabilidades se relacionam à gramática da língua, que contém conceitos internalizados pelos falantes e que não são passíveis de constantes mudanças. Já as instabilidades estão mais relacionadas às situações de comunicação, que são inúmeras e imprevisíveis. Por isso, os gêneros são mais sensíveis a uma certa negociação social do que a gramática internalizada da língua (RODRIGUES, 2012, p.50).

Segundo Bakhtin (2003, p. 282), “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construções do todo”. Nesse sentido, segundo ao autor, haveria gêneros primários ou primeiros – interações da vida cotidiana, como uma conversa familiar – e gêneros secundários ou segundos – que, apesar de originários dos primários, teriam se tornado mais complexos, como um texto científico.

Com isso, ao se trabalhar com o gênero, deve-se abordar, primeiramente, as instâncias sociais, ou seja,

os aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor- isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos – e, a partir desta análise, as marcas linguísticas (formas de texto enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação (ROJO, 2005, p. 196).

Para Bronckart (1999), os gêneros textuais são enunciados que se adaptam constantemente à evolução dos relacionamentos sócio-comunicativos e são portadores de múltiplas indexações sociais. Eles são organizados em nebulosas, com fronteiras incertas e

instáveis. Para o autor, os gêneros textuais não podem ser classificados e definidos apenas com base em suas propriedades linguísticas.

Adepto das teorias de Bakhtin, Marcuschi (2003) destaca que a noção de gênero discursivo é propositalmente vaga (“relativamente estável”) porque os textos não possuem um formato eternamente estanque a ser seguido.

Logo, um gênero discursivo/textual não é só a sua forma, mas, sobretudo, a sua função. E essa função ajuda a delimitar os elementos que irão compor o texto a fim de que ele realize os objetivos desejados (MARCUSCHI, 2003).

Já Trask (2006) diz que gênero é uma

variedade de texto historicamente estável, dotada de traços distintivos evidentes. (...) O fato fundamental a respeito de um dado gênero é aquele que tem alguns traços distintivos, prontamente identificáveis, que o opõem marcadamente a outros gêneros, e que esses traços permanecem estáveis por um período de tempo considerável. Na maioria dos casos um gênero particular também ocupa um lugar bem definido na cultura do povo que o utiliza. (TRASK, 2006, p. 123)

Em seu Dicionário de Gêneros Textuais, Costa (2008) definiu os gêneros como formas heterogêneas, sócio-discursivo-enunciativas, orais e escritas, dadas pela tradição e pela cultura – ontem e hoje.

Sobre as já citadas estabilidades e instabilidades dos gêneros, Brandão (2008, p.01) diz que

O gênero se constitui como conjunto de traços marcados por certa regularidade, o que lhe confere relativa estabilidade, e ao mesmo tempo, pelo seu caráter sócio-histórico, se constitui de pontos de fuga, forças que atuam sobre as coerções genéricas, desestabilizando-o e possibilitando novas formas de comunicação e expressão.

Exemplificando esse conceito de Brandão (2008), Rodrigues (2012) aponta que, muitas vezes, as marcas linguísticas dos gêneros são mais ou menos fixas ou estereotipadas. Essas marcas apontam em que gênero o texto se insere, por exemplo: Era uma vez (abertura de uma narrativa ficcional); Prezado amigo (abertura de carta); Tome meio quilo de açúcar e adicione... (receita culinária); Alô, quem é? (telefonema). No entanto, a forma de um gênero não é cristalizada, homogênea. Os gêneros “novos”, por exemplo, não são inéditos, pois se ancoram em gêneros já existentes, como o gênero e-mail se ancora no gênero carta (RODRIGUES, 2012, p.50).

Por fim, relevando todas as diferenças nas definições desses autores sobre os gêneros textuais e discursivos e valorizando o que elas têm em comum, podemos estabelecer que os gêneros são enunciados orais ou escritos mais ou menos estáveis tomados pelos interlocutores

em situações habituais de comunicação definidas e demandadas pelo contexto social. Todo usuário de uma língua reconhece as situações específicas de comunicação como instância de um gênero definido por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição específicas e com características sócio-comunicativas específicas.

A discussão sobre os gêneros textuais ganhou novo fôlego com o advento da internet. Talvez aquele tempo considerável, evocado por Trask (2006), em que os traços que distinguem cada gênero permanecem estáveis, tenha chegado ao fim. Essa situação pode ser esclarecida nos estudos de DIAS *et al* (2011).

(...) embora esses autores objetivassem um trabalho com gêneros de enunciados ou de textos pertencentes a um gênero, ao concretizarem suas análises, o faziam por meio de categorias analíticas distintas. Ou seja, os analistas do discurso recorriam às marcas linguísticas determinadas pelas situações de enunciação que produziam significações e temas relevantes no discurso e, ao fazê-lo, utilizavam-se de um aporte teórico de base enunciativa. Os analistas textuais, por sua vez, recorriam às bases teóricas da linguística textual, com o intuito de analisar a estrutura ou forma composicional, que se fazem presentes na composição dos textos dos gêneros. Essas duas vertentes de análise demonstram, segundo a autora, que há diferenças de método e de concepção. Aqueles que adotam os gêneros discursivos darão prioridade para a significação dos enunciados, para a acentuação valorativa e o tema, perceptíveis por meio das marcas linguísticas, pelo estilo e pela forma composicional do texto. Em contrapartida, para aqueles que adotam os gêneros textuais, a significação é preterida e abordada apenas em relação ao conteúdo temático. (DIAS *et al*, 2011, p. 151)

Vale destacar que o conceito de “discursivo” e de “textual” podem e devem ser melhor explicitadas para que o leitor entenda qual concepção foi adotada nas oficinas. São conceitos de diferentes vertentes teóricas, mas ambos originados dos estudos Bakhtin, a teoria fundante.

Segundo Rojo (2005) a teoria dos gêneros do discurso (Bakhtin) privilegia o estudo das situações de produção dos enunciados ou textos em seus aspectos sócio-históricos, ou seja, a tendência é analisar os aspectos da materialidade linguística relativos à situação da enunciação, ou discursiva, sem a pretensão de esgotar os aspectos linguísticos ou textuais. Já a teoria dos gêneros de textos (Bronckart) centra-se na descrição da materialidade textual, ou seja, em fatores relativos à estrutura ou à forma composicional.

Portanto, embora haja muita semelhança entre essas duas teorias, as noções de “gênero textual” e “gênero discursivo” se relacionam à perspectiva adotada: do texto ou do discurso.

Dito isso, afirmamos que a perspectiva de gênero adotada neste trabalho aproxima-se mais da discursiva bakhtiniana, uma vez que o objeto de trabalho escolhido para as oficinas

busca possibilitar aos alunos o acesso à diversidade de gêneros e o desenvolvimento da competência discursiva.

## 1.2 Letramento Literário

No Brasil, o conceito de letramento guarda estreita relação com o conceito de alfabetização. Segundo Magda Soares,

Ora se rejeita o uso da palavra e do conceito *letramento*, com o argumento de que bastam a palavra e o conceito *alfabetização*, pois deve-se entender por alfabetização muito mais do que aprendizagem da tecnologia da escrita (...). Ora, ao contrário, se rejeita o uso de *alfabetização*, com o argumento de que aprender a ler e escrever é muito mais que aquilo a que essa palavra tradicionalmente se refere, sendo conveniente que haja um outro nome que evite atribuir sentido restrito à aprendizagem da língua escrita. Há ainda quem defenda que a alfabetização precede o letramento: primeiro aprende-se a ler e a escrever, verbos considerados como intransitivos, sem complementos, para só depois ler e escrever, agora atribuindo complementos aos verbos – ler e escrever diferentes gêneros, em diferentes portadores etc.. E há quem, ao contrário, defenda – e é esta a minha posição – que alfabetização e letramento são processos diferentes, mas indissociáveis: embora se diferenciem quanto às habilidades cognitivas que envolvem, e, conseqüentemente, impliquem formas diferentes de aprendizagem, são processos simultâneos e interdependentes (SOARES, 2010, p. 60-61.).

Vemos, portanto, que “é inevitável e legítima a convivência dos termos *alfabetização* e *letramento* e de diferentes concepções a eles subjacentes” (MARINHO, 2010, p. 19).

Numa perspectiva educacional, que é a adotada nesta pesquisa,

letramento designa as habilidades de leitura e escrita de crianças, jovens ou adultos, em práticas sociais que envolvem a língua escrita. É este o conceito de letramento que, entre nós, está presente nas práticas escolares, nos parâmetros curriculares, no programas, nas avaliações que vêm sendo repetidamente feitas em diferentes níveis – nacional, estaduais, municipais. (SOARES, 2010, p. 57)

Portanto, a alfabetização seria o que se aprende na escola, a aquisição individual do código. Já o letramento não se dá necessariamente ou apenas na escola, pois são práticas sociais relacionadas a interações do cotidiano. Letramento, portanto, não se confunde com alfabetização, porque não se resume a ela (RODRIGUES, 2012). Podemos dizer que letramento é, portanto, a habilidade de lidar com as práticas sociais mediadas pela leitura e pela escrita.

Nesse contexto, por uma extensão do conceito, criou-se o termo **Letramento Literário**, que, segundo Cosson

é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. [...] Primeiro, o processo, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o letramento literário começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de apropriação, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la

pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes. (COSSON, 2014, p.185)

É papel do professor sistematizar atividades que promovam essas práticas, a fim de levar o aluno a interagir com elas, oferecendo instrumentos para que eles possam ser capazes de descobrir seu potencial de autoria escritora, bem como a melhoria da qualidade no seu desempenho oral, leitor e de usuário reflexivo de sua língua. O contato com a literatura, por exemplo, mobiliza os sentidos e amplia as possibilidades de imaginação, tão importantes para a formação do sujeito.

Paulino (2010) defende que, na escola, a literatura passa por um processo de escolarização. Os modos escolares de ler o texto literário se distanciam da experiência artística e têm objetivos práticos relacionados a questões como morfologia e ortografia. Para a autora, formar o leitor literário é prepará-lo para escolher suas leituras, apreciar construções estéticas, enfim, fazer da literatura um prazer. O letramento literário seria, então, uma questão de apropriação de práticas sociais de leituras/escrita que passam também pela escola.

Para Martins; Corrêa; Machado (2013, p. 118) “a escola não tem cumprido bem a função de agência de formação de leitores e democratização da cultura que se oferece nos livros de literatura”, uma vez que os livros indicados, muitas vezes, não atraem os estudantes. Essa questão nos traz algumas reflexões citadas pelos autores. A falta de mediação da leitura literária, a escolha de livros complicados e a ausência de conformidade com o nível de escolaridade e a faixa etária dos alunos comprometem a familiaridade com a leitura. Outro ponto relevante discutido neste artigo é o fato de muitos professores não considerarem a preferência dos alunos, nem “os repertórios culturais que os jovens constroem nas relações sociais” (p.121). Segundo os autores “é preciso estar sintonizado com os interesses e as disposições desses, para não afastá-los da literatura, mesmo que movidos das melhores das intenções” (p.119).

Nessa perspectiva, o trabalho com textos que fazem parte do universo dos alunos e, principalmente, os do universo digital, pode contribuir para diminuir a lacuna que há entre leitura obrigatória e leitura prazerosa. Exemplo disso são os inúmeros leitores e produtores de *Fanfics*. De acordo com Martins; Corrêa; Machado (2013, p. 121)

Hoje, em tempos de multiplicação das mídias de leitura e escrita, podemos aprender muito com o movimento de leituras sustentado pelas redes criadas na internet – por exemplo, as *fanfictions*, expressão para produções de grupos de fãs de determinado gênero ou séries que criam as suas próprias histórias a partir das leituras de que gostam -, onde se criam outros espaços de interlocução sobre leitura literária entre os jovens, que precisamos compreender.

Assim, é possível, a partir da leitura e da produção de textos contemporâneos e multimodais, chegar às múltiplas formas de letramento e, também, contemplar o processo de letramento literário em sua complexidade (MARTINS; CORRÊA; MACHADO, 2013).

O texto literário, em especial o narrativo, pode levar os alunos à inserção na cultura letrada, pois possibilita o acesso a outros sentidos, além de aumentar o repertório vocabular e de possibilitar o desenvolvimento da criatividade.

De acordo com Santos e Oliveira,

em toda história há uma voz que narra. No cenário da ficção, a figura do narrador deve ser entendida fundamentalmente como categoria textual à qual cabe a tarefa de enunciar o discurso. Trata-se, portanto, de um ser de papel que, como articulador da narração, determina o ponto de vista. Sendo assim, a narrativa constrói-se através de uma série de convenções que se revelam a partir do ponto de vista escolhido. (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p.4)

Nesse contexto, ele exercerá, também, o direito de autoria. Direito esse contestado por Bottega (2002), que considera que o artificialismo predomina nas atividades de produção textual, uma vez que há o apagamento da voz do aluno e a sala de aula propicia um espaço de “imperialismo do discurso monológico do professor”, dificultando a interação professor/aluno.

A escolarização dos gêneros, embora, reduza as possibilidades comunicativas dos textos, não neutralizam a sua função, pelo contrário, exerce uma função ímpar, que é a de contribuir valiosamente para o letramento dos alunos.

Portanto, simular o contexto de produção e circulação de um gênero em sala de aula pode ser uma estratégia produtiva para que os alunos se apropriem das características dos inúmeros gêneros discursivos que circulam nas situações cotidianas de comunicação. Mesmo, um conto, escrito em sala de aula, com finalidade de avaliação e que não tem a pretensão de ser publicado, também terá exercido uma função social.

O foco desta pesquisa é a produção escrita, para isso selecionamos a produção de textos do discurso ficcional, por entender que, dessa maneira, o aluno tem a oportunidade de degustar do universo literário. Com isso, julgamos essencial o trabalho com a leitura de textos literários, a fim de proporcionar aos alunos um repertório cultural que possam aplicar nas produções futuras. É importante lembrar que atividades que levem o aluno a refletir sobre a produção de todo como um todo, também, leva a aprendizagem. Assim, elencamos as propostas de Cavalcanti (2011) e de Antunes (2010) para realizar as análises.

### 1.3 O Gênero Conto de Suspense

Segundo Gotlib (2003, p. 16), o gênero textual conto “é uma narrativa breve; desenrolando um só incidente predominante e um só personagem principal, contém um só assunto, cujos detalhes são tão comprimidos e o conjunto do tratamento tão organizado, que produzem uma só impressão”.

O dicionário Aulete on line define o vocábulo suspense como 1. Momento de maior tensão em obra literária, de teatro, cinema ou televisão 2. Técnica pela qual a ação, nesses casos, é levada a se retardar ou parar em momentos cruciais, para suscitar a ansiedade do leitor ou espectador (narrativa de suspense) 3. Toda situação cujo desenlace provoca a ansiedade das pessoas ou a explora intencionalmente.

Em textos narrativos e dramáticos, podemos perceber o suspense aliado a sentimentos de apreensão ou ansiedade em relação a determinadas situações no desenrolar da história. No entanto, o suspense não é exclusividade da ficcionalidade, a ocorrência deste também se dá em situações cotidianas e corriqueiras.

Segundo Todorov (2006), o romance de suspense é a mistura de dois romances: romance de enigma e o romance negro. Para melhor compreender a essência do que buscamos na produção dos alunos, devemos entender o que significa cada um deles.

Para Todorov, no romance de enigma há

duas histórias das quais uma está ausente mas é real, a outra presente mas insignificante. Essa presença e essa ausência explicam a existência das duas na continuidade da narrativa. A primeira comporta tantas convenções e processos literários (que não são outra coisa senão a “trama” da narrativa) que o autor não pode deixá-los sem explicação. Esses processos são, notemo-lo, essencialmente de dois tipos: inversões temporais e “visões” particulares: o teor de cada informação é determinado pela pessoa daquele que a transmite, não existe observação sem observador; o autor não pode, por definição, ser onisciente, como era no romance clássico. A segunda história aparece, pois, como um lugar onde se justificam e se “naturalizam” todos esses processos: para dar-lhe um ar “natural”, o autor deve explicar que está escrevendo um livro! E é temendo que essa segunda história se torne opaca ela própria que ele joga uma sombra inútil sobre a primeira, que tanto se recomendou o estilo neutro e simples, tornado imperceptível. (TODOROV, 2006, p. 98).

Já o romance negro, segundo o mesmo autor

é um romance que funde as duas histórias ou, por outras palavras, suprime a primeira e dá vida à segunda. Não é mais um crime anterior ao momento da narrativa que se conta, a narrativa coincide com a ação. Nenhum romance negro é apresentado sob a forma de memórias: não há ponto de chegada a partir do qual o narrador abranja os acontecimentos passados, não sabemos se ele chegará vivo ao fim da história. A prospecção substitui a retrospectiva. Não há história a adivinhar; não há mistério, no sentido em que ele estava presente no romance de enigma. Mas o interesse do leitor não diminui por isso: nota-se aqui que existem duas formas de interesse completamente diferentes. A primeira pode ser chamada de curiosidade; sua caminhada vai do efeito à causa; a partir de certo efeito (um cadáver e certos indícios) é preciso encontrar a causa (o culpado e o que o levou ao crime). A segunda forma é o

suspense e aqui se vai da causa ao efeito: mostram-nos primeiramente as causas, os dados iniciais (*gangs* que preparam um golpe) e nosso interesse é sustentado pela espera do que vai acontecer, isto é, dos efeitos (cadáveres, crimes, dificuldades). Esse tipo de interesse era inconcebível no romance de enigma, pois suas personagens principais (o detetive e seu amigo, o narrador) eram, por definição, imunes: nada podia acontecer-lhes. A situação se inverte no romance negro: tudo é possível, e o detetive arrisca sua saúde, senão sua vida. (TODOROV, 2006, p. 98-99).

### Assim, Todorov define o romance de suspense

Do romance de enigma, ele conserva o mistério e as duas histórias, a do passado e a do presente; mas recusa-se a reduzir a segunda a uma simples detecção da verdade. Como no romance negro, é essa segunda história que toma aqui o lugar central. O leitor está interessado não só no que aconteceu, mas também no que acontecerá mais tarde, interroga-se tanto sobre o futuro quanto sobre o passado. Os dois tipos de interesse se acham pois aqui reunidos: existe a curiosidade de saber como se explicam os acontecimentos já passados; e há também o suspense: que vai acontecer às personagens principais? Essas personagens gozavam de imunidade, estamos lembrados, no romance de enigma; aqui elas arriscam constantemente a vida. O mistério tem uma função diferente daquela que tinha no romance de enigma: é antes um ponto de partida, e o interesse principal vem da segunda história, a que se desenrola no presente. (TODOROV, 2006, p. 101-102).

Nesse sentido, adotamos o conceito de gênero textual conto de suspense como sendo uma narrativa misteriosa em que o narrador apresenta ao leitor duas histórias a fim de despistá-lo e seduzi-lo, semelhante a um jogo, além de ser um texto que explora o vocabulário para causar o efeito suspense.

Portanto, para efeitos desta pesquisa, consideramos que o conto é um texto narrativo breve, em prosa, uma unidade concisa que causa um efeito singular no leitor, como a emotividade. Por isso, diferencia-se do romance e da novela pela delimitação, pois, nesses, geralmente, há um só conflito, evitando-se as descrições longas e outros acessórios do romance. A narrativa tende a ser mais linear, apresenta poucas personagens. Também não costuma se ater na narração das motivações das ações das personagens.

No caso desta pesquisa, o gênero textual conto de suspense, escolhido para ser objeto de pesquisa e análise, permitirá ao aluno perpassar por suas experiências e transpô-las na materialidade do texto que será produzido, uma vez que, para que haja o suspense, segundo Piglia (2004), é necessário haver uma narrativa cifrada. Para Cortázar (2006), “a gênese do conto é, contudo, a mesma, nasce de um repentino estranhamento, de um deslocar-se que altera o regime ‘normal’ da consciência”.

Os estudos de Piglia (2004) trazem uma importante contribuição no que diz respeito ao trabalho com o gênero textual conto. Para o autor,

A arte de narrar se baseia na leitura equivocada dos sinais. Tal como as artes divinatórias, a narração desvela um mundo esquecido em pegadas que encerram o

segredo do futuro. A arte de narrar é a arte da percepção errada e da distorção. O relato avança segundo um plano férreo e incompreensível, e perto do final surge no horizonte a visão de uma realidade desconhecida: o final faz ver um sentido secreto que estava cifrado e como que ausente na sucessão clara dos fatos (PIGLIA, 2004, p.103).

Portanto, podemos sintetizar que o gênero conto de suspense é uma narrativa curta em que o principal instrumento motivador da história é a excitação, a expectativa causada no leitor diante de um enigma. A leitura de um conto de suspense causa no leitor uma sensação de agonia ou tensão oriunda de fatos indecifráveis que adiam a resolução da trama.

Esta pesquisa trabalhou com o gênero textual conto de suspense, desenvolvendo oficinas, baseadas na teoria de Dolz e Schneuwly (2004) em forma de um projeto de intervenção, semelhante à sequência didática, como objetos de aprendizagem, visando desenvolver a leitura do gênero em questão, ampliando a cultura letrada dos alunos em vulnerabilidade social. Segundo esses autores, uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação (DOLZ, SCHNEUWLY, 2004).

#### **1.4 Multimodalidade**

Podemos definir Multimodalidade como a presença de mais de um código semiótico em determinado trabalho, ou seja, quando letras, sons e imagens (em foto ou vídeo) aparecem em conjunto em um mesmo trabalho e contribuem mutuamente para a construção de significado (KRESS, 2003).

Segundo Medeiros (2011)

Num ambiente virtual, o texto em si, o suporte, o *design* da tela, o arranjo dos diversos itens, as formas, os tamanhos, as cores, tudo isso compõem a multimodalidade. Todos esses elementos vão para além da função estética, eles também participam da construção de sentido pelo sujeito, ajudam a definir as escolhas que serão feitas, a navegação, a escrita (MEDEIROS, 2011, p. 27).

Jewitt; Kress (2003, *apud* Paiva 2014) definem multimodalidade como

(...) uma abordagem interdisciplinar que entende a comunicação e a representação como envolvendo mais que a língua. Os estudos nesse campo têm se desenvolvido nas últimas décadas de modo a tratar sistematicamente de questões muito discutidas sobre as mudanças na sociedade, por exemplo, em relação às novas mídias e tecnologias. Abordagens multimodais têm proposto conceitos, métodos e perspectivas de trabalho para a coleção e análise de aspectos visuais, auditivos, corporificados e espaciais da interação e dos ambientes, bem como da relação entre os mesmos. (JEWITT; KRESS, 2003, p. 48)

Desse modo, com a multimodalidade do ciberespaço, inauguram-se novas formas de o aluno ler, produzir sentido e elaborar o seu próprio texto. Para se produzir um texto, o aluno usuário do ciberespaço lança mão de diversos outros recursos antes e durante a escrita, não havendo mais a exclusividade do papel e da caneta.

De acordo com Dionísio (2014)

Multiletrar é, portanto, buscar desenvolver cognitivamente nossos alunos, uma vez que a nossa competência genérica se constrói e se atualiza através das linguagens que permeiam nossas formas de produzir textos. Assim, as práticas de multiletramentos devem ser entendidas como processos sociais que se interpoem em nossas rotinas diárias. (DIONÍSIO, 2014, p. 41)

Assim, consideramos importante o desenvolvimento das práticas de multiletramentos no processo escolar, a fim de proporcionar aos alunos inserção nesse universo. As atividades desenvolvidas a partir do conceito de multiletramentos podem levar o aluno a desenvolver diversas habilidades que vão além do processo cognitivo formal.

Infelizmente, essa realidade é, ainda, distante em muitas escolas. Há muito tempo, fala-se sobre a busca de estratégias para que os estudantes possam ter uma aprendizagem significativa e eficaz. Partindo dos estudos sobre multiletramentos, é possível oportunizar que o uso de diversos códigos semióticos viabilize a aprendizagem de forma a considerar as diversas habilidades que os alunos possuem.

Rojó (2012) define o conceito de multiletramentos como textos compostos de inúmeras linguagens e que exigem habilidades de compreensão e produção para fazer significar. A mesma autora destaca o papel relevante da aprendizagem pautada na pedagogia dos multiletramentos ao afirmar que os textos que os constituem são interativos e colaborativos. Essas características são fundamentais para o trabalho a ser desenvolvido nesta pesquisa.

#### 1.4.1 O gênero *Fanfic*

A definição mais comum para este gênero pode ser retirada de BLACK (2006, p. 3 *apud* Cavalcanti, 2010, p. 6):

Fanfiction é escrita na qual os fãs usam narrativas midiáticas ou ícones culturais como inspiração para criar seus próprios textos. Em tais textos, os fãs autores imaginativamente estendem o enredo ou a cronologia original (...), criam novos personagens (...), e/ou desenvolvem novos relacionamentos entre personagens já presentes na fonte original (Tradução minha).

Segundo Zaponne (2008), *Fanfics* são “produções narrativas veiculadas por sites que publicam contos, romances ou histórias em quadrinhos que exploram um certo gênero ou

certa personagem”. Essas produções extrapolam o ato solitário do leitor moderno, ou seja, busca satisfazer o desejo do leitor, completando a fragmentação que algumas obras deixam. Dessa forma, o leitor participa ativamente, produzindo um novo texto narrativo e, conseqüentemente, avança na prática de letramento literário. Essa participação propicia aos produtores dos textos um trabalho colaborativo com o outro, através da escrita colaborativa e do recurso da metalinguagem (AZZARI; CUSTÓDIO, 2013).

Cavalcanti (2010, p.3) esclarece que

A *fanfiction* embora não seja um gênero gerado pelos ambientes virtuais, neles se popularizou e diversificou. De fato, podemos encontrar plataformas dedicadas à produção e divulgação destes textos, tais como sites de relacionamento, blogs e websites. Não raro também encontramos dicas de como escrever ou sugestões de como associar uma *fanfic* a outras semioses.

Nessa perspectiva, o ciberespaço *Fanfic* extrapola o que a leitura de objetos culturais – livros, filmes, peças teatrais, entre outros – pode oferecer aos seus receptores, uma vez que o processo de um novo produto pode preencher a lacuna que o texto original deixou ao leitor. Em sala de aula, práticas didáticas que envolvam as *Fanfic's* poderão levar os alunos da contemporaneidade ao multiletramento, um conceito latente no ambiente de ensino-aprendizagem. E esse ambiente deve propiciar aos alunos atividades que despertem a sensibilidade para o mundo global digital.

Nesse contexto, os produtores dos *Fanfics*, segundo Parrish (2007), são, ao mesmo tempo, autores, leitores e avaliadores dos textos, uma vez que exercem essas funções à medida que interagem com seus próprios textos e com os textos de outros autores.

Esse tipo de escrita tem atraído muitos seguidores, principalmente, jovens e adolescentes que se sentem confortáveis em escrever sobre seus ídolos ou dar continuidade a histórias de que eles gostam muito.

Cavalcanti (2010, p.9) caracteriza o perfil dos fanfiqueros

A contemporaneidade também influenciou a mídia das obras, assim não se pode limitar o número de fontes: existem *fics* para celebridades, livros, revistas em quadrinhos, músicas, poesias, animações e outros frutos da cultura pop. De modo semelhante, não podemos adivinhar como cada fanfiquero irá proceder com o material do qual se apropria. Por isso, as *fanfics* geralmente trazem dicas para a formulação de hipóteses de leitura: os sites e blogs de publicação de *fanfics* as trazem classificadas de acordo com: a mídia de origem, classificação de maturidade, teor (comédia, drama, angústia, humor).

Cruz (2008) discute sobre a questão da falta de interesse dos jovens pela leitura. No entanto, segundo esse mesmo autor, o acesso a sites de *Fanfics* indicam que “os números de um único endereço eletrônico nos mostram um estrondoso interesse, pessoal e voluntário, na

produção e leitura de um determinado gênero textual” (CRUZ, 2008) Essa postura confirma o novo perfil dos leitores e produtores de textos da contemporaneidade, “os jovens têm buscado seu próprio jeito de ler e produzir como querem, o que querem e onde querem” (CRUZ, 2008).

Um fator relevante em relação à interação dos leitores e produtores de *Fanfics*, também, é discutido por Costa (2009)

A interação entre os diversos membros de uma comunidade se dá por meio de canais de comunicação. A internet apresenta possibilidades de canais sem a necessidade de um mediador – uma inovação em termos de comunicação, pois mesmo os blogs, um sistema considerado mais aberto que os demais, costumam possuí-lo. Fóruns e sites como o [fanfiction.net](http://www.fanfiction.net) permitem o contato direto entre o emissor e o receptor de uma mensagem, além da inversão quase imediata de papéis entre eles, a partir do momento que o diálogo se dá de forma constante e frequente, e, no caso das *fanfictions*, paralelo à produção textual. (COSTA, 2009)

A produção do gênero textual conto de suspense no ciberespaço *Fanfic* permite ao produtor do texto acionar o contrato de comunicação com o leitor, além de possibilitar a ficcionalidade a partir de um desejo de interferência na obra já produzida. Além de, segundo Cavalcanti (2010) ser “um apelo constante à integração de elementos de ou obras variadas, à participação do leitor, à sua tomada de posição”.

É essa perspectiva que norteia a ideia desta pesquisa. O intuito é que os contos de suspense possam levar os alunos em vulnerabilidade social à inserção em um mundo de histórias em que ele se coloque como autor. É importante salientar que este trabalho não tem a intenção de escolarizar a escrita das *Fanfics* e, sim, oferecer a esses alunos uma oportunidade de conhecer, experimentar e praticar essa escrita contemporânea. Esse pensamento comunga com os estudos de Ferreira e Ferreira (2012), que afirmam que as “*fanfics* podem ser utilizadas como recursos estratégicos, aproximando professor e aluno na busca de uma escrita e leitura mais dinâmica e atrativa”.

Para contribuir com o processo de construção do texto multimodal, utilizamos o servidor [www.wikia.com](http://www.wikia.com). Segundo Paiva (2012)

A Wiki é uma ferramenta digital que permite a produção de textos online de forma cumulativa, ou seja, diferentes pessoas estão envolvidas no processo e as edições podem ser alteradas pelos usuários. Sendo assim, o produto final é resultado de um trabalho em grupo distinto dos demais: contribuições de diversas pessoas ou várias contribuições de uma mesma pessoa, feitas em horários diferentes.

Diante disso, criamos uma página ([http://pt-br.do-suspense-de-um-conto-a-um-conto-de-suspense.wikia.com/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt-br.do-suspense-de-um-conto-a-um-conto-de-suspense.wikia.com/wiki/P%C3%A1gina_principal)) dentro desse servidor para que os alunos pudessem interagir e realizar as novas versões do texto. Nesse ambiente, foi

possível observar a interação dos alunos com outras semioses e perceber que os multiletramentos acontecem. Assim, comungamos com os autores Kress (2003), Medeiros (2011) e Dionísio (2014).

Neste capítulo, discutimos questões acerca do referencial teórico que embasa este trabalho. Diante disso, apresentamos a importância do letramento literário e do uso de atividades que envolvam os recursos da multimodalidade. Apresentamos o conceito de *Fanfics* e procuramos esclarecer que o uso desse “gênero” em um projeto escolar não denota uma escolarização desse texto e, sim, uma maneira de proporcionar aos alunos novas experiências de escrita.

A seguir, são apresentadas as bases metodológicas que fundamentam este trabalho e os procedimentos adotados para a escolha dos alunos que participaram desta pesquisa. Detalharemos, também, através de análise, o questionário de práticas de letramento que foi o nosso ponto de partida para reformular as oficinas que fizeram parte deste trabalho.

## CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DAS OFICINAS

Para a implementação da pesquisa, foram esclarecidos, tanto para os estudantes, quanto para seus responsáveis, os conteúdos a serem trabalhados durante as aplicações das oficinas, a geração de registros, a divulgação dos resultados e a garantia do anonimato. Todos concordaram com a participação voluntária, assinando o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), para os alunos, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para os responsáveis. Assim, obteve-se a aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa, por meio de Parecer consubstanciado, nº 1.649.255 (Anexo 4).

A princípio, este projeto foi elaborado para ser aplicado em uma escola municipal na cidade de Ipatinga, no entanto, em virtude da minha nomeação pela SEE/MG (Secretaria de Estadual do Estado de Minas Gerais), tivemos que adaptá-lo. Fui nomeada para assumir o cargo em uma escola na cidade de Timóteo, no mês de junho, e acreditamos que isso pode ter impactado no desenvolvimento do trabalho. Sabemos que começar a trabalhar com uma turma que já havia acostumado com o ritmo de trabalho de outro professor é desafiador e que a todo tempo temos que conquistar nosso espaço e os novos alunos. Com isso, nas primeiras atividades, tive certa dificuldade em relação ao envolvimento dos alunos, à disciplina e ao ritmo de trabalho.

O projeto foi implementado em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual Antônio Silva, em Timóteo/MG, na qual eu sou professora regente. Os alunos têm idades entre 13 e 15 anos e apresentam dificuldades semelhantes em relação à escrita. O trabalho foi executado nos meses de junho, julho, agosto e setembro de 2016, durante as aulas regulares, no turno vespertino, e em contra turno ao horário de aulas regulares, no noturno. Para a realização das oficinas, foram necessárias 22 aulas, com duração de 50 minutos cada.

Como já esclarecido na introdução desta dissertação, o objetivo deste trabalho é contribuir para a formação leitora e escritora dos alunos; afinal, cabe à escola garantir a formação dos alunos como cidadãos competentes, aptos a interagir nos diversos setores da sociedade. Nesse viés, o ensino da cultura escrita e de leitura, principalmente a literária, contribui para “desenvolver uma capacidade interpretativa que permita tanto uma socialização mais rica e lúcida dos indivíduos como a experimentação de um prazer literário que se constrói ao longo do processo” (COLOMER, 2007, p. 45).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que

saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 1996, p. 41).

Aliando a leitura à escrita, os PCN's também reforçam o trabalho efetivo com a produção textual, a qual tem “como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes” (BRASIL, 1996, p. 47). Nesse processo, destaca-se “o papel do professor como um propiciador e facilitador da reflexão, passando a compreender melhor como seu discurso está sendo lido e que forma essa leitura foi construída” (SUASSUNA, 2013, p. 119) e não apenas um corretor de problemas linguísticos.

Mais recentemente, discussões prévias à implantação da BNCC (Base Nacional Curricular Comum) definem que

a área de Linguagens reúne quatro componentes curriculares: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Arte e Educação Física. Esses componentes articulam-se na medida em que envolvem experiências de criação, de produção e de fruição de linguagens. a aprendizagem na área de linguagens “integra quatro componentes em uma área também busca romper com uma lógica de organização escolar que reforça certa dissociação e hierarquia entre as linguagens, considerando que, na vida social, os sentidos de textos, objetos e obras são construídos a partir da articulação de vários recursos expressivos. (...) Concebida como forma de ação e interação no mundo e como processo de construção de sentidos, a linguagem é, portanto, o elo integrador da área. A utilização do termo linguagens, no plural, aponta para a abrangência do aprendizado na área, que recobre não apenas a linguagem verbal, mas as linguagens musical, visual e corporal. A integração dos quatro componentes em uma área também busca romper com uma lógica de organização escolar que reforça certa dissociação e hierarquia entre as linguagens, considerando que, na vida social, os sentidos de textos, objetos e obras são construídos a partir da articulação de vários recursos expressivos<sup>2</sup>.

Nesse sentido, segundo a BNCC, a área de Linguagens será responsável por

garantir o domínio da escrita, que envolve a alfabetização, entendida como compreensão do sistema de escrita alfabético-ortográfico, e o domínio progressivo das convenções da escrita, para ler e produzir textos em diferentes situações de comunicação<sup>3</sup>.

Assim, a disciplina de Língua Portuguesa estará aliada a outras áreas do conhecimento e, através de atividades com ênfase no tópico relevante para este trabalho, “PRÁTICAS CULTURAIS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO”, definido na BNCC, estaremos contribuindo para que o aluno “compreenda e produza textos multimodais, articulando diferentes modalidades de linguagem no uso das tecnologias da informação”.

---

<sup>2</sup> Informação disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em 1 de outubro de 2016.

<sup>3</sup> Informação disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em 1 de outubro de 2016.

Outro subtópico importante da BNCC e que comunga com este trabalho diz respeito

à participação em situações de leitura/escuta, produção oral/escrita de textos que possibilitem conhecer produções culturais e literárias, valorizar nossa diversidade cultural e linguística, vivenciar experiências estéticas e de fruição literária<sup>4</sup>.

Essas recentes discussões também priorizam a formação competente do leitor e do produtor de textos, assim como os PCN's. Com isso, o ensino multidisciplinar fica mais evidente a partir da BNCC e orienta que o professor poderá desenvolver atividades que sejam importantes para que o aluno possa atingir uma aprendizagem mais significativa, principalmente com a inserção do aluno no universo multimodal. Percebe-se, também, a importância da inserção da leitura e da escrita *online*, uma vez que esse novo formato está muito próximo da nossa realidade. Não podemos desconsiderar que, hoje, nossos alunos têm lido uma infinidade de textos que circulam na Internet e vale a pena refletir sobre esse processo que atrai esses novos leitores e escritores.

Trata-se, portanto, de uma proposta que envolve atividades voltadas para os multiletramentos, desenvolvidas no espaço escolar e tendo como objetivo não somente minimizar o problema apresentado, mas, sobretudo, apresentar formas lúdicas e inovadoras de promoção da leitura literária e *online* dentro e fora do ambiente escolar. Para isso, contamos com participação dos alunos envolvidos na pesquisa, da direção da escola, dos supervisores pedagógicos, dos pais e dos professores do laboratório de informática.

## 2.1 O método de pesquisa

A metodologia escolhida para esta pesquisa foi a abordagem baseada na pesquisa-ação. De acordo com Thiollent

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14)

O método escolhido permite uma atuação maior dos agentes da pesquisa e nenhum tem maior ou menor importância no processo de aprendizagem, já que, segundo Thiollent; Colette (2014, p. 211), “as ações decorrem de um amplo trabalho de tematização e reflexão junto com os interessados”. Por se tratar de uma pesquisa educacional, o seu principal objetivo é a melhoria no processo ensino-aprendizagem. Com essa escolha,

---

<sup>4</sup> Informação disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em 1 de outubro de 2016.

o docente desempenha um papel de pesquisador sobre: o conteúdo do ensino; o grupo; a didática; a comunicação; a melhoria da aprendizagem dos estudantes; os valores da educação; e o ambiente em que esta ocorre. O professor-pesquisador tem autonomia. Seu ensino está embasado em pesquisa e não em conhecimentos prontos, codificados em material de instrução. (THIOLLENT; COLETTE, 2014, p 213.)

Para alcançar os objetivos traçados, os passos metodológicos foram organizados da seguinte maneira: uma sondagem sobre as práticas de letramento dos alunos, a elaboração de uma série de atividades a partir do conto “O dedo”, de Lygia Fagundes Telles, a investigação sobre o processo de aprendizagem da cultura letrada e a inserção dos alunos no mundo digital a partir da leitura e da produção da *Fanfics*.

## **2.2 O contexto escolar**

A Escola Estadual Antônio Silva, de Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Médio, integrante da Rede Estadual, está localizada à Rua 19 de Novembro, nº 321, Centro, município de Timóteo, mesorregião do Vale do Rio Doce, estado de Minas Gerais.

A escola atende a, aproximadamente, 1.400 alunos, nos turnos matutino, vespertino e noturno. Conta com uma sala da diretoria, uma biblioteca escolar, um refeitório, uma cantina, uma secretaria, onze salas de aula, uma sala do serviço pedagógico, uma sala de recursos, uma quadra (em reforma) e um laboratório de informática. Os professores, na grande maioria, são habilitados em nível superior e, quanto ao regime de trabalho, eles se distribuem entre efetivos e designados.

A população da cidade é superior a 80.000 habitantes e a cidade encontrou progresso na sua história por meio da instalação da ACESITA (Companhia de Ações Especiais de Itabira), hoje APERAM (Aperam South America). Atualmente, a empresa emprega em torno de 3% dos habitantes da cidade. Os outros postos de trabalhos são oferecidos pelo comércio, pequenas e médias indústrias e pequenos empreendedores.

No que se refere à educação, a cidade conta com escolas estaduais, escolas municipais, incluindo educação infantil, uma escola federal, escolas particulares e uma escola de ensino especializado (APAE).

## **2.3 Perfil leitor dos colaboradores**

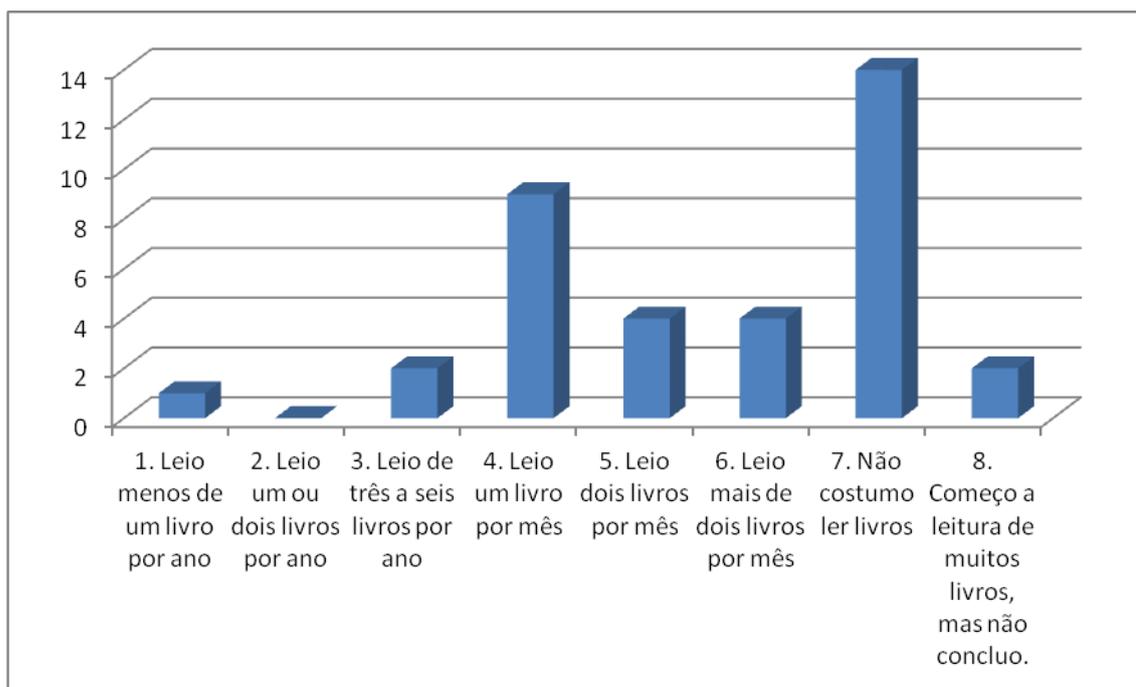
A turma escolhida, 8º ano do ensino fundamental, possui 37 alunos, sendo 20 meninos e 17 meninas, cuja faixa etária varia entre 13 e 15 anos. A maioria dos alunos da turma é oriunda da área urbana, sendo que uma minoria desloca-se da zona rural para frequentar a escola. Além disso, a turma é muito agitada, muitos alunos apresentam

problemas disciplinares e diferentes níveis de aprendizagem, o que, necessariamente, exige um trabalho docente diferenciado para atender a essas individualidades.

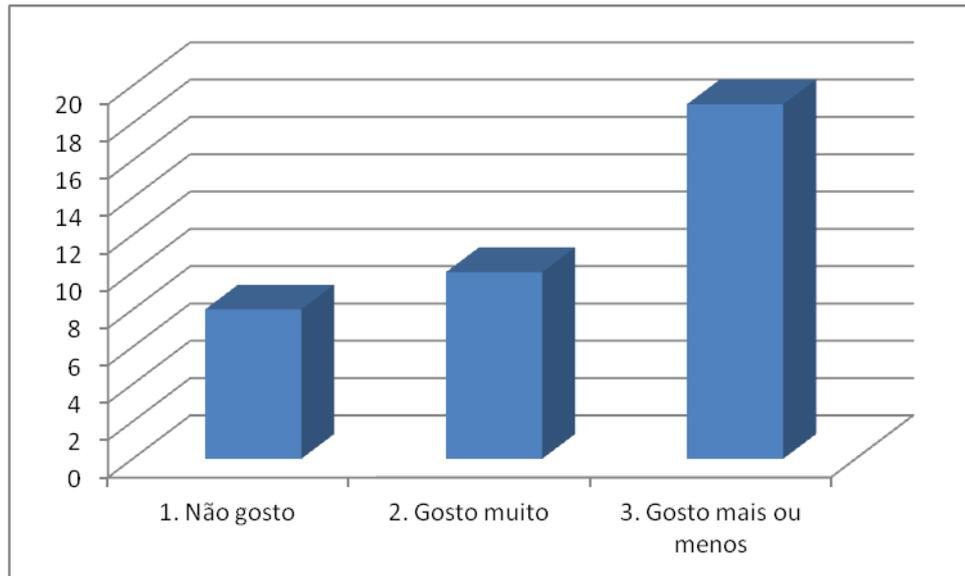
## 2.4 Análise do questionário de práticas de letramento

Antes de iniciar o projeto de intervenção, aplicamos um questionário (Anexo 5) para que pudéssemos conhecer um pouco melhor os hábitos de leitura e de escrita dos alunos envolvidos na pesquisa. As respostas ao questionário nos auxiliaram em algumas análises e, também, nos permitiram direcionar algumas atividades da proposta de trabalho.

Com relação à primeira pergunta do questionário respondida pelos alunos, sobre o costume ou não de ler livros, dos 37 respondentes, a maior parte disse que não tem esse hábito. A 5ª pergunta tem estreita relação com a primeira e questionava sobre o gosto pela leitura. Apenas 10 alunos disseram que gostam muito de ler.



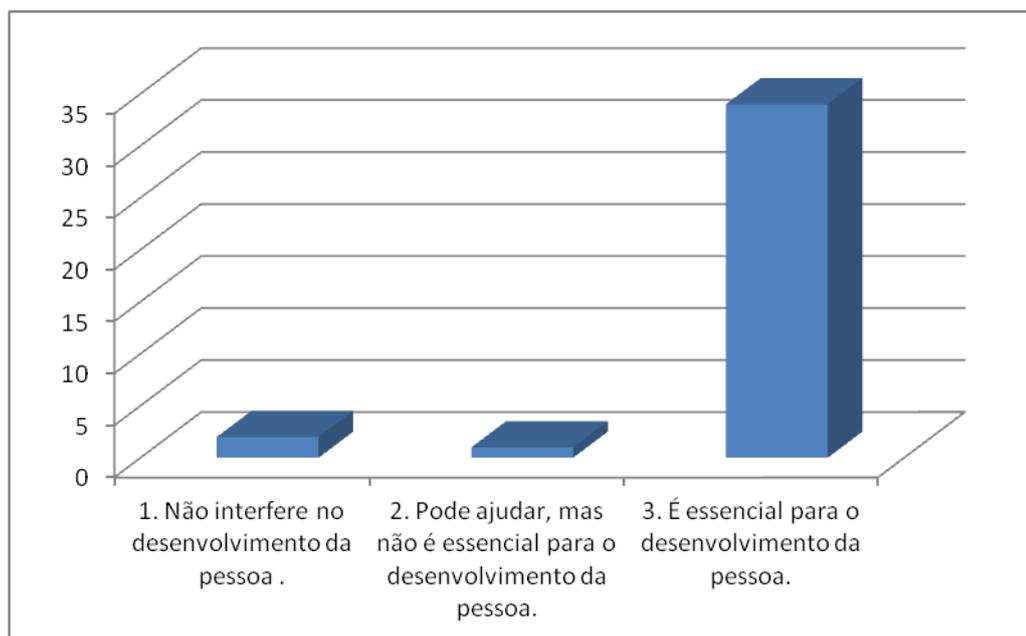
**Gráfico 1:** Questão 1 (sobre o costume de ler livros)



**Gráfico 2:** Questão 5 (sobre o gosto pela leitura)

Esses dados apontam o problema do não hábito de leitura dos alunos. Muitas vezes, isso acontece porque a leitura obrigatória, imposta pela escola e avaliada quantitativamente por meio de provas, resumos, fichamentos, resumos, ao invés de influenciar, afasta o aluno da leitura. Dessa forma, a escola acaba não contribuindo para que os alunos criem a cultura de ler. Após anos de escolarização, a leitura continuará vinculada à ideia de obrigação a ser cumprida, uma tarefa preestabelecida para se passar de etapa.

É interessante observar que, embora a maioria dos alunos admitam que não gostam e não têm o hábito de ler, eles foram quase unânimes (34) ao dizer que a leitura é “essencial para o desenvolvimento da pessoa” na 6ª pergunta do questionário.



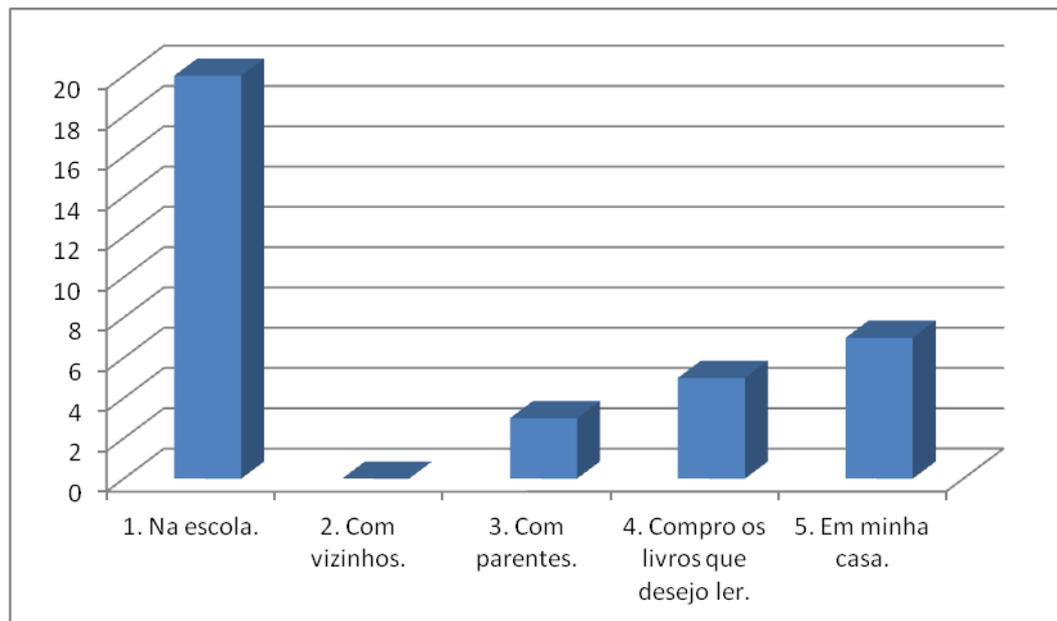
**Gráfico 3:** Questão 6 (Considerações sobre a leitura)

A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” aponta algo parecido ao concluir que

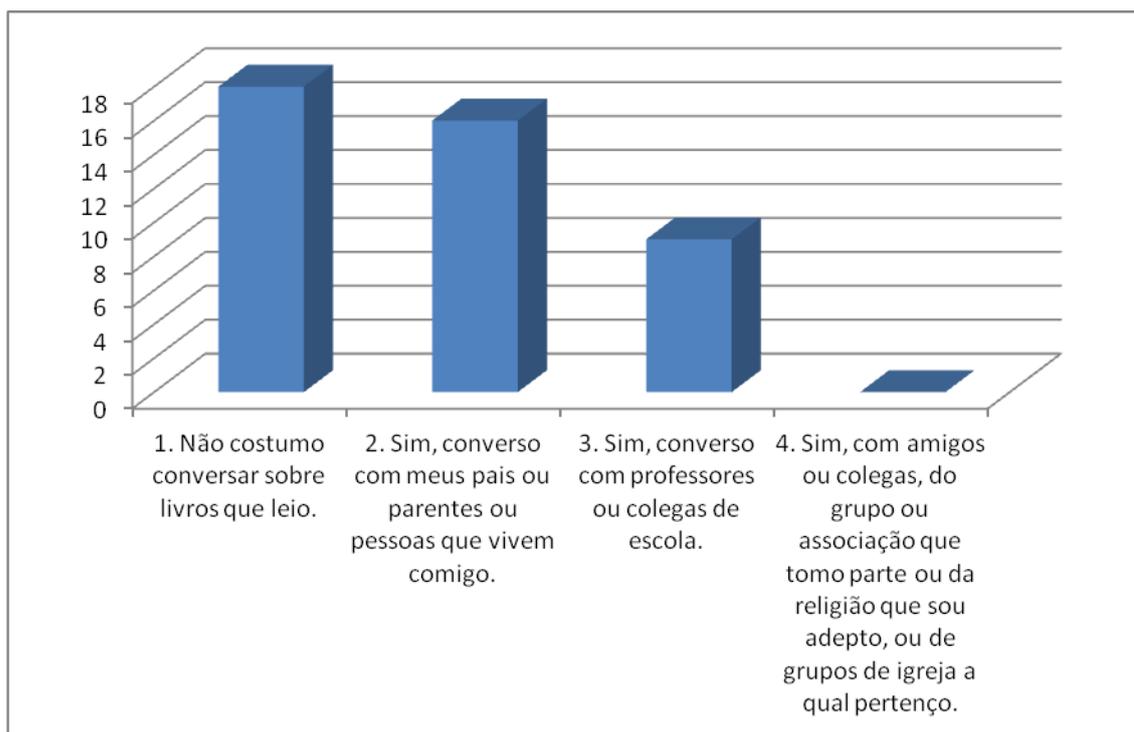
A principal ideia associada com a leitura na percepção dos brasileiros é a de que a “leitura traz conhecimento”. Já representações negativas da leitura, como ocupar muito tempo, ser cansativa e obrigatória são mencionadas em proporções significativamente inferiores do que as representações positivas (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 132).

Contudo, percebe-se que a pergunta conduziu a isso, uma vez que o aluno projeta a resposta ideal com base no seu interlocutor. Nesse caso, dizer que a leitura é essencial para o desenvolvimento da pessoa indica um processo de legitimação projetado pelo aluno respondente.

Com relação à segunda pergunta, a maior parte dos alunos respondeu que consegue livros para ler na escola. Apenas 7 disseram que conseguem em casa. E, à 4ª questão, a maior parte dos alunos respondeu que não costuma conversar sobre os livros que lê.



**Gráfico 4:** Questão 2 (onde consegue livros para ler)



**Gráfico 5:** Questão 4 (se conversa sobre os livros que lê e com quem)

Em função das perguntas sobre hábito e gosto pela leitura, acreditamos que os dados da 4ª questão estão coerentes. Se o aluno não gosta e não tem o hábito de ler, ele, conseqüentemente, não conversará sobre isso. Os dados da 2ª e 4ª questões corroboram a tese de que ler não faz parte da cultura de grande parte dos brasileiros, principalmente os de baixa renda, conforme apontado, também, pela pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2016).

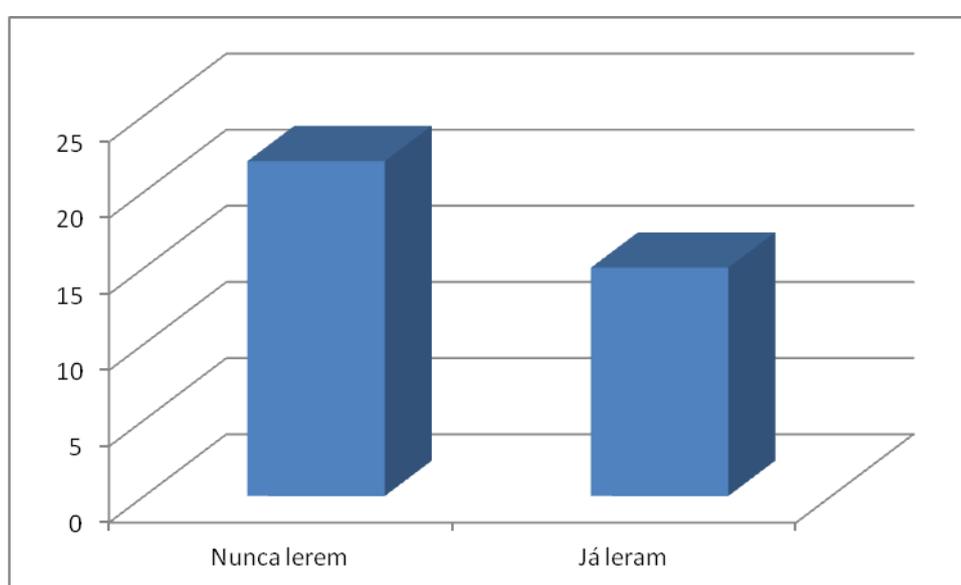
Diante desse cenário nada positivo sobre os hábitos de leitura dos alunos, a questão 3 trouxe um dado ainda mais impactante. Apenas um aluno informou que o professor indica os livros para ele ler. Os dados apontam que os maiores responsáveis pela indicação de livros são os amigos e familiares. Esse fato é, ao mesmo tempo, curioso e preocupante, uma vez que a escola é uma das principais agências que deve promover letramento. Observamos que as relações sociais dos alunos, fora do contexto da escola, têm um papel de suma importância para o seu desenvolvimento intelectual.

Esse dado vai ao encontro do que foi obtido com a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”. Uma das considerações da pesquisa sobre os dados apresentados é de que

(...) o hábito de leitura é uma construção que vem da infância, bastante influenciada por terceiros, especialmente por mães e pais, uma vez que os leitores, ao mesmo tempo em que tiveram mais experiências com a leitura na infância pela mediação de outras pessoas, também promovem essa experiência às crianças com as quais se relacionam em maior medida que os não leitores (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p.131).

Logo, é no seio familiar que o aprendiz tem o seu primeiro contato com a leitura e começa a ser educado. Portanto, é importante que se estabeleçam parcerias entre a escola e a família, uma cooperação que crie espaços de reflexão, experiências de vida e aproxime as duas instituições. Além disso, o professor (de qualquer disciplina) não deve se furtar ao papel de referência de leitor, cabendo a ele sempre fazer indicações de leituras aos seus alunos, seja como parte de atividades curriculares ou informalmente.

Entrando, agora, na temática específica desta pesquisa, a questão 8 perguntava se os alunos já haviam lido algum conto de suspense. Apenas 15 responderam que sim.



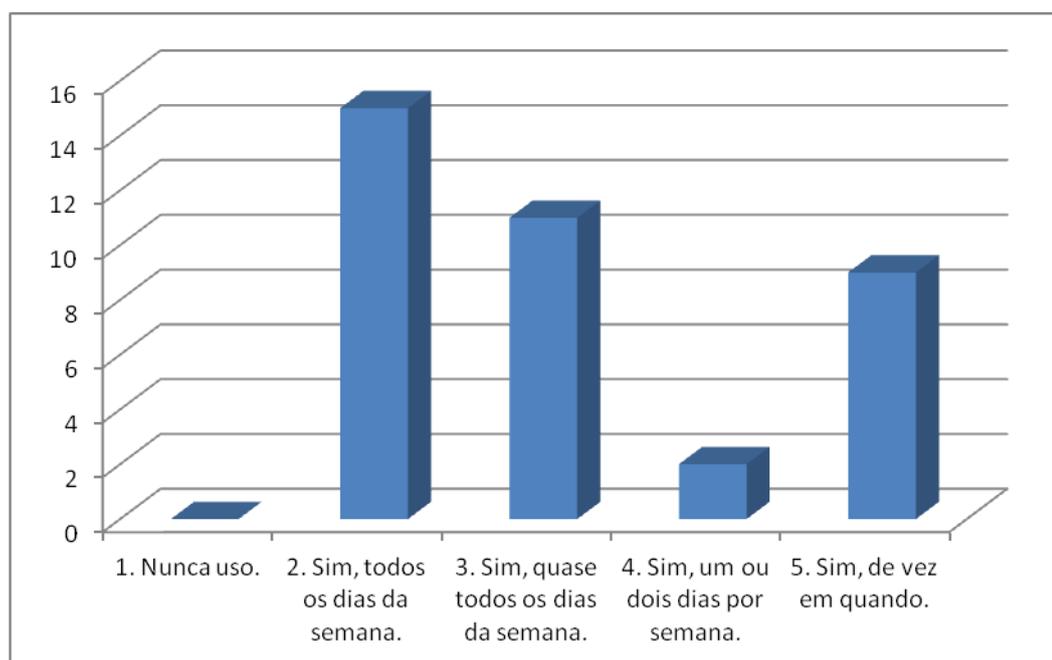
**Gráfico 6:** Questão 8 (se já leram contos de suspense)

Isso nos indicou um campo fértil para o trabalho com leitura em sala de aula. Além de se caracterizar como uma novidade para a turma, o conto de suspense pode ser uma porta de entrada para que os alunos tomem gosto pela leitura, afinal, o seu caráter enigmático prende a atenção do leitor. Assim sendo, o trabalho com esse gênero literário ganhou mais uma justificativa.

Já em relação ao hábito e ao gosto pela escrita, a maior parte respondeu que não gosta e que só escreve quando o professor exige. Num primeiro momento, podemos concluir que escrever também não é algo que faz parte da cultura dos alunos. Contudo, em detrimento da sua face prazerosa, a escrita, assim como a leitura, é comumente vista como uma atividade burocrática da escola. Logo, não é de se estranhar que os alunos respondam que só o fazem quando exigidos pelos professores. Por outro lado, por não associarem a escrita a uma atividade prazerosa ou ao lazer, os alunos podem não ter considerado, ao responder a questão,

o fato de escreverem muito por meio de outros suportes, como em redes sociais e aplicativos de mensagens; afinal, como afirma Elias (2013, p.159), “em tempos de cultura digital, os alunos trocam muitas mensagens na internet, criam comunidades virtuais, interagem com várias pessoas por meio da escrita, sem que o professor solicite”.

E essa hipótese se sustenta ainda mais quando vemos os dados da questão 11, em que 28 dos 37 alunos disseram que utilizam o computador mais de uma vez por semana. Nenhum deles respondeu que nunca usa.

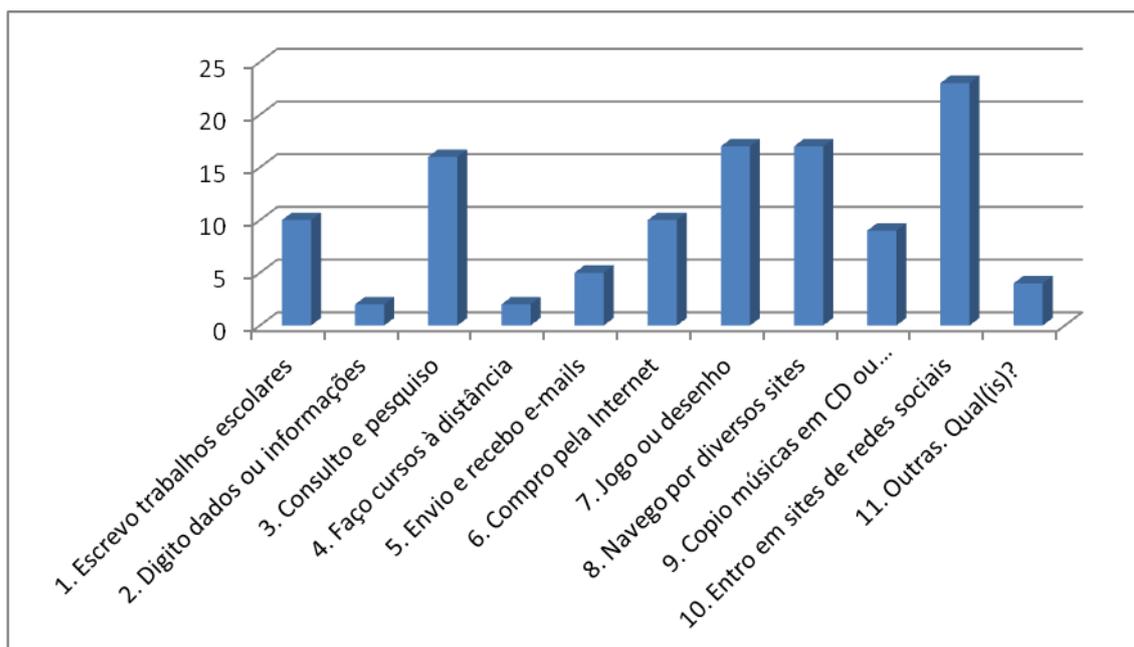


**Gráfico 7:** Questão 11 (frequência de uso do computador)

Acreditamos, inclusive, que, se questionados sobre o uso de celulares e tablets, eles seriam unânimes ao responder que utilizam quase todos os dias. Os dados da questão 11 vão ao encontro de recentes e inúmeras pesquisas sobre o uso de artefatos tecnológicos pelos alunos. A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” aponta, por exemplo, “os celulares ou smartphones como os principais suportes utilizados para a leitura do livro digital” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 134). Da mesma forma, Lahire (2006, p. 516) indica que

É entre as populações mais jovens que se observam melhor as novas tendências à mistura de gêneros legítimos e ilegítimos. Pois os adolescentes e pós-adolescentes cresceram em um novo estado de oferta cultural (...), caracterizado particularmente por uma forte presença das mídias audiovisuais.

Sobre o uso que e faz do computador (questão 12), as respostas foram variadas:



**Gráfico 8:** Questão 12 (Uso que se faz do computador)

Os dados desse gráfico apontam que o computador é muito utilizado pelos alunos e para as mais diversas atividades. Mas o maior uso se dá para acessar redes sociais. Em seguida, grande parte apontou que utiliza o computador para navegação em sites diversos, para jogar e para fazer pesquisas. Vemos que o computador e a internet são ferramentas atuais que os alunos dominam, às vezes (ou quase sempre) bem mais que os adultos.

À 13ª pergunta, a grande maioria (32) respondeu que não conhece ninguém que publica seus textos na internet. Mais uma vez, a escrita aqui deve ter sido interpretada como uma atividade formal. Os próprios alunos publicam textos na internet o tempo todo e convivem com pessoas que também o fazem, principalmente em redes sociais. Mas essa prática escrita não foi considerada para responder à questão 13 do questionário.

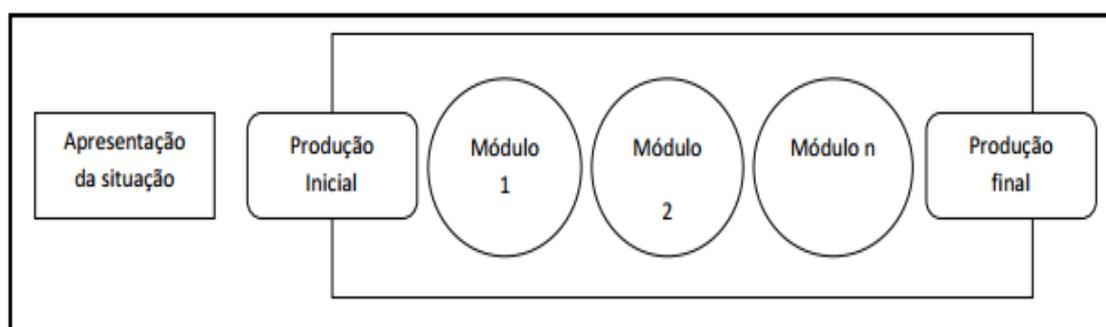
A última questão perguntava o que os alunos achavam da ideia de produzir e publicar textos na internet. A turma ficou um pouco dividida, metade disse que não tem interesse e a outra metade gostou da ideia. Consideramos que, aqui, também, a burocratização da escrita construída pela escola limita o interesse dos alunos por esse tipo de produção.

Portanto, a proposta de escrita por meio do espaço virtual das *Fanfic's* pode contribuir para se desconstruir essa visão dos alunos sobre o ato de escrever, desburocratizando um pouco essa atividade tão formalizada pela escola e dando espaço, em sala de aula, para os alunos manipularem suportes de escrita tecnológicos que dominam muito bem e utilizam com frequência fora da escola.

## 2.5 Metodologia das Oficinas

Optar por realizar um trabalho com seqüência didática faz com que o professor dê “acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis”, contribuindo para que eles tenham condições de “dominar melhor um gênero de texto” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNNEWLY, 2004, p. 83). No caso deste trabalho, o gênero textual escolhido para início das produções foi o conto de suspense. Com esse gênero, foi possível analisar a estrutura narrativa e a inserção do suspense no texto a fim de melhor produzir um gênero de domínio digital, a *Fanfic*.

Ademais, com a estrutura de base de uma seqüência didática, é possível flexibilizar as atividades de acordo com as necessidades dos alunos. Este quadro, elaborado por Dolz; Schnnewly (2004), serve de parâmetro para a construção do projeto de intervenção, semelhante à seqüência didática, que foi realizado neste trabalho.



**Figura 1** - Esquema de Sequência Didática  
Fonte: Dolz e Scheneuwly (2004, p. 83)

Primeiramente, é explicitada a situação detalhada da proposta de trabalho. Nela, os alunos têm o esclarecimento de como participarão do processo. Nesse trabalho, os alunos foram informados de que participariam de uma pesquisa de mestrado do ProfLetras e, para isso, precisariam responder a um questionário. Logo em seguida, eles foram orientados a produzir a primeira versão do texto, conto de suspense a partir do primeiro parágrafo do conto “O dedo”. É importante salientar que essa primeira tentativa não teve muita interferência do professor, pois ela tem um papel central como reguladora da seqüência didática.

Com a análise desse primeiro material, é possível, segundo Dolz; Schnnewly (2004), refinar a seqüência, modulá-la e adaptá-la às reais necessidades dos alunos. Com isso, foram criadas categorias para balizar os próximos módulos, divididos em 1) Trabalhar problemas de níveis diferentes; 2) Variar as atividades e exercícios; 3) Capitalizar as aquisições.

Conforme a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013), a produção escrita desenvolve no aluno a habilidade de escrever e reescrever e, após a produção final, será possível avaliar o processo de aprendizagem.

Aliando os estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013) com os de Thiollent (1986), é possível adaptar todas as etapas a fim de conseguir um melhor resultado entre todos os envolvidos, pois

o planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível, não se segue uma série de fases rigidamente ordenadas. Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada (THIOLLENT, 1986, p. 47).

Portanto, a maior parte das etapas do trabalho sofreu alterações a partir da identificação de problemas relacionados à estrutura dos gêneros estudados, ao suporte em que eles foram inseridos e aos aspectos estruturais da língua, a fim de propiciar uma melhor aprendizagem.

### 2.5.1 Apresentação da proposta de trabalho

A apresentação da proposta foi feita a partir da leitura do início do conto “O dedo”, da autora Lygia Fagundes Telles (Anexo 1), o qual foi interrompido para que os alunos pudessem produzir a primeira versão do novo conto de suspense com as personagens que eles determinaram. Com isso, buscava-se obter o primeiro *corpus* da pesquisa para que as outras oficinas pudessem ser elaboradas.

Os objetivos principais das oficinas foram:

- a) explicitar a função social e os aspectos formais do gênero textual conto e da *Fanfic*;
- b) analisar as particularidades do gênero textual conto e da *Fanfic*;
- c) desenvolver estratégias de leitura para o texto literário;
- d) aumentar o repertório cultural dos alunos, a partir da leitura de diversos textos literários;
- e) produzir um conto de suspense a partir de um suspense já existente, construindo personagens com base nos atributos de artistas e personalidades das quais os alunos sejam fãs;
- f) explorar a ferramenta wiki;
- g) explorar o ciberespaço *Fanfic*;
- h) produzir uma *Fanfic*
- i) proporcionar aos alunos momentos de revisão e reescrita dos textos.

As atividades foram realizadas por meio de leitura de textos literários, da utilização da internet para leitura de *Fanfics* e para produção das outras versões do texto até chegar à produção final. As observações relevantes e os dados obtidos ao longo das oficinas foram registrados em fichas e no caderno dos alunos. Após as oficinas, os alunos produziram a versão final dos contos, que foram publicados em uma página de *Fanfics* hospedada em: <https://spiritfanfics.com/fanfics/>.

### CAPÍTULO 3: ANÁLISES DAS OFICINAS

Neste capítulo, analisa-se o resultado obtido com a aplicação das oficinas. Dessa forma, apresentamos as etapas do projeto de intervenção pedagógica, com o desenvolvimento e a análise de cada uma das oficinas. Discutimos as atividades realizadas pelos estudantes em cada uma das etapas, bem como o processo de escrita do texto narrativo de suspense, que culminou em uma *Fanfic* na oficina final. Ainda nesta seção, fazemos uma breve avaliação da implementação desse projeto de intervenção, analisando suas contribuições para o desenvolvimento das capacidades de escrita dos estudantes.

#### 3.1 Oficina 1

##### Quadro 1 – Oficina 1

<b>OFICINA 1 – Apresentação da proposta de trabalho</b>	
<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>a) Conhecer a biografia da autora.            b) Ler o início do conto “O dedo”, de Lygia Fagundes Telles.            c) Analisar coletivamente o início do conto lido.            d) Formular hipóteses sobre os motivos do suspense do conto.</p>	
<p><b>1ª. ATIVIDADE:</b> Quem é Lygia Fagundes Telles?</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> Apresentar a biografia de Lygia Fagundes Telles, para que os alunos a reconheçam como uma importante autora na história de contos de suspense brasileiros.</p> <p><b>2ª. ATIVIDADE:</b> De quem será este dedo?</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> Leitura oral, feita pela professora, do primeiro parágrafo do conto “O dedo”, momento em que o conto será interrompido e os alunos serão instigados a formularem hipóteses sobre o possível conteúdo do texto (De quem você imagina que seja o dedo perdido na praia? O que você imagina que tenha acontecido para que o dedo fosse parar na praia? Provavelmente, há quanto tempo o dedo estaria ali?, e entre outras). Durante a leitura, utilizar a técnica de protocolos de leitura, incitando a atividade de inferências, formulação de hipóteses e análise dos fatos.</p>	
<b>TEMPO PREVISTO:</b> 2 aulas	<b>MATERIAL:</b> Data show e laboratório de informática.

Os alunos assistiram a um vídeo<sup>5</sup> sobre a biografia da autora Lygia Fagundes Telles e conheceram um pouco sobre a produção literária da autora. Esse momento foi importante para que os alunos se aproximassem um pouco da obra, mas também das histórias que cercavam a vida dela. Eles também ouviram nomes conhecidos de outros escritores, já lidos em aulas de língua portuguesa, citados no vídeo, e esse fato os deixou ainda mais curiosos sobre Lygia Fagundes Telles. A exibição do filme foi importante porque, posteriormente, além de os alunos se sentirem instigados a ler outros contos de uma autora que “parecia tão interessante”, eles quiseram contar sobre as histórias que gostam de ler. Muitos deles, inclusive, disseram gostar de histórias de mistério, de terror e de suspense, fato que confirma a minha hipótese (de que textos de suspense estimulam a leitura dos alunos) e justifica a escolha do texto “O dedo”, de Lygia Fagundes Teles.

Após assistirem ao vídeo, fiz a leitura do primeiro parágrafo do conto “O dedo” para os alunos, que transcrevo a seguir:

Achei um dedo na praia. Eu ia andando em plena manhã de sol por uma praia meio selvagem quando, de repente, entre as coisas que o mar atirou na areia – conchas, gravetos, carcaças de peixes, pedras -, vislumbrei algo diferente. Tive que recorrer aos óculos: o que seria aquilo? Só depois de aparecer o anel é que identifiquei meu achado, o dedo trazia um anel. Faltava a última falange.

Nesse momento, várias hipóteses foram levantadas sobre a quem pertenceria o dedo encontrado na praia, como o dedo chegou à praia, há quanto tempo o dedo estaria ali. Assumi uma postura de instigadora, entendendo, de antemão, que poderia haver respostas diferentes nas interpretações dos alunos.

De acordo com Leal<sup>6</sup> [online], essa forma de iniciar as discussões com os alunos, denominada *protocolos de leitura*, permite lidar com um fato importante na leitura, que é a compreensão. Isso se faz necessário, uma vez que cada leitor é capaz de entender o texto de uma forma peculiar. A autora ainda enfatiza que “a elaboração e a utilização de *protocolos de leitura* são fundamentais para garantir uma das bases da compreensão da leitura, além de se constituírem em estratégias valiosas para intervenção pedagógica”.

O primeiro momento foi de descontração e até de bom humor dos alunos, afinal, não havia ainda um direcionamento para respostas adequadas ou certas. Desse modo, como em toda questão intrigante, as respostas foram variadas, como por exemplo: “dedo do meu vizinho”, “dedo do colega X”, “dedo de assombrações”; “dedo caiu do avião”, “dedo de um

---

<sup>5</sup> Vídeo hospedado em <<https://www.youtube.com/watch?v=J71krDryVVs>>. Acesso em 27 de junho de 2016.

<sup>6</sup> Disponível em <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/protocolos-de-leitura>>. Acesso em: 15 out 2016.

mendigo”; “tem mais de 1 ano que o dedo estava na praia”. Alguns alunos também demonstraram espanto e repulsa, que acreditamos ter relação com os sentimentos provocados pelo fato de se encontrar um dedo separado do restante do corpo humano. Esse momento foi também muito importante para que nós pudéssemos esclarecer que o texto lido é literário e ficcional, ultrapassando a realidade percebida no cotidiano.

A dimensão de ficcionalidade, conforme discutida por Mendes (2000), aponta que a compreensão desse conceito é complexa e que, para que essa compreensão exista, o sujeito deve recorrer a elementos que estão além do texto. Sendo assim, pudemos explicar que situações tais como “o dedo na praia” podem e estão presentes em muitos textos literários, já que eles não têm nenhum compromisso com o real.

A partir dessa constatação acerca do texto literário, o levantamento das hipóteses sobre a quem pertenceria o dedo foi direcionado para os alunos a fim de que eles pudessem utilizar a noção de ficção nas produções da oficina 2. Esse direcionamento foi fundamental, uma vez que os alunos deveriam escrever textos que se distanciassem de uma situação real, introduzindo um ídolo como personagem protagonista.

### 3.2 Oficina 2

#### Quadro 2– Oficina 2

<b>OFICINA 2 – Produção inicial</b>	
<b>OBJETIVOS:</b>	
a) Propor aos alunos a escrita da primeira versão do conto a partir do suspense do conto “O dedo”.	
b) Orientar os alunos a construir a história a partir de personagens das quais são fãs.	
c) Considerar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero textual conto de suspense.	
<b>1ª. ATIVIDADE:</b> Meu ídolo em apuros.	
<b>APLICAÇÃO:</b> Solicitar aos alunos que escrevam um conto em que a personagem principal seja seu ídolo. Pode ser uma personagem de um livro, filme ou ainda uma celebridade de quem ele goste muito. A escolha do ídolo como personagem se justifica pelo gênero que os alunos produzirão: uma <i>Fanfic</i> . <i>Fanfics</i> são “produções narrativas veiculadas por sites que publicam contos, romances ou histórias em quadrinhos que exploram um certo gênero ou certa personagem” Zaponne (2008). A narrativa deverá envolver “o dedo” encontrado na praia, como no conto lido. Após a escrita do texto, recolhê-los para que sejam analisados e coletados elementos que subsidiarão a (re)elaboração das demais oficinas.	
<b>TEMPO PREVISTO:</b> 2 aulas.	<b>MATERIAL:</b> Folhas.

A segunda oficina diz respeito à primeira produção dos alunos. Iniciamos as atividades relendo o primeiro parágrafo do texto “O dedo”, de Lygia Fagundes Telles. Após a releitura, solicitamos aos alunos que escrevessem um texto narrativo/conto de suspense em que a personagem principal fosse um ídolo. Essa narrativa deveria envolver o mistério do dedo encontrado na praia. Não orientamos os alunos sobre a estrutura do conto ou sobre quaisquer aspectos do gênero, pois, conforme Dolz; Schneuwly (2004), em uma sequência didática, a produção inicial é uma atividade que permite revelar representações a partir de uma situação de comunicação dada.

No momento da produção do texto pudemos perceber, através da reação dos alunos, que a prática de produção textual não era muito comum para eles. Muitos não se concentraram para realizar a atividade, pois mesmo sendo solicitado a eles que fizessem da maneira como eles sabiam, fizeram perguntas sobre como começar o texto, quantas linhas deveriam escrever, se podiam incluir outras personagens, entre outras questões.

Após a escrita, recolhemos todas as produções para análise. Em nossa leitura, percebemos que poucos textos apresentavam aspectos apropriados ao texto narrativo, principalmente do gênero conto de suspense. Também notamos que a escrita dos alunos se mostrava deficitária, considerando o nível de ensino em que eles se encontravam.

Assim, dividimos o momento de análise e reflexão dos textos produzidos em duas seções. Na primeira, analisamos os aspectos de tematização dos textos produzidos e levamos em consideração os seguintes pontos: abordagem do tema; estrutura básica da narrativa; título condizente com a produção; posicionamento em relação à linguagem literária; organização da sequência narrativa; construção e descrição de personagens baseadas em ídolos dos alunos ou em personalidades públicas das quais eles são fãs; descrição do cenário; elementos de coesão e coerência como marcadores temporais e paragrafação; e, por fim, suspense no texto.

Na segunda seção, tratamos dos aspectos linguísticos, o que nos permitiu abordar elementos ligados à pontuação, acentuação, ortografia, coesão e coerência, além de concordâncias e regências verbal e nominal. Ainda que os assuntos tratados nessa sessão não sejam o foco desta pesquisa, consideramos salutar as observações que fizemos durante a avaliação da produção inicial, pois, a partir de tais constatações, pudemos ampliar a nossa proposta pedagógica.

Apresentamos, a seguir, alguns textos dos alunos, os quais foram selecionados por amostragem, e, em seguida, a análise sobre os aspectos de tematização e linguísticos.

### Aspectos da tematização

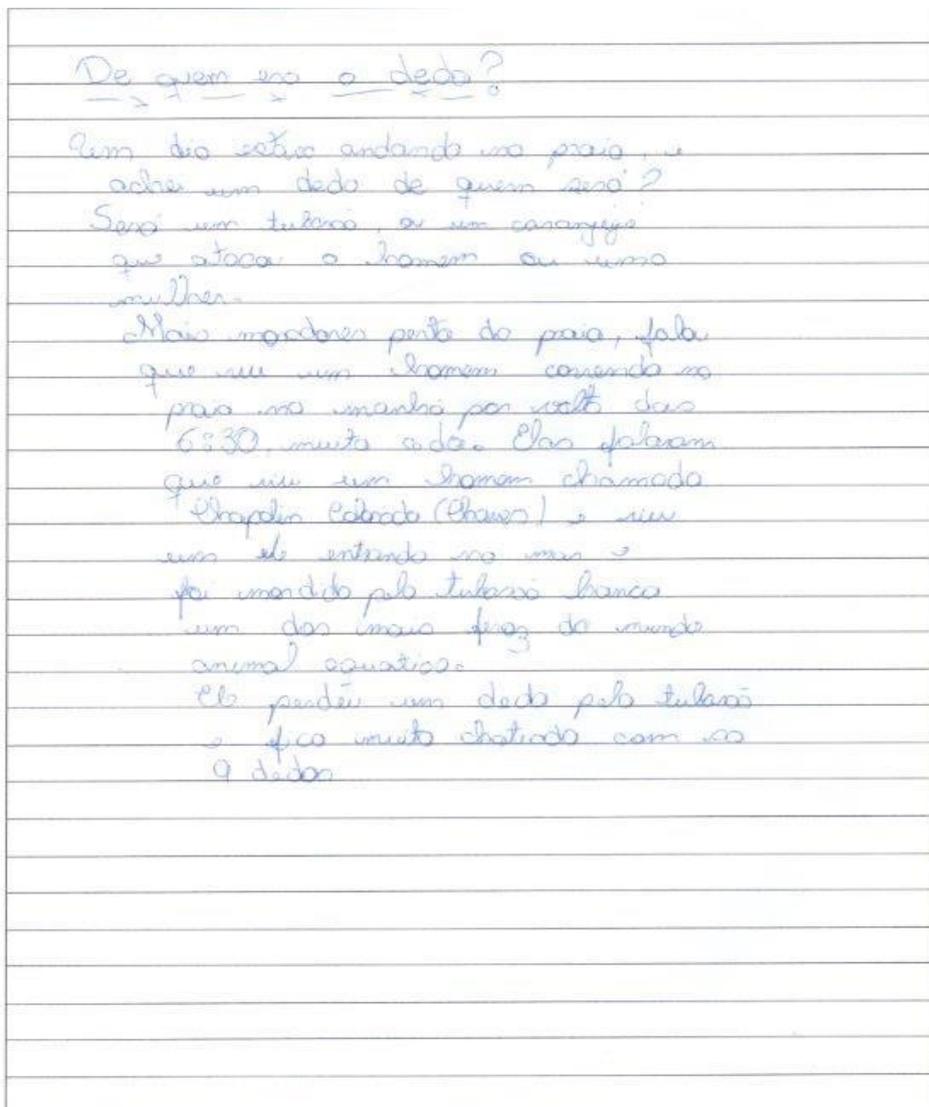
Em relação aos elementos estruturais da narrativa, as produções, de modo geral, atenderam à expectativa da construção do enredo envolvendo a misteriosa aparição de um dedo; da descrição breve de uma praia, cenário onde a história se passa; e da utilização do tempo cronológico para criar uma sequência de fatos. Porém, o sentido de alguns textos foi prejudicado em virtude do desconhecimento, por parte dos alunos, da estrutura básica de um texto narrativo. Tais produções mostraram-se insuficientes quanto à construção das personagens, pois se fixaram em aspectos superficiais e, por isso, houve pouco aprofundamento. Entretanto, em todas as histórias estiveram presentes uma figura pública da qual os alunos eram fãs ou um de seus ídolos, compondo o conjunto de personagens. Foi possível perceber, ainda, que mesclaram, num mesmo período, a voz narradora – discurso indireto – e a fala das personagens – discurso direto –, afetando a compreensão do texto, tal como se pode ver no seguinte trecho retirado do Texto 1: “(...) ela me contou a história que estava numa ilha deserta e na volta o barco foi atacado por um tubarão que rancou meu dedo fora”.

**Figura 2 - Texto 1: "Achei um dedo na praia"**

Achei um dedo na praia.  
 Em uma praia distante eu  
 avistei uma coisa na água, e  
 corri para pegar achando que  
 era algo de valor.  
 Andei, andei procurando o dono e  
 encontrei um anel de diamantes,  
 até que percebi que o anel entra  
 va perfeitamente no dedo.  
 Mais tarde fui no show de  
 Henrique e Juliano e percebi que  
 tinha uma mulher sem o dedo  
 e perguntei se ela tinha perdido  
 na praia, e aí ela me contou  
 a história que estava em  
 uma ilha deserta e na volta  
 o barco foi atacado por um  
 tubarão que rancou meu dedo  
 fora.  
 Eu deixei o dedo com o anel  
 valioso e continuei catando o  
 show de Henrique e Juliano.

No que diz respeito aos aspectos formais, concentramo-nos em analisar os elementos que contribuem de forma mais evidente para a significação do texto como um todo. Assim, atentamos para o modo como foi feita a paragrafação nas produções desta oficina. Exceto algumas redações – a exemplo das três aqui utilizadas para esta análise –, foi recorrente a não divisão do texto em parágrafos. As páginas ficaram configuradas, portanto, com um único bloco de frases, separadas apenas pelo uso da pontuação. A estrutura de outros textos assemelha-se a poemas, já que todas as frases se iniciam com parágrafos e terminam no meio da página, deixando um espaço vazio em ambas as margens. A ausência de paragrafação criou dificuldades na compreensão do que estava sendo dito, como pode ser visto no texto 2.

**Figura 3 - Texto 2: "De quem era o dedo?"**



## **Tema**

O tema foi abordado de forma adequada por todos os alunos, que levaram em conta as informações do texto de referência lido antes da produção textual. Quanto aos títulos criados para nomear suas histórias, percebemos que, de modo geral, são adequados, pois correspondem ao assunto de que trata o texto que escreveram. Entretanto, muitos deles carecem de vocábulos que instiguem a curiosidade e o interesse, o que os torna pouco atraentes a possíveis leitores. Outro fato importante de se ressaltar é que algumas produções não trazem títulos. A partir disso é possível pensar em duas hipóteses: a primeira é a de que, por estarem desacostumados a produzirem textos, muitos se esquecem de intitulá-los; já a segunda diz respeito a um problema de desconhecimento da estrutura do gênero conto, proposto neste trabalho.

## **Linguagem**

Durante a leitura das produções, notamos também algo importante que precisa ser considerado em uma análise mais apurada de um texto e de seus aspectos de tematização: a regular, e até mesmo natural, dificuldade que têm os alunos em eger uma linguagem ideal a ser utilizada em uma produção de texto. E, ao observar as escolhas lexicais feitas nestes textos, bem como a linguagem adotada, que mescla certa formalidade e coloquialismo, pudemos identificar a pouca familiaridade dos alunos com a leitura e a escrita, especialmente no que diz respeito a um texto literário. Tal inexperiência produtiva gera textos carentes de significação, imaginação e qualidade literária. Uma característica notável, entretanto, está presente neles. É a capacidade, ainda que precária, que os alunos demonstraram, de extrapolar os limites da realidade e se aventurarem em uma ideia ficcional, algo inerente ao texto literário.

## **Sequência narrativa**

Para analisar os aspectos referentes à sequência narrativa, tomamos como base os estudos de Cavalcante (2011). Segundo a autora, com o intuito de manter a atenção do leitor/ouvinte durante a história que está sendo contada, uma narrativa deve ser organizada por meio de algumas fases sucessivas:

**situação inicial** – estágio inicial de equilíbrio, que é modificado por uma situação de conflito ou tensão;

**complicação** – fase marcada por momento de perturbação e de criação de tensão;

**ações (para o clímax)** – fase de encadeamento de acontecimentos que aumentam a tensão;

**resolução** – momento de redução efetiva da tensão para o desencadeamento;

**situação final** – novo estado de equilíbrio;  
**avaliação** – comentário relativo ao desenvolvimento da história;  
**moral** – momento de explicitação da significação global atribuída à história.  
CAVALCANTE (2011, p.65).

Nas produções feitas pelos alunos, identificamos algumas das fases sugeridas por Cavalcante (2011). A situação inicial se apresenta em todos os textos e é marcada pela ideia de se ter encontrado um dedo na praia. Entretanto, a fase de complicação, que levaria o leitor a uma tensão na história, bem como as ações direcionadas para o clímax da narrativa foram poucas vezes encontradas.

Figura 4 - Texto 3: "Salvando meu ídolo"

salvando meu ídolo.

levei um dedo na boca, de quem será?  
 Talvez seja de uma pessoa que foi atacada  
 por uma tuberculose, ou que um caramurujo  
 comeu, não sei quem foi.

Então no lado da cirurgia o meu ídolo  
 Paulinho, ele fez o mesmo e disse, aí  
 esse não é nem algum dedo por aí me parece  
 pois ele é meu.

Não havia eu não lembrei que  
 tinha achado o dedo. Quando lembrei, procurei  
 meu ídolo pelo estômago e não o achei.

Então sei pela televisão que ele  
 tinha viajado para a Itália para depois  
 fazer um campeonato lá no Time, então  
 rapidamente, peguei um avião e fui para  
 esse estado, e quando lá chegou o meu dedo  
 ele levou, me agradeceu e fiquei como  
 esse herói.

Figura 5 - Texto 4: "Achei um dedo na praia"

Achei um dedo na praia. Quando a Selma Gomez achou o dedo com o anel ela perguntou de quem era. Não sabe quem seria. Um dia ela acabou tendo uma ideia de colocar no cada lugar a foto do dedo com o anel. E um dia viu uma pessoa ligou pra Selma Gomez se ela que estava com o dedo e ela falou que sim que ela tinha encontrado na praia quando ela estava indo mergulhar no mar. Então ela deu seu endereço para a mulher pudesse vir dar para entregar o dedo com anel e a dona deu uma recompensa para a Selma. E a moça que perdeu o dedo fez uma cirurgia para colocar o dedo e a Selma Gomez depois foi contratada para ser o salva-vidas e assim a história acabou.

O texto 3, por exemplo, conta sobre o fato de a personagem ter achado um dedo na praia, mas desvia o olhar do leitor para um relato de aproximação entre o narrador (aluno) e seu ídolo. Não há complicações, nem mesmo ações que instiguem o leitor para o ápice da narrativa. O texto 4, por sua vez, apresenta os fatos de modo rápido, sem criar, para o leitor, quaisquer perspectivas de tensão. A ausência dessas duas fases (complicação e ação) implica em um texto cuja resolução do conflito inicial é feita de forma simplista. As duas últimas fases (avaliação e moral) propostas por Cavalcante (2011) também não são identificadas nos textos analisados, e o fechamento da narrativa parece se preocupar, unicamente, em apresentar um desfecho com um “final feliz”.

### **Aspectos linguísticos**

Para dialogar acerca dos aspectos linguísticos, tomamos como base os PCN's. De acordo com as orientações do documento, é necessário que se faça um trabalho com a normatização ortográfica de forma contextualizada, considerando as situações nas quais os alunos sejam motivados para escrever de forma adequada. A reflexão sobre os aspectos ortográficos deve então, estar voltada “para o desenvolvimento de uma atitude crítica em relação à própria escrita, ou seja, de preocupação com a adequação e correção dos textos” (BRASIL, 1998, p.52).

Nesse sentido, os aspectos linguísticos foram considerados durante a análise dos textos produzidos nesta oficina. Durante a leitura constatamos que, do ponto vista ortográfico, a escrita dos alunos ainda não se encontra consolidada, e apresenta lacunas semelhantes às identificadas em produções textuais de séries anteriores. Nos textos 2, 5 e 6 foi possível observar vocábulos que confirmam tais situações, como por exemplo, “belisconhões”, “devouvi”, “rancou”, “cortindo”. Há também várias ocorrências de marcas de oralidade, substantivos próprios e frases iniciadas com letras minúsculas, que corroboram com os problemas identificados nos textos.

Figura 6 - Texto 5: "O dedo da Dulce"

O dedo da Dulce

Achei um dedo na praia. Estava rondando pela praia quando eu vi a notícia de que meu idolo tinha quebrado o dedo na praia. Fiquei muito triste e resolvi fazer uma boneca, para achar "o dedo da dulce".

Todos os fãs foram para a praia a procura do dedo da dulce, eles procuraram, procuraram mas não encontraram. Quando todos foram embora, resolvi ficar sozinho na praia a procura do dedo. Depois de muita procura, eu vi um lençuelo, pegando com o dedo da dulce, eu corri atrás dele, até pegar o dedo, tomei vários cuidados mas não deu apenas para conseguir pegar o dedo da dulce.

No outro dia fui até o hospital para devolver o dedo da dulce, ela ficou muito feliz, com vales que nunca mais vão ter seu dedo de volta. Para que ela não ficasse triste resolvi fazer outra boneca para que todos os fãs de dulce tenham o dedo, e todos gostem, dulce achou essa ideia muito ruim, eu adorei essa ideia e os fãs de dulce ficaram muito felizes pois "eles conseguiram o de sua 'ídolo'".

FIM!



Figura 7 - Texto 6: "Sem título"

Ele não podia nem sangrava mas estava sujo e mole, Anny não sabia como nem quando aquele dedo tinha estado ali mas sabia de algum modo, que alguém ao longe estava desesperado à procura do dedo que perdeu.

Em algum lugar ao norte um marinheiro perdera seu barco com uma onda e rancou seu dedo que já faltava uma falange com a faca que caiu em cima. Sem saber onde estava começou a nadar e nadar com a esperança de que poderia achar seu dedo que continha um anel.

Enquanto isso Anny ao sul estava em uma delegacia com um dedo na mão falando o que acontecera e os policiais tentando ajudar colocara o dedo em uma máquina para ver a digital e conseguir identificar de quem era e logo depois identificou e o nome era Jefferson um marinheiro.

Jefferson chegando a uma praia foi logo ao hospital para tratar o ferimento e chegando lá descobriu que seu dedo estava lá foi logo pegar seu anel de casamento.

Quanto à pontuação, pudemos verificar, nos textos, que os alunos possuem certa dificuldade para decidir o fim de um período. Assim, em alguns casos, ao invés de utilizarem ponto final, colocam vírgulas nas frases. Como consequência, o período fica extenso e o sentido do que pretendia ser dito se perde, tal qual se vê no Texto 2: “Mais tarde fui no show do Henrique e Juliano e percebi que tinha uma mulher sem o dedo e perguntei se ela tinha perdido na praia, e ai ela me contou a história que estava em uma ilha deserta e na volta o barco foi atacado por um tubarão que rancou meu dedo fora”.

Além do que já foi dito, a pontuação interfere diretamente na coesão e na coerência do texto, especialmente se nele não houver marcadores argumentativos. O Texto 5 exemplifica essa observação feita: “Depois de muita procura, eu avistei um carangueijo. Correndo com o dedo da dulce eu. Corri atrás dele, até pega o dedo (...)”. Outro efeito indesejado é o estranho ritmo da frase gerado pelo mau emprego das vírgulas, o que também compromete o sentido textual, como pode ser visto no Texto 5: “No outro dia fui, até o hospital para devolver o dedo da dulce, ela ficou muito feliz (...)”.

Considerando os diversos desvios em relação às normas padrão da língua, as produções dos alunos apresentam, de modo geral, ausência de concordância e de regência, tanto verbal quanto nominal, ainda que nos textos selecionados para análise não haja incidência frequente de tais desvios ou inadequações, com a exceção do exemplo a seguir, retirado do Texto 5: “Para que ela não ficasse triste resolver fazer outra campanha para que todos os fãs da dulce cortase o dedo, e todos cortaram (...)”.

Cabe aqui ressaltar que as dificuldades percebidas nos textos dos alunos que integram essa pesquisa são recorrentes até mesmo em escritas mais maduras. Nesse trabalho, buscamos avaliar com os alunos os problemas encontrados, explicando de que forma a pontuação adequada contribui para obter efeitos estilísticos nos próprios textos.

Tendo em vista o nível de ensino em que os alunos se encontram, “as propostas de análise e reflexão sobre a língua já podem buscar [...] uma maior explicitação de regras de ortografia e acentuação e sistematização de conteúdos de natureza gramatical” (BRASIL, 1998, p.54). Entretanto, como acontece em grande parte dos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental, a ausência ou o uso de acentuação inadequada também foi recorrente nos textos analisados. Nesse caso, ressaltamos com eles a necessidade da escrita formal, em função dos suportes nos quais os textos seriam veiculados.

Como já dito no capítulo teórico desse trabalho, o conto de suspense é uma narrativa que tem como elemento motivador a excitação causada por um enigma a ser solucionado. A história, na maioria das vezes, provoca no leitor uma sensação de agonia ou de tensão frente às ações que desencadeiam o final da trama. De modo geral, identificamos poucas incidências de elementos que caracterizariam o suspense nas produções feitas pelos alunos. De um lado, merecem destaque os títulos de determinados textos que fizeram uso de expressões que sugeriam um certo enigma, como por exemplo, “O mistério do dedo”, “O dedo misterioso”, “De quem era o dedo?”. Por outro lado, nessas narrativas havia uma lacuna, pois no decorrer

do enredo não encontramos palavras ou situações que provocassem no leitor essa inquietação anunciada, típica de um conto de suspense.

Diante dessa análise, verificamos que os alunos não conseguem ainda alcançar algumas das habilidades de produção de texto, recomendadas nos documentos que orientam as propostas de leitura e escrita nesse nível de formação, principalmente no que diz respeito ao texto literário. Segundo os PCNs,

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua (BRASIL, 1998. p. 26).

Nesse sentido, enquanto a maior parte das produções de texto trabalhadas em aulas de Língua Portuguesa se dedica à reflexão do exercício da escrita, ao cuidado com a estruturação básica da narrativa, além de enfatizarem os aspectos linguísticos, o texto literário se diferencia dos demais por considerar todas essas discussões e ainda se dedicar a questões de ordem ficcional e imaginária. Vale ressaltar, também, que a liberdade criativa intrínseca a esse domínio discursivo permite que o texto literário abarque inúmeras outras discussões externas a ele mesmo, e que, justamente por isso, ampliam e modificam a visão de mundo de um sujeito/autor.

### 3.3 Oficina 3

#### Quadro 3 – Oficina 3

<b>OFICINA 3 – Ampliação do repertório</b>	
<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>a) Proporcionar aos alunos a leitura de diversos contos de suspense, de mistério, de enigma e de aventura.</p> <p>b) Orientar a leitura dos contos.</p> <p>c) Situar um texto no momento histórico de sua produção a partir de escolhas linguísticas (lexicais ou morfosintáticas) e/ou de referências (sociais, culturais, políticas ou econômicas) ao contexto histórico.</p> <p>d) Incentivar a consulta a dicionários.</p>	
<p><b>1ª. ATIVIDADE:</b> Leitura dos contos</p> <p>A aparição, de Guy de Maupassant (1883), A faixa manchada, de Conan Doyle (1892), A causa secreta, de Machado de Assis (1896), A dama do cachorrinho, de Anton Tchekhov (1899), O último cubra-libre, de Marcos Rey (s/d).</p> <p>A escolha desses contos permitirá aos alunos contato com contos de autores consagrados da literatura mundial e nacional e de outras épocas e, assim, poderão apropriar-se de bons exemplos para a produção dos seus textos.</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> A turma será dividida em duplas e cada dupla receberá um dos contos para fazer a leitura. Após a leitura, será distribuída uma folha para cada dupla para a análise dos seguintes aspectos: 1) Título e autor; 2) Tema; 3) Forma como o autor inicia o seu texto; 4) Palavras que demonstram uma linguagem atual ou de tempos mais antigos; 5) Linguagem utilizada: formal ou informal; 6) Personagens que demonstram hábitos mais atuais ou mais antigos; 7) Passagens do texto que demonstram marcas de tempo. 8) Parte do texto que mostra o suspense do conto. 8) Enredo, baseado nas especificidades da sequência narrativa, de Cavalcante (2011). Além desses, os alunos deverão analisar outros aspectos globais e de linguagem importantes para a construção de sentido dos textos, conforme proposta de Antunes (2010). Depois de registrados no caderno, haverá a culminância oral das respostas da análise que os alunos fizeram. Será feito o uso do dicionário durante toda a tarefa, uma vez que os contos lidos são de épocas diferentes e pode haver um vocabulário bem distante do que o aluno conhece.</p>	
<b>TEMPO PREVISTO:</b> 6 aulas	<b>MATERIAL:</b> Folhas e fotocópias dos contos.

Tendo em vista a dificuldade que os alunos demonstraram em escrever um conto de suspense, propusemos a Oficina 3, com o intuito de auxiliá-los nesse sentido. Então, apresentamos a eles alguns textos que tratam da mesma temática e que contribuíram para seu repertório literário. A leitura de obras que tratam da mesma temática, além de um olhar mais cuidadoso sobre a estrutura da narrativa, fornece ao leitor/escritor recursos para compreender melhor os elementos que caracterizam o gênero trabalhado. Por isso, apresentamos aos alunos cinco contos de suspense: “A aparição”, de Guy de Maupassant (1883), “A faixa manchada”,

de Conan Doyle (1892), “A causa secreta”, de Machado de Assis (1896), “A dama do cachorrinho”, de Anton Tchekhov (1899) e “O último cubra-libre”, de Marcos Rey (s/d).

Nesses textos, encontramos histórias que contam situações fantásticas, de mistério, de enigma e de suspense que envolvem o leitor a ponto de fazê-los participar de uma experiência estética de um texto literário (MARTINS; CORRÊA; MACHADO, 2013). A fim de esclarecer o objetivo de ter escolhido esses contos, seguem sinopses deles, seguidas de observações acerca das histórias.

Em “A aparição” (1883), o personagem principal encontra-se com um amigo que não via há anos. Ele lhe diz que havia se apaixonado por uma mulher loucamente e se casara com ela. No entanto, pouco tempo depois, ela morrerá subitamente, deixando-o devastado. Abatido demais com a morte da mulher, seu amigo não tem coragem de voltar à casa em que viviam para buscar uns papéis de que precisava, e que estavam guardados na escrivaninha do quarto. Ele pede, então, ao protagonista para que faça este favor a ele, e traga os papéis. Ele aceita e se dirige à casa do casal. Esse conto explora os mistérios de vida e morte, o estranhamento de questões sobrenaturais, além de utilizar um vocabulário específico que leva o leitor a adentrar no universo fantástico proposto pelo autor.

Em “A faixa manchada” (1892), a Srta. Helen Stoner procura o detetive Sherlock Holmes para desvendar o mistério do assassinato de sua irmã gêmea, Júlia, ocorrido na mansão de seu padrasto, onde moravam. Ela relata que, após a morte da mãe, o padrasto mudou de personalidade, tornando-se violento e obcecado por animais exóticos. O detetive, por meio do raciocínio dedutivo e atento às pistas encontradas na cena do crime, acaba por montar o quebra cabeças que soluciona o mistério. Histórias que abordam situações de crimes e mistérios envolvendo membros da família podem aproximar os leitores a situações apresentadas no dia a dia, divulgados na mídia, por exemplo.

Machado de Assis, em “A causa secreta” (1896), conta a história de dois homens que, após um salvar a vida do outro e passar-se algum tempo, tornam-se sócios. No decorrer da história, uma das personagens, Fortunato, vai demonstrando tendências sádicas, torturando animais, fato que atordoia a esposa. Quando ela morre, Fortunato presencia o amigo beijar a testa da mulher e derreter-se em choro, saboreando o momento de dor do amigo que lhe traía. Esse conto explora o envolvimento das personagens com o sofrimento e isso faz com que o leitor perceba, por meio das ações das personagens, o objetivo do conto: explicar os motivos que levam às pessoas a sentir prazer com o sofrimento de outrem.

O conto “A dama do cachorrinho” (1899) aborda um assunto que gera muitos problemas na sociedade: traição. A personagem Dmítri Dmítrich Gúrov, casado e com três filhos, entediado com a vida matrimonial, há algum tempo passara a trair sua esposa. Mantinha aventuras passageiras com suas amantes e, amargurado com suas fúteis experiências amorosas, passa a referir-se às mulheres com desprezo. No entanto, em uma viagem de descanso, ele conhece e fica interessado na dama do cachorrinho, como era chamada. Ana Sierguéievna também estava infeliz em seu casamento e passa a ter um relacionamento com Dmitri. A princípio, esse relacionamento os perturba, no entanto, com o tempo, eles se apaixonam e, mesmo se sentindo culpados, se perdoam ao perceber que aquele amor os transformara. Juntos conversam sobre o desconforto do amor às escondidas, pensam começar uma vida nova, mas não sabem como recomeçar. O suspense dessa narrativa é percebido, também, no desfecho da história, pois deixa em aberto o romance das personagens.

Já o conto “O último cubra-libre” (s/d) conta a história do empresário-detetive e boêmio Adão Flores que segue pistas e desvenda mistérios de um crime instigante: a morte de um antigo amigo, o músico Júlio Barrios. Algumas pistas levavam o leitor a crer que o assassinato havia acontecido no período em que a esposa do músico fora pedir ajuda ao detetive no Yes-Club, no entanto, a perspicácia do empresário-detetive desvendou o mistério da narrativa: crime passionai. Nessa narrativa o suspense é evidenciado pelo jogo de pistas que o autor apresenta ao leitor e somente no desfecho é desvendado o crime.

Para realizar essa oficina, cada dupla de alunos recebeu a cópia de um texto e uma ficha literária (Anexo 6) para direcionar sua reflexão e a análise do conto. No início da leitura, houve muitas queixas de que as histórias eram longas, cansativas e de difícil compreensão. Considerando que os contos são, por excelência, narrativas condensadas, as falas dos alunos denotam a pouca prática de leitura de textos literários, como, por exemplo, romances e novelas, que são, geralmente, mais extensos.

Após a leitura, os alunos iniciaram o preenchimento da ficha literária, identificando o título do texto lido, seu respectivo autor e o tema presente no conto. Em seguida, analisaram questões específicas sobre a linguagem nos textos, tais como os vocábulos utilizados no enredo e na caracterização das personagens, se a linguagem era atual ou anacrônica, se o discurso era formal ou informal. Posteriormente, os alunos refletiram sobre a estrutura básica da narrativa: a forma escolhida pelo autor para iniciar a história, as marcas de temporalidade presentes no enredo, que mostravam o desenvolvimento da trama, e a resolução da trama no final do conto. Por fim, analisaram o texto considerando as cinco primeiras fases propostas

por Cavalcante (2011), que se referem à sequência narrativa: a situação inicial, a complicação, o clímax, a resolução e o desfecho da história.

A previsão para o desenvolvimento dessa atividade era, inicialmente, de três aulas. No entanto, esse prazo precisou ser estendido para seis aulas, pois os alunos não conseguiram finalizar as leituras dos contos em sala. Percebemos, durante a atividade, que muitos deles encontraram certa dificuldade para compreender algumas passagens dos textos e, mesmo com o uso do dicionário, afirmavam que não compreendiam o enredo. Por isso, em alguns momentos, foi preciso intervir nessa leitura para esclarecer o que determinadas palavras significavam no contexto daquela narrativa. Explicamos para toda a turma que as escolhas linguísticas presentes nos textos refletiam o momento histórico das produções e também dos autores.

Outro aspecto apontado pelos alunos diz respeito às descrições feitas pelo narrador. Para eles, os cenários e as personagens eram de tal forma detalhados que continuamente se perdiam no fio da trama. No debate conduzido em sala, explicamos que a caracterização pormenorizada desses dois elementos é fundamental em uma narrativa do gênero em questão, pois é através de um arranjo bem elaborado das palavras que o autor é capaz de criar uma personagem com características convincentes, bem como uma atmosfera de suspense que mantenha o leitor interessado no desenrolar da narrativa.

Em relação às formas escolhidas pelos autores para iniciar a história, aponte para os alunos a importância da marcação temporal. Relemos alguns trechos e explicamos que o uso de expressões que indicam tempo é fundamental na estrutura da narrativa, pois contribuem para nortear o leitor/ouvinte durante a história que está sendo contada.

Por fim, discutimos sobre a sequência narrativa dos contos. A maior parte dos alunos conseguiu identificar nas histórias as fases propostas por Cavalcante (2011). Para avaliar os alunos a respeito da sequência narrativa, questionamos-os sobre qual seria o momento de complicação nos contos lidos. Eles responderam que os narradores deixavam entrever pistas que, em seguida, seriam desconstruídas, *semelhante a um jogo*.

Consideramos que essa atividade obteve resultados positivos, tendo em vista os objetivos propostos. Os alunos tiveram contato com textos da literatura universal que ampliaram o seu repertório literário e aguçaram o interesse por contos de suspense. O envolvimento e a curiosidade que esse trabalho despertou nos alunos confirmam a nossa hipótese de que esse gênero fascina leitores da faixa etária escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa.

Com isso, acreditamos que, como a escola é uma agência de letramentos, a mediação do professor ao universo literário pode e deve levar os alunos a apreciar outras possibilidades de leitura, ainda que bem distantes daquelas com as quais eles não estão acostumados.

### 3.4 Oficina 4

#### Quadro 4 – Oficina 4

<b>OFICINA 4 – Ampliação do repertório</b>	
<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>a) Proporcionar aos alunos a exibição de curta-metragem e trailers de filme de suspense.            b) Fazer a análise comentada dos vídeos.            c) Conduzir os alunos para que atentem aos aspectos que tornam o conteúdo desses vídeos como filmes de suspense.            d) Fazer uma análise da primeira versão do texto.</p> <p><b>Os vídeos que serão exibidos estão hospedados nos links abaixo:</b>  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=R6B1J_-KQrI">https://www.youtube.com/watch?v=R6B1J_-KQrI</a> “Palhaço”  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=GQIUe5tMuMk">https://www.youtube.com/watch?v=GQIUe5tMuMk</a> “O desconhecido”  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=M9t7COu4ikM">https://www.youtube.com/watch?v=M9t7COu4ikM</a> “Antes de dormir”</p>	
<p><b>1ª. ATIVIDADE:</b> Aumentando a cultura letrada do aluno.</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> Fazer a exibição dos três vídeos aos alunos. Após a exibição dos vídeos, os alunos serão conduzidos a comentar sobre eles. A professora fará alguns questionamentos a fim de levar os alunos a perceberem o suspense de cada história: Quais foram os momentos de maior tensão dos vídeos assistidos? O que provocou o suspense em cada um deles? Além das cenas, o que mais contribuiu para provocar esse suspense na história? Como foi a reação das personagens principais diante dessa situação que provocou o suspense?</p> <p><b>2ª. ATIVIDADE:</b> Refletindo sobre a primeira produção</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> A professora distribuirá aos alunos a primeira versão do texto para que eles possam fazer uma autoavaliação em relação a ele. O texto produzido pode ser considerado um texto de suspense? Seu ídolo está em uma situação de apuros? Você caracterizou o ambiente para que ele envolvesse o leitor num clima de mistério?</p>	
<b>TEMPO PREVISTO:</b> 3 aulas	<b>MATERIAL:</b> Multimídia, vídeos, Internet e folhas.

É cada vez mais comum o uso de diversas tecnologias, principalmente as digitais, a favor da aprendizagem dos alunos. Segundo Rojo (2012), “a sociedade hoje funciona a partir de uma diversidade de linguagens e de mídias e de uma diversidade de culturas e que essas coisas têm que ser tematizadas na escola, daí multiletramentos, multilinguagens, multiculturas”. Nesse contexto, a utilização de outras mídias na aprendizagem possibilita a percepção de outras leituras, propiciando, assim, os multiletramentos.

Demos continuidade ao nosso trabalho, apresentando aos alunos a exibição de três textos fílmicos. Ao assistir aos vídeos, os alunos puderam visualizar os recursos que o diretor utilizou para provocar o suspense no enredo. O texto fílmico utiliza outros recursos, como linguagem não verbal, sonoplastia e multissemioses, para envolver o espectador em sua trama. Durante a exibição dos filmes, os alunos ficaram concentrados na atividade proposta. Depois foi aberto um momento de discussão sobre cada vídeo. Perguntamos a eles se conseguiram identificar o suspense dos filmes, no entanto, alguns disseram que os vídeos não eram de suspense, mas de terror. O curta “O palhaço” atraiu mais a atenção dos alunos e muitos ficaram apreensivos, e com medo quando a personagem foi abordada pelo palhaço no banheiro, pois eles não estavam esperando acontecer aquela cena. Dessa forma, constatamos que o trabalho com outras mídias pode proporcionar aos alunos um melhor entendimento da construção do suspense de uma história.

Após essa discussão, passamos à reflexão de como uma história de suspense pode ser construída. Segundo Piglia (2004), “um conto sempre narra duas histórias, uma aparente e outra secreta”. Partindo dessa afirmação, os alunos formularam hipóteses de como o suspense pode ser construído: a partir de elementos da narrativa, da quebra de expectativa, da supressão de informações, das pistas falsas, do estranhamento, de revelações, entre outras. De acordo com Piglia (2004)

Uma história pode ser contada de maneiras distintas, mas sempre há um duplo movimento, algo incompreensível que acontece e está oculto. O sentido de um relato tem a estrutura do segredo (remete à origem etimológica da palavra: *se-cernere*, pôr à parte), está escondido separado do conjunto da história, reservado para o final em outra parte. Não é um enigma, é uma figura que se oculta. (PIGLIA, 2004, p. 106.)

O desafio desse tipo de construção é a escolha dos elementos que irá prender a atenção do leitor/espectador e quais são os elementos que os conduzirão à revelação do suspense, do mistério. Exploramos, ainda, esses textos, sob a ótica dos textos multimodais, os diferentes tipos de linguagens (verbal, visual e sonora) permitiram que a identificação do suspense fosse melhor compreendida do que na oficina anterior (leitura de textos escritos).

A segunda parte da oficina foi dedicada à autoavaliação da primeira versão do conto de suspense a partir do conto “O dedo”. Após refletirmos sobre as diversas possibilidades de leitura, consideramos importante que os alunos pudessem avaliar seu próprio texto. O objetivo dessa atividade era o aluno identificar problemas que faziam com que o texto não se encaixasse como um conto de suspense. Para isso, eles recorreram às anotações que fizeram sobre os textos da oficina 3 e da oficina 4.

Percebemos, então, que os alunos começaram a identificar o que era, realmente, um conto de suspense. Observaram, por exemplo, que, embora a situação inicial estivesse presente (achar um dedo na praia), eles não apresentaram outras fases, tais como a complicação e o clímax da história. Muitos alunos afirmaram que os textos produzidos por eles na segunda oficina pareciam, na verdade, um relato que não provocava no leitor nenhuma sensação de agonia ou tensão. Outros não identificaram os elementos que levariam o leitor a perceber o suspense, como as pistas e a quebra de expectativa. Foram levantados, também, por eles, outros problemas, como organização do texto, ortografia, paragrafação, que serão trabalhados posteriormente. Com essa atividade, os alunos perceberam que a construção de um texto é um processo e que precisamos amadurecer essa postura a fim de termos tempo de refletir sobre o processo de escrita.

### 3.5 Oficina 5

#### Quadro 5 – Oficina 5

<b>OFICINA 5 – Segunda versão do texto</b>
<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>a) Ensinar estratégias para a elaboração de textos, tais como planejamento da escrita, reescrita e reflexão a respeito dos resultados obtidos, seguindo os estudos de Antunes (2010).</p> <p>b) Apresentar a ferramenta <i>wiki</i> aos alunos.</p> <p>c) Orientar os alunos a reescreverem a segunda versão do conto em ambiente virtual, atentando para a organização da sequência narrativa (Situação inicial, complicação, ações para o clímax, resolução, situação final), de Cavalcante (2011) e nos elementos da narrativa segundo Gancho (1991).</p>
<p><b>1ª. ATIVIDADE:</b> Análise dos textos</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> Selecionar alguns textos dos alunos e apontar os problemas encontrados na primeira versão do texto, em Data Show. Fazer a análise coletiva dos textos e colher sugestões para possíveis mudanças.</p> <p>Solicitar aos alunos que anotem as observações que eles julgam necessárias para a produção da próxima versão do texto, atentando para a organização da sequência narrativa e para o conteúdo do texto, priorizando a construção do suspense da história (Pensar em vários suspeitos, ações que despistem o leitor, como suprimir informações, algo que cause estranhamento no leitor, algum elemento que manipule a mente do leitor, incluir pistas falsas e verdadeiras, explorar o vocabulário que provoque o suspense, escolher minuciosamente o vocabulário para causar o efeito de suspense, ocultar alguns detalhes e criar um desfecho inusitado).</p> <p><b>2ª. ATIVIDADE:</b> Produzir a segunda versão do texto em ambiente virtual</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> Solicitar aos alunos que produzam uma nova versão do texto, agora num</p>

ambiente virtual ( <a href="http://pt-br.do-suspense-de-um-conto-a-um-conto-de-suspense.wikia.com/wiki/P%C3%A1gina_principal">http://pt-br.do-suspense-de-um-conto-a-um-conto-de-suspense.wikia.com/wiki/P%C3%A1gina_principal</a> ). Para tanto, o professor fez a apresentação da Wiki aos alunos para que eles possam navegar pelo ambiente, ter o acesso e receber as orientações para as próximas etapas das atividades. Após a reescrita do texto, os alunos serão orientados a fazer a leitura dos textos dos colegas para que possam fazer uma avaliação desses textos, considerando as observações feitas pela professora e pelos colegas. Cada aluno receberá uma folha com o roteiro dos aspectos que irá analisar (Sequência narrativa e aspectos temáticos). As considerações sobre os próprios textos e sobre os textos dos colegas serão feitas no próprio ambiente virtual. Todas as alterações são monitoradas pelo professor que fará o acompanhamento das correções/sugestões dos alunos aos textos dos colegas, bem como as orientações para que os textos se tornem melhores.
<b>TEMPO PREVISTO:</b> 6 aulas.   <b>MATERIAL:</b> Data show e Internet.

Nas duas oficinas anteriores, as atividades propostas visavam ao contato do aluno com o texto literário escrito e, também, com o texto fílmico. Porém, nesta oficina, eles puderam refletir sobre a própria escrita, analisando a primeira produção realizada na oficina 2.

Primeiramente, selecionamos alguns textos que apresentaram problemas e os mostramos aos alunos. Para isso usamos o recurso metodológico data show. À medida que os trechos foram exibidos, recorri à proposta de análise textual de Antunes (2010) para orientar os alunos sobre alguns possíveis problemas já detectados.

Iniciamos analisando a dimensão global do texto, que representa o eixo da coerência. Para isso, selecionamos alguns aspectos apontados por Antunes (2010): a) o universo da referência – real ou fictício – para o qual o texto remete; b) seu tema ou sua ideia central; c) seu propósito e sua intenção mais específica; d) o critério de subdivisão de parágrafos; e) as particularidades da superestrutura de cada gênero; f) seus recursos de encadeamento, de articulação entre parágrafos ou períodos a fim de lhe conferir a necessária continuidade.

Para Antunes (2010, p. 59)

No ensino da língua, o apelo maior deve ser orientado para a descoberta e a compreensão dos sentidos, das intenções e da função com que as coisas são ditas. O fundamental, portanto, é perceber a *função pretendida para cada uso, para cada escolha*. Em tudo que dizemos, como sabem, as escolhas não são aleatórias. Em geral, fica-se muito no estudo das formas linguísticas, como se anda mais houvesse para além delas. É, portanto na perspectiva de ver a *interação verbal acontecendo* que se deve empreender o trabalho de análise dos textos que circulam ou que circularam entre nós (e, ampliando, no mundo alargado das comunidades em que se fala o português!). (ANTUNES, 2010, p. 59)

Assim, selecionamos aqueles aspectos que se referem ao conteúdo do texto. Grosso modo, percebemos que muitos desses aspectos não apareciam na maioria dos textos

produzidos, podendo ser observados nos textos 7 e 8 , com isso, a análise a partir dos aspectos do plano global, segundo Antunes (2010), foi o principal motivador para as atividades seguintes.

Dando sequência à análise, recorreremos aos estudos de Gancho (1991) para verificar se os textos selecionados apresentam os elementos básicos da narrativa: enredo (exposição - ou introdução ou apresentação -, complicação, clímax e desfecho), personagens, tempo, espaço e narrador. Até esse momento, estávamos utilizando, somente, a sequência narrativa de Cavalcante (2011), no entanto, percebemos que nem todos os textos narrativos apresentam todos os elementos citados pela autora. Com isso, os alunos não estavam conseguindo aplicar o esquema proposto por ela em seus textos. Dessa forma, buscamos tornar a estrutura narrativa mais compreensível para os alunos, incorporando a estrutura narrativa sob a ótica de Gancho (1991). Com essa decisão, os alunos puderam identificar melhor os elementos da narrativa e aplicaram, na medida possível, em seus textos.

Figura 8 - Texto 7: "Naruto acha um dedo na areia"

Naruto acha um dedo na areia

Um belo dia, na aldeia da folha, Naruto lactou com dentes, perto da lagoa que se passa a aldeia da folha da aldeia do som. E Naruto foi novamente para com o primo Gai que disse: - vou ajudar vocês a dar uma volta mais ao lado que não ajuda pouco o Sasuke e Sakura ele não sou ajudante também. Então Naruto foi procurar Sasuke e Sakura que estão na ginásio e Naruto disse: - Sasuke, Sakura a ginásio pediu que você me a aldeia da com comigo. E Sasuke disse: - Eu não quero. E Naruto respondeu: - para achar o dono desse dedo, a Sakura falou: - não importa, é bom para a aldeia da folha. Então Sasuke, Sakura, Sasuke e Gai. E lá eles encontraram o velho Sabo que disse: - Eu sei de quem é esse dedo e Naruto perguntou: - e de quem é o velho respondeu: - Inuzuka que ele mandou falar a morte que não se separa com todo o tempo. E Naruto foi comendo... eu acho que não sou seu pai morto e o Gai que tinha encontrado a dudu de tempo para pegar o tempo passado e Naruto fez uma pergunta ao velho Sabo: - se eu gosto não pega, se não do meu pai e Sasuke e Gai disseram, Naruto venceu e não perdeu. Então Sasuke com a aldeia da folha e Naruto



fim



escrita, com base na proposta de Antunes (2010). Esse momento foi de fundamental importância, pois os alunos puderam perceber pontos detectados nos textos apresentados para eles, na primeira parte dessa oficina, mas também outros de ordem bem individual e particular, mas não menos importante para um texto bem estruturado.

À medida que as autoavaliações eram feitas, fizemos algumas intervenções, a fim de colocar em prática as atividades de leitura já desenvolvidas. Nesse momento, lembramos a eles pontos importantes dos textos lidos e analisados, como a verossimilhança, a construção das personagens, o distanciamento ou a aproximação do narrador, o tipo de ambiente escolhido para a narrativa, o tempo utilizado e as partes do enredo Gancho (1991). Alguns alunos demonstraram dúvidas em relação a alguns pontos selecionados por nós, já outros, conseguiram avaliar seus textos de forma mais madura. Acreditamos que essa parte da oficina é de fundamental importância, pois, além de ser uma das etapas de atividades semelhante à *sequência didática*, também leva o aluno a refletir sobre a própria produção. No meu ponto de vista, essa foi a parte mais complexa do trabalho. Uma das hipóteses para esse julgamento deve-se ao fato de esse tipo de atividade não ser muito comum na prática de produção textual. Sendo assim, consideramos que a avaliação da própria escrita deveria ser essencial e muito bem trabalhada no processo de produção de textos.

**Quadro 6: Ficha para avaliação dos textos**

<b>Aspectos a serem analisados nos textos.</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Verifique se a personagem principal do seu texto é uma celebridade ou personagem de filmes ou livros.		
Você descreveu as personagens da história?		
Você descreveu o ambiente onde passa a história?		
Seu texto apresenta vários suspeitos para o suspense do dedo encontrado na praia?		
Você utilizou alguma situação que provocasse estranhamento no leitor?		
Há pistas que levem o leitor a imaginar uma outra situação que não seja a verdadeira?		
Você explorou o vocabulário com palavras que provoquem suspense?		
Você desvendou o suspense do dedo encontrado na praia?		
Há alguma passagem no seu texto que está sem sentido?		

Seu texto está dividido em parágrafos?		
Você separou as vozes do texto?		
Há título no seu texto?		
O título do seu texto é instigante?		

Após a autoavaliação, pudemos refletir sobre as respostas dadas pelos alunos. O primeiro aspecto a ser analisado pelos alunos diz respeito à utilização de um ídolo como personagem principal. “*Verifique se a personagem principal do seu texto é uma celebridade ou personagem de filmes ou livros.*” Nesse aspecto, todos os alunos conseguiram cumprir o que a proposta inicial de produção do texto para esse projeto exigia. Todos os textos produzidos tinham como personagem principal uma celebridade ou uma personagem de filmes ou de livros.

A segunda “*Você descreveu as personagens da história?*” e a terceira perguntas “*Você descreveu o ambiente onde passa a história?*” buscavam levar o aluno a refletir sobre a importância de compor, por meio de descrição, as personagens e o espaço em que se passa a história. A maioria dos alunos conseguiu identificar a descrição desses aspectos, esse passo é de fundamental importância para a evolução da narrativa. Os alunos que não descreveram a personagem principal ou o espaço alegaram que o texto ficaria muito grande se eles detalhassem. Nesse momento, recorremos a trechos de textos produzidos por outros alunos para mostrar a eles que a descrição pode ser objetiva, subjetiva, relacionada aos aspectos físicos ou aos psicológicos e que com o planejamento é possível detalhar sem ser enfadonho.

As cinco perguntas a seguir focam na elaboração do suspense do texto. “*Seu texto apresenta vários suspeitos para o suspense do dedo encontrado na praia?*”, “*Você utilizou alguma situação que provocasse estranhamento no leitor?*”, “*Há pistas que levem o leitor a imaginar uma outra situação que não seja a verdadeira?*”, “*Você desvendou o suspense do dedo encontrado na praia?*”. Muitos alunos não conseguiram identificar em seus textos esses aspectos. A partir das respostas obtidas, pudemos perceber que a construção de um texto de suspense é algo complexo e que demanda um olhar atencioso sobre vários elementos que podem provocar o suspense.

Elaboramos três perguntas relacionadas à coerência e coesão textual, “*Há alguma passagem no seu texto que está sem sentido?*”, “*Seu texto está dividido em parágrafos?*”, “*Você separou as vozes do texto?*”, por perceber que alguns textos da primeira versão apresentavam esses problemas. A maioria dos alunos conseguiu, na segunda versão, suprir essas lacunas, no entanto, alguns ainda cometeram alguns deslizes que comprometeram o sentido do texto.

Para finalizar a autoavaliação, os alunos foram levados a refletir sobre o título que deram às suas histórias. Na primeira versão, muitos textos estavam sem o título. Essa dificuldade pode ser percebida em vários níveis escolares, é uma tarefa que aflige os alunos. É comum os alunos, ao final do texto, perguntarem a nós, professores, qual título eles podem dar aos seus textos. Focamos nesse aspecto por entender que em um texto literário o título é peça fundamental, ainda mais por se tratar de um texto de suspense.

Com o final das análises desse questionário chegamos à conclusão que a autoavaliação é um fator importante na produção textual e permite que os alunos participem de todo o processo da escrita e, também, pode levá-los a enxergar a sua produção como algo a ser lapidado e que está sempre em processo. A maioria dos alunos percebeu a relevância dessa atividade, como podemos visualizar pelas respostas a seguir. *“No 1º texto, meu personagem não era um personagem de um livro ou série, mas o personagem do 2º texto é um cantor. Em nenhum dos textos descrevi o personagem. Descrevi o local onde se passa a história. Não consegui apresentar suspeitos na minha história. Meus textos não têm suspense e o título não é instigante. Com essa avaliação percebi que o texto precisa ser revisado várias vezes para se tornar melhor”*. *“Percebi que o texto ficou faltando detalhes e não teve o suspense, porém o segundo texto melhorou, mas ainda não consegui colocar o suspense na história.”*

### **A vertente digital**

Na aula seguinte, apresentamos aos alunos a ferramenta *wiki*. Para isso, todos os alunos tiveram que fazer o cadastro na página da Wikia<sup>7</sup> para execução de algumas atividades desta pesquisa. Esse momento foi libertador para alguns alunos, pois, para participar da wikia, eles deveriam ter/utilizar um email para concluir o cadastro e alguns dos alunos não tinham ou não sabiam qual era o email deles, mesmo muito deles sendo participantes de redes sociais como *Facebook*. Esse fato demonstra o quanto ainda falta para que parte dos alunos sejam considerados multiletrados, principalmente no que diz respeito à utilização dos meios digitais para outros fins, além das redes sociais. No entanto, essa atividade possibilitou a eles a inserção no mundo digital. Após o cadastro, os alunos exploraram a ferramenta e seguiram os comandos da atividade para reescrever a segunda versão do texto no ambiente digital.

A execução da segunda parte dessa oficina comunga com o conceito de multiletramentos defendidos Rojo (2015, p. 135)

---

<sup>7</sup> <http://pt-br.do-suspense-de-um-conto-a-um-conto-de-suspense.wikia.com/wiki/Especial:WikiActivity>.

Não é difícil reconhecer o quanto a escola ainda privilegia quase que exclusivamente a cultura dita “cultura”, sem levar em conta os multi e novos letramentos, as práticas, procedimentos e gêneros em circulação nos ambientes de massa e digital e no mundo hipermoderno atual. (...) para que a escola possa qualificar a participação dos alunos nas práticas da web, na perspectiva da responsabilização, deve propiciar experiências significativas com diferentes culturas e com práticas, procedimentos e gêneros que circulam em ambientes digitais: refletir sobre participações, avaliar a sustentação de opiniões, a pertinência e adequação de comentários, a imagem que se passa, a confiabilidade das fontes, apurar os critérios de curadoria e de seleção de textos/produções, refinar os processos de produção e recepção de textos multissemióticos. (ROJO, 2015, p. 135)

Ainda sobre a produção escrita no ambiente digital, é importante ressaltar que essa escrita se difere da escrita impressa, uma vez que, segundo Schons e Valentini (2012), “O sujeito que produz, também pode editar, alterar e publicar suas produções imediatamente. O sujeito como escritor e autor é responsável pela sua escrita e produção”, por isso acreditamos que, como nem todos os alunos têm familiaridade com esse tipo de escrita contemporânea, mesmo sendo considerados nativos digitais (PRENSKY, 2010), o tempo previsto para a realização da produção da segunda versão do texto precisou ser estendido. Outras hipóteses são o fato de que, muitas vezes, a internet é utilizada por esse público apenas para situações bem informais, e, também, essas produções foram reconstruídas a partir da análise feita pelos alunos e não somente digitadas nesse ambiente. Assim utilizamos quatro aulas para concluir a segunda versão do texto.

**Figura 10 – Imagens das aulas**



**Figura 11 – Imagens das aulas**

Depois do texto escrito, os alunos puderam ler os textos dos colegas e sugerir possíveis modificações, atentando para a proposta de Antunes (2010) e para os elementos da narrativa sugeridos por Gancho (1991). Consideramos que essa etapa da atividade foi muito importante para que os alunos pudessem se desnudar do próprio texto. Logo após as observações do aluno, fizemos a nossa intervenção, a fim de que o aluno pudesse perceber outros elementos não apontados pelo colega. Nessa fase, nos preocupamos em focar o conteúdo produzido.

Figura 12 – Visão geral da página da Wikia

**Wikia Do suspense de um conto a um conto de suspense**

Pelo Wiki | Comunidade

Atividade na WM | Página aleatória | Vídeos | Imagens | Fórum

Contribua

**Alterações:** Página principal [Editar](#)

[Voltar para o artigo](#)

Edição das 12h00min de 23 de outubro de 2016 (editar)  
 Kátia Torres (mural | contribs | bloquear)  
 - Edição anterior

Edição atual tal como às 12h27min de 23 de outubro de 2016 (editar)  
 (desfazer)  
 Kátia Torres (mural | contribs | bloquear) [reverter]  
 (Fiz uma análise geral do texto.)

Linha 1:

===='''A Wiki Fantia a partir de um um ponto de suspense é um ambiente wiki criada para que os alunos da Escola Estadual Antônio Silva possam criar, postar e linkar textos e imagens de forma colaborativa. Essa atividade faz parte de uma das oficinas que integram o projeto de Mestrado Profissional ProfLetras, da UFMG, executado pela mestrand Kátia Cristina de Oliveira Torres, sob orientação da Drª Leiva de Figueiredo Viana Leal.'''====

Linha 1:

Um lindo dia, o sol estava muito quente e o Calo Castro resolveu pegar uma onda.Foi com sua namorada na praia, chegando lá ele entrou dentro do mar,só que tinha um tubarão lá.Ele foi tentar correr só que o tubarão comeu um pedaço de seu dedo que estava com um anel de ouro que seu pai tinha dado para ele de lembrança.Por fim os caçadores que estavam na praia chegaram e mataram o tubarão.Ele tinha que ir no hospital para operar o dedo, ele ohorou poque tinha perdido o seu anel preferido que seu pai lhe deu.Depois de alguns tempos um menino que se chamava João Carlos encontrou um pedaço de um dedo com um anel de ouro , ele pegou uma sacola e levou para casa, chegando lá ele mostrou sua mãe<span style="font-family:Helvetica,Arial,sans-serif;"> o dedo que estava com anel e mãe dele perguntou, a onde vo achou esse anel? e o menino respondeu lá na praia, no dia seguinte sua mãe foi na praia pra saber de quem era aquele dedo com anel e ela acobou encontrando a namorada dele, e a mãe do João falou com a namorada dele voce sabe de quem esse dedo com o anel de ouro e a na morada dele respondeu sim eu conheço é do meu namorado, vamos entregar o dedo dele? sim vamos lá chegando lá na casa dele, a namorada dele tocou a campainha findon ele perguntou quem é sou pameia, ela falou amor eu encontrei seu dedo com anel e ele falou cade então, esta com a mulher,então manda ela entrar oiii sr Calo Castro e ele respondeu oiii voce esta com o meu dedo e com o meu anel?si eu estou com o seu dedo, obrigada por voce e deu filho ter achado o meu dedo na praia e ela respondeu dinada, ele falou fiou vou te dar um recompensa e ela responde não precisa eu te entreguel o se dedo com anel poque cou um pecoa honesta, e o Calo responde mais mesmo assim vou te dar uma uma recompensa toma um cheque de 50.000 mil reais, e ela responde obrigado sr Calo castro.E depois ele fez uma cirurgia pra colocar o pedaço do seu dedo. fim!</span>

+ O seu texto ficou bom mas faltou o suspense nele!

Figura 13 – Print da página da Wikia com comentário feito pelo aluno

Edição atual tal como às 12h27min de 23 de outubro de 2016 (editar)  
 (desfazer)  
 Katia Torres (mural | contribs | bloquear) [reverter]  
 (Fiz uma análise geral do texto.)

Linha 1:

Um lindo dia, o sol estava muito quente e o Calo Castro resolveu pegar uma onda. Foi com sua namorada na praia, chegando lá ele entrou dentro do mar, só que tinha um tubarão lá. Ele foi tentar correr só que o tubarão comeu um pedaço de seu dedo que estava com um anel de ouro que seu pai tinha dado para ele de lembrança. Por fim os caçadores que estavam na praia chegaram e mataram o tubarão. Ele tinha que ir no hospital para operar o dedo, ele chorou porque tinha perdido o seu anel preferido que seu pai lhe deu. Depois de alguns tempos um menino que se chamava João Carlos encontrou um pedaço de um dedo com um anel de ouro, ele pegou uma sacola e levou para casa, chegando lá ele mostrou sua mãe " o dedo que estava com anel e mãe dele perguntou, a onde vo achou esse anel? e o menino respondeu lá na praia. no dia seguinte sua mãe foi na praia pra saber de quem era aquele dedo com anel e ela acabou encontrando a namorada dele, e a mãe do João falou com a namorada dele voce sabe de quem esse dedo com o anel de ouro e a namorada dele respondeu sim eu conheço é do meu namorado, vamos entregar o dedo dele? sim vamos lá chegando lá na casa dele, a namorada dele tocou a campalhinha tinton ele perguntou quem é sou pâmela, ela falou amor eu encontrei seu dedo com anel e ele falou cade então, esta com a mulher, então manda ela entrar oiii sr Calo Castro e ele respondeu oiii voce esta com o meu dedo e com o meu anel? si eu estou com o seu dedo, obrigada por voce e deu filho ter achado o meu dedo na praia e ela respondeu dinada, ele falou frou vou te dar um recompensa e ela responde não presolca eu te entreguel o se dedo com anel porque sou um pessoa honesta, e o Calo responde mais mesmo assim vou te dar uma recompensa toma um cheque de 50.000 mil reais, e ela responde obrigado sr Calo castro. E depois ele fez uma cirurgia pra colocar o pedaço do seu dedo. fim!</span>

+ O seu texto ficou bom mas faltou o suspense nele!

Figura 14 – Print da página da wikia com comentário feito pelo professor

**Wikia Do**  
**suspense de um**  
**conto a um conto**  
**de suspense**

Pelo Wiki Comunidade

Amizade na Wiki Página aleatória Vídeos Imagens Fórum

Página principal f t 2 PÁGINAS EM ESTE WIKI

Um lindo dia, o sol estava muito quente e o Caio Castro resolveu pegar uma onda. Foi com sua namora

O seu texto ficou bom mas faltou o suspense nele!

Nalanda, pense em situações que possam levar despistar o leitor sobre o que aconteceu com seu idolo. Uma possibilidade é você criar duas situações e no decorrer do texto você opte por uma delas. Escolha palavras que possam te ajudar a criar um clima de suspense, de mistério.

Divida seu texto em parágrafos e faça-os mais curtos. Pense em organizar esses parágrafos por assunto. Você pode, por exemplo, no primeiro parágrafo, descrever mais o ambiente em que se passa a história e o motivo do seu idolo ter escolhido aquele lugar e a companhia da namorada. No segundo, você pode apresentar algumas pistas, levando o leitor a acreditar que poderia ter acontecido algo mais sério com a personagem e outra que levasse o leitor a tranquilizar-se com a situação...

Reveja algumas informações que você utilizou em texto. O que caçadores faziam na praia? Quem socorreu Caio Castro?

Você precisa, também, separar as vozes do texto. Há uma mistura de discurso direto e indireto.

Relia seu texto e faça uma nova versão dele e pense em um título bem instigante.

Após a aplicação dessa oficina, algumas reflexões se fazem necessárias. Percebemos que a segunda produção, mesmo com a nossa intervenção nas análises das primeiras produções e com a autoavaliação do aluno, ainda não tinha avançado o suficiente para classificar o texto como bem elaborado e com indícios de autoria. As produções apresentaram os elementos básicos da narrativa, no entanto, com algumas lacunas, como falta de caracterização do ambiente e das personagens, apresentação do conflito, do clímax, além de não identificarmos, na maioria dos textos, o suspense em relação ao *dedo encontrado na praia*. Esses aspectos foram trabalhados na próxima oficina.

## 3.6 Oficina 6

## Quadro 7 – Oficina 6

<b>OFICINA 6 - Ampliação do repertório e Terceira versão do texto</b>	
<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>a) Apresentar aos alunos sites que hospedam <i>Fanfics</i>.  b) Incitar o hábito a pesquisas.  c) Conduzir os alunos para que eles conheçam os produtores de <i>Fanfics</i>.  d) Conduzir os alunos para que atentem à organização temática adequada aos contextos de produção, circulação e recepção previamente explicitados.  e) Orientar os alunos na revisão e reescrita dos textos.</p>	
<p><b>1ª. ATIVIDADE:</b> Apresentar sites de <i>Fanfics</i>.</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> A professora apresentará aos alunos alguns sites de <i>Fanfic</i>, na sala de informática. Os alunos farão a pesquisa e selecionarão algumas <i>Fanfics</i> para fazer a leitura. A professora solicitará que os alunos escolham um texto que eles mais gostaram. Os alunos observarão como foi construída a história, como as personagens foram desenhadas, o suporte, a temática, o clímax e o desfecho. Após a observação, os alunos farão o registro da análise no caderno.</p>	
<p><b>2ª. ATIVIDADE:</b> Pesquisa sobre os autores de <i>Fanfics</i>.</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> Os alunos farão uma pesquisa sobre os autores de <i>Fanfics</i>: quem são os fanfiqueiros?, o que os motivam?, quem são as personagens das histórias?, quais são as mais lidas?, entre outros. A pesquisa será registrada no caderno.</p>	
<p><b>3ª. ATIVIDADE:</b> Comparação de textos</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> Os alunos farão uma comparação do texto que eles produziram na Wikia com os textos lidos nos sites de <i>Fanfics</i>. Cada aluno deverá fazer uma análise crítica de seu próprio texto, apontando semelhanças e diferenças em relação aos textos lidos.</p>	
<b>TEMPO PREVISTO:</b> 6 aulas	<b>MATERIAL:</b> Computadores, Internet, caderno e folhas.

Consideramos a sexta oficina como o ponto forte do nosso trabalho. Nela, apresentamos aos alunos uma nova modalidade de escrita digital, a *Fanfic*. No início do trabalho, demos pistas aos alunos sobre essa escrita, quando solicitamos a eles que envolvessem um ídolo no texto produzido. No entanto, julgamos este o melhor momento para apresentar aos alunos o novo gênero de texto que será produzido por eles no final dessa sequência de atividades e quem são os produtores e os leitores dessa nova escrita. As oficinas anteriores são importantes para que os alunos possam escrever textos bem elaborados e coerentes. Assim, consideramos importante oferecer aos alunos todo o percurso entre o texto literário impresso e clássico até chegar à produção de um texto digital, uma vez que esse novo

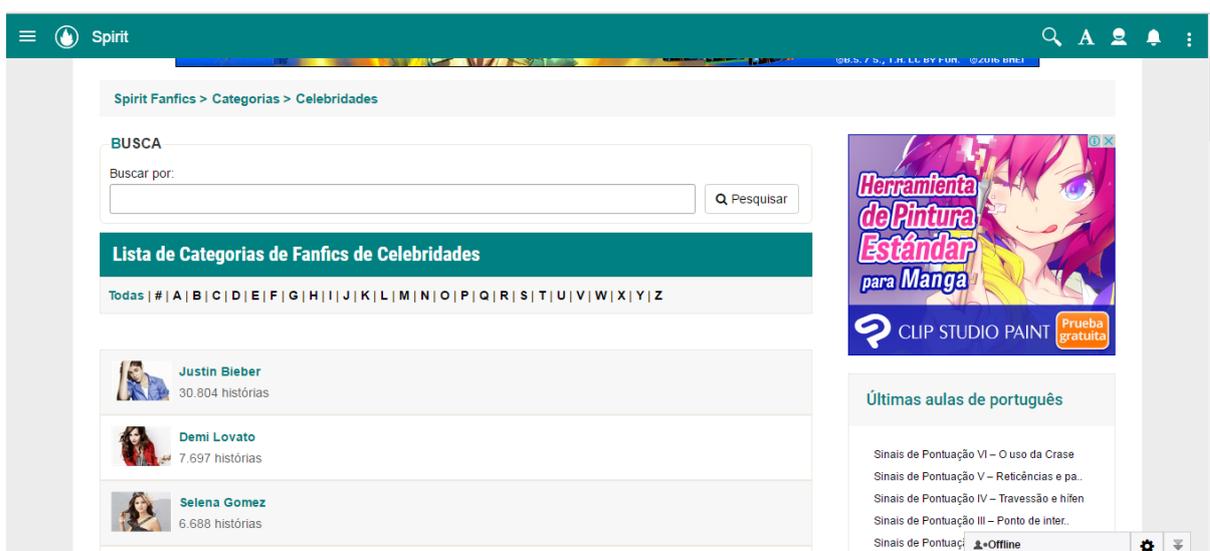
gênero obriga o produtor de textos a ter outro comportamento em relação à escrita. Esse comportamento diz respeito ao planejamento, à produção, à revisão, à reescrita e à edição do próprio texto, uma vez que a escrita digital é mais dinâmica e instantânea, pois o autor tem a oportunidade de vivenciar todas essas etapas.

Segundo Ricouer (1994),

A narrativa digital criou uma mudança de paradigma na narrativa tradicional, que era controlada pelo responsável pelo desenvolvimento de conteúdo, para uma narrativa que conta com a contribuição do usuário. A chave para entender essa mudança e utilizar com sucesso o ambiente digital como um novo espaço de narrativa é conhecer a própria audiência. É necessário um entendimento mais aprofundado sobre que tipo de narrativa melhor servirá a audiência, usando todo o leque de técnicas da narrativa digital, e quando as narrativas “analógicas” podem ser utilizadas. (RICOUER, 1994, p. 138).

Perguntamos aos alunos se eles já tinham lido ou escrito algum texto em sites que hospedam histórias. Alguns alunos disseram que conheciam colegas que escreviam histórias em aplicativo de celular<sup>8</sup>, mas eles nunca viveram a experiência de produzir textos para serem publicados. Demos prosseguimento à discussão e perguntei se eles já tinham lido alguma história ficcional sobre o seu ídolo. Algumas alunas disseram que leram histórias sobre *Justin Bieber*. Em uma breve pesquisa, identificamos esse artista sendo um dos ídolos mais utilizados pelos fãs nas produções de *Fanfics*. Essa informação é confirmada pelo site <https://spiritfanfics.com/fanfics/>, como mostra a figura abaixo.

Figura 15 – visão da busca no site Spirit Fanfics



<sup>8</sup> O aplicativo citado foi o *Evernote*.

Após essa sondagem, apresentamos a definição de *Fanfics*, segundo Zaponne (2008), aos alunos. Informamos a eles que essa nova modalidade de escrita tem seduzido muitos jovens e adolescentes, tanto como produtores quanto leitores e, em consequências disso, muitas produções são feitas constantemente e com isso eles, também, poderão experimentar a sensação de ser um autor de escrita digital, além de poder concretizar algumas histórias que antes eles já haviam idealizado.

Em seguida, solicitamos que eles fizessem uma busca sobre os sites que hospedam as *Fanfics* e navegassem naqueles que mais lhes chamaram a atenção, tanto pelo conteúdo, quanto pela estética da página. Depois desse momento, informamos-lhes o site<sup>9</sup> escolhido para continuarmos nossas atividades. Optamos por usar esse site por considerá-lo mais fácil para que os alunos pudessem navegar e com *layout* mais atraente. Assim, auxiliamos os alunos a fazer o cadastro no site e solicitamos que eles buscassem algumas histórias para fazer a leitura. É importante ressaltar que esse momento, além de proporcionar ao aluno uma nova oportunidade de leitura, também fez com que eles fossem gestores da própria aprendizagem. Percebemos que a maioria das histórias que eles liam estavam relacionadas a celebridades internacionais, mesmo havendo uma gama de opções para eles explorarem.

Dando prosseguimento à atividade, solicitamos aos alunos que observassem a estrutura do texto que foi produzido. Nesse momento, algumas questões já discutidas e analisadas por eles foram trazidas novamente, como a estrutura narrativa, os elementos da narrativa, a temática dos textos. Em hipótese alguma estamos propondo um formato a ser seguido na produção das *Fanfics*, muito menos de tentar escolarizá-la. No entanto, consideramos importante orientar os alunos quanto à questão de uma escrita bem elaborada e que envolva o leitor.

Com o objetivo de mostrar aos alunos como a produção digital faz parte da cultura de muito jovens, convidei-os a pesquisar sobre quem são esses produtores. Algumas perguntas foram lançadas a fim de levar alunos a uma reflexão sobre esses autores. A segunda parte dessa oficina refere-se ao perfil dos produtores de *Fanfics*. “*Quem são os fanfiqueros? O que os motivam? Quem são as personagens das histórias? Quais são as mais lidas? Qual a temática mais comum? No Brasil, quais são os temas mais utilizados pelos autores?*”.

Uma vez realizadas as pesquisas, discutimos sobre o perfil dos fanfiqueros. Cada aluno apresentava as respostas obtidas e eu anotava as respostas sintetizadas no quadro, a fim de que, ao final, obtivéssemos uma visão geral do perfil desses sujeitos escritores. No final da

---

<sup>9</sup> <https://spiritfanfics.com/fanfics/>

socialização, os alunos chegaram à conclusão de que os jovens citados nas reportagens e notícias recriam histórias de personagens de textos e de filmes e, também, criam histórias com ou sobre seus ídolos. Esse momento foi importante para que os alunos se sentissem, também, parte desse grupo, uma vez que estão buscando novas formas de interação com a literatura.

A terceira atividade, especificamente, teve o objetivo de levar o aluno a refletir sobre o próprio texto. Para isso, eles escolheram algumas *Fanfics* para ler e, logo após, apontaram as diferenças e semelhanças encontradas em relação ao seu próprio texto<sup>10</sup>. Vale lembrar que a *Fanfic* é uma escrita contemporânea e não apresenta uma estrutura fixa em relação a sua forma. Daí, encontramos textos escritos em prosa, geralmente, em capítulos. Esta estrutura foi percebida pelos alunos já que as histórias não apresentavam todos os elementos da narrativa, em especial o desfecho da história, como mostrado na figura a seguir.

---

<sup>10</sup> Textos hospedados no site <http://pt-br.do-suspense-de-um-conto-a-um-conto-de-suspense.wikia.com/wiki/Especial:WikiActivity>.

**Figura 16 – Print de uma Fanfic sobre a celebridade Justin Bieber**

## Capítulo 1 - Change



Estudava desde a primeira série naquela escola, onde conhecia todo mundo, estava na oitava série e se eu quisesse continuar meus estudos teria que morar mais meu tio. Eu não queria isso, não queria morar longe, deixar meus amigos, minha mãe, meu pai, não dava mesmo. Mas para minha infelicidade, a cidade onde eu moro não pode ser chamada de cidade de tão pequena que é, além de ser esquecida, deve ser a menor dos Estados Unidos, ou nem deve aparecer no mapa. Ela da mais para um povoado. Não sei por que chamar aquilo de cidade. Eu tenho que ir estudar fora por que lá não tem ensino médio. Na verdade ter tem, só que é de má qualidade e entra em greve de mês em mês. Por isso minha mãe me força a morar com meu tio.

Eu sei que é o melhor a fazer, mas além de não querer deixar quem amo tem mais dois motivos importantes pelo qual eu não quero ir. Em primeiro lugar: Meu namorado eu o amo mais do que qualquer coisa no mundo, mesmo ele usando e contrabandiando drogas. Ele nunca me meteu nisso e eu confio nele. Ele pode até ser agressivo as vezes. Mas nada que eu não possa resolver. Até por que ele se controla ao máximo. Ele não quer me machucar. É só o efeito das drogas. E eu o entendo. Minha mãe não aceita, nem meu pai. Mas nós nos amamos e já é o suficiente.

O segundo motivo, é obscuro demais e eu não me sinto a vontade de pensar nisso. É em relação ao meu tio. E de ele ser um pedófilo.

## Notas Finais

Eu não quis repetir mas só assim conseguiria adicionar minha fanfic . Desculpem

- 
 ~Bead\_1  
 Favoritei a história  
 1 hora atrás
- 
 ~Ahryanee  
 Adicionei um novo capítulo  
 1 hora atrás
- 
 ~Ahryanee  
 Adicionei um novo capítulo  
 3 horas atrás

▶ Veja todas as Atualizações



~Ahryanee  
Usuário

1

Historias

0

Seguidores

### Siga o Spirit

Seguir @SpiritOficial 33.3 mil seguidores



[Curtir Pagina](#)

Nesse texto, os alunos perceberam que as histórias não apresentavam um final. Outro ponto apontado pelos alunos foi em relação à liberdade de escrita. Muitos autores pareciam não ter conhecimento da estrutura narrativa e alguns alunos chegaram a destacar esse fato,

identificando os mesmos problemas apresentados nas produções anteriores: falta de clímax, uma linguagem bem próxima a de um relato, repetição de palavras, além de problemas de estrutura das frases, de ortografia e de acentuação. No entanto, esses fatores não os excluem de poder experimentar uma escrita contemporânea como a *Fanfic*. Podemos concluir, também, que só foi possível a análise que os alunos fizeram sobre a própria escrita porque eles tiveram a oportunidade de estudar e de vivenciar as oficinas.

Para finalizar essa atividade, os alunos fizeram um novo planejamento da segunda versão do texto produzida na Wikia. Elaboramos um roteiro de planejamento de escrita com base na estrutura dos elementos da narrativa (GANCHO, 2002), em alguns aspectos da sequência narrativa (CAVALCANTE, 2011) e na proposta de Antunes (2010) para os alunos perceberem quais alguns pontos principais devem ter em seus textos. Esse planejamento foi usado para a versão final da *Fanfic* que foi hospedada no site escolhido.

A princípio, tínhamos planejado que as versões dos textos seriam feitas no caderno e, posteriormente, repassadas para o ambiente digital. No entanto, reformulamos as estratégias, por acreditar que se tivéssemos feito dessa maneira, estaríamos produzindo uma postura que não levaria o aluno ao contato efetivo com a escrita digital e estaríamos distanciando-os dessa experiência.

De acordo com Dionísio (2004)

O professor que não reconhece as novas mídias como fato consolidado em nossa sociedade, que não concebe o dinamismo das linguagens, também parece ignorar a língua como um fenômeno heterogêneo, social, histórico. Consequentemente, tende a ter mais dificuldade para lidar com a diversidade de gêneros textuais, seus suportes, suas linguagens em sala de aula. (DIONÍSIO, 2014, p. 71)

Com isso, essa reflexão foi muito importante, pois se seguíssemos nesse caminho, estaríamos reproduzindo posturas condenadas por nós ao longo deste trabalho. Dessa forma, o roteiro serviu de base para o planejamento e, ao mesmo tempo, serviu como forma de avaliar, também, a produção escrita da *Fanfic*.

## 3.7 Oficina 7

## Quadro 8 – Oficina 7

<b>OFICINA 7 – Produção final</b>	
<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>a) Orientar os alunos na revisão e reescrita dos textos.</p> <p>b) Publicar os textos produzidos pelos alunos em uma página de internet. Os textos dos alunos, após revisados e reescritos, serão publicados na página (<a href="https://spiritfanfics.com/fanfics/">https://spiritfanfics.com/fanfics/</a>).</p> <p>c) Proporcionar aos alunos a leitura na íntegra do conto “O dedo”.</p>	
<p><b>1ª. ATIVIDADE:</b> Revisão e reescrita dos textos</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> Cada aluno receberá uma ficha com o roteiro de produção de <i>Fanfic</i>. De posse desse roteiro, o aluno irá produzir a versão final do seu site de (<a href="https://spiritfanfics.com/fanfics/">https://spiritfanfics.com/fanfics/</a>).</p>	
<p><b>2ª. ATIVIDADE:</b> Verificando o que aprendeu</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> A professora entregará aos alunos a primeira versão escrita do texto que eles produziram. Os alunos farão a leitura das duas versões do texto e preencherão um questionário para verificar se eles conseguiram aprimorar a escrita de texto narrativo, e, também, produzirão um comentário sobre o avanço que tiveram a partir das oficinas das quais participaram.</p>	
<p><b>3ª. ATIVIDADE:</b> Conhecendo o conto “O dedo”</p> <p><b>APLICAÇÃO:</b> A professora solicitará aos alunos que façam uma pesquisa em sites de busca sobre o conto “O dedo”. Primeiramente será feita uma leitura silenciosa. Após a leitura, será feita uma socialização das observações que os alunos destacaram. Nesse momento, é importante retomar as hipóteses que os alunos levantaram na 1ª oficina e verificar aquelas que se confirmaram e as que não se confirmaram.</p>	
<b>TEMPO PREVISTO:</b> 4 aulas	<b>MATERIAL:</b> Computador e laboratório de informática.

Nas aulas de Língua Portuguesa, especificamente nas aulas de leitura e análise de textos, é muito comum alguns alunos se sentirem frustrados com o final de uma história. E muitos, quando questionados pelo motivo, dizem que a história poderia ter sido de outra maneira e que gostariam de mudar alguma situação proposta pelo autor. A proposta das atividades desenvolvidas neste trabalho foi pensada, também, a partir dessas angústias que havíamos detectado na nossa prática de sala de aula. Com isso, a produção de *Fanfics* pode amenizar essa angústia uma vez que os alunos podem preencher o vazio que determinados textos deixam, além de se sentirem autores e de ter voz.

Consideramos que a última oficina foi a consolidação da inserção do aluno no meio digital. Após as reflexões feitas durante todas as etapas anteriores, os alunos produziram a versão final no texto, utilizando sua conta no site de *Fanfic* em que eles fizeram o cadastro. De posse do roteiro para escrita de *Fanfic*, os alunos, primeiramente, fizeram o planejamento a partir das nossas orientações e, logo após, iniciaram a versão do texto em sua conta.

### Quadro 9 – Roteiro para escrita de *Fanfic*

Proposta	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Escreva uma <i>Fanfic</i> em que o seu ídolo encontra um dedo perdido na praia. Não se sabe como aquele dedo foi parar na areia da praia. Sua narrativa deverá desvendar esse mistério por meio de situações de suspense que envolvam o leitor.</li> </ul>
Quando ocorrerá a história	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Reflita sobre como estaria o tempo: nublado, ensolarado, chuvoso?</li> <li>➤ Em que momento do dia acontecerá a história?</li> </ul>
O conflito	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Comece sua <i>Fanfic</i> apresentando um problema a ser resolvido.</li> <li>➤ Pense na sequência de acontecimentos.</li> <li>➤ Decida a ordem em que esses acontecimentos aparecerão na história.</li> </ul>
O desfecho	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Pense também no desfecho. O mistério do dedo encontrado na praia será resolvido? Como seu ídolo resolverá este problema?</li> </ul>
As personagens e o narrador	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Quem serão as personagens, além do seu ídolo, que participarão da história?</li> <li>➤ Como elas se comportarão diante do fato do dedo ter sido encontrado por seu ídolo?</li> <li>➤ O texto será narrado em 1ª ou 3ª pessoa?</li> <li>➤ Alguma personagem contará a história? Qual?</li> </ul>
O cenário da história	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ O texto deve ajudar o leitor a imaginar o lugar onde acontece a história. A descrição do cenário pode aparecer conforme a ação transcorre.</li> </ul>
A linguagem	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Selecione bem o vocabulário a ser usado em seu texto a fim de explorar os sentidos das palavras. Escolha palavras que possam sensibilizar o leitor em relação ao mistério a ser revelado.</li> </ul>
O público-alvo	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Lembre-se do perfil dos <i>fanfiqueros</i>.</li> </ul>

Nesse momento, foi importante ressaltar aos alunos que a escrita digital permite que eles tenham liberdade e lhes dão mais autonomia para produzir, reproduzir e editar o próprio texto.

Percebemos que, com essa atividade, os alunos se sentiram valorizados por poder gerenciar sua página de textos na internet. No decorrer da produção, muitos alunos

interagiram com os colegas sobre o que eles consideravam importante para chamar a atenção do leitor, o que eles podiam utilizar como elemento de suspense, o que eles usariam para desvendar o suspense, além de alguns alunos se sentirem inseguros quanto à própria produção. Um fato que nos chamou bastante a atenção foi o questionamento de uma aluna que gosta muito de escrever, mas estava com um pouco de receio de publicar seus textos. “*Professora, meu texto vai ser lido por muitas pessoas na internet, mesmo? Mas eu tenho vergonha. E se as pessoas não gostarem? Todo mundo vai ver meus erros?*”. Nesse momento, tranquilizamo-la e dissemos que todas as atividades propostas foram elaboradas para que eles pudessem pensar na escrita como um processo que vai desde o planejamento, até à reescrita dos textos e que, a partir da prática desse processo, ela terá menos insegurança em relação à divulgação dos próprios textos.

Outro ponto importante a destacar é o envolvimento dos alunos nessa atividade. Como eles já haviam produzidos duas versões do texto, identificado alguns problemas a partir das orientações feitas por nós e refletido sobre a própria escrita, nesse momento, eles se sentiram mais seguros para produzir e publicar suas *Fanfics*. Certamente, ainda há problemas a serem resolvidos e habilidades a serem aprimoradas, mas acreditamos que eles avançaram na produção escrita e perceberam que os textos devem ser lapidados quantas vezes for preciso para chegar a um produto que se apresente mais prazeroso ao leitor. Podemos dizer que a turma teve um bom desempenho nas atividades de escrita e reescrita, como pode ser observado nos textos a seguir.

Figura 17 – Versão final do texto – Parte 1<sup>11</sup>

The screenshot displays the Spirit fanfiction website interface. At the top, there is a navigation bar with the Spirit logo and various menu items: RECENTES, DESTAQUES, AULAS, BETAS READERS, CAPISTAS, GÊNEROS, CATEGORIAS, CROSSOVERS, TAGS, HISTÓRICO, and MINHAS FANFICS. A search icon and notification bell are also present.

The main content area shows the story details for "LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS" by user "NaathanFilipe". The story is categorized as "Suspense" and is marked as "LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS". It has 1 exhibition, 464 words, and is marked as "Terminada Sim".

Below the story title, there is a yellow warning box with the text: "Aviso legal Os personagens encontrados nesta história são apenas alusões a pessoas reais e nenhuma das situações e personalidades aqui encontradas refletem a realidade, tratando-se esta obra, de uma ficção. Os eventuais personagens originais desta história são de minha propriedade intelectual. História sem fins lucrativos, feita apenas de fã para fã sem o objetivo de denegrir ou violar as imagens dos artistas."

There are three buttons: "Adicionar aos Favoritos", "Adicionar à Biblioteca", and "Denunciar este Capítulo".

The chapter title is "Capítulo 1 - Capítulo Único". The text of the chapter begins with: "Drake estava cansado de sua rotina de shows, quando resolveu tirar suas férias, juntamente com sua namorada. Depois de muito pensarem em um lugar, decidiram que seria uma ilha deserta. Passado os dias, Drake e sua namorada foram para esta ilha. Chegando, prepararam suas coisas, em uma casa de praia, onde havia apenas um quarto. Após amarrar tudo, Drake resolveu sair da casa e sentar-se na areia, já que era um dia ensolarado, o que deixava a vista mais bonita ainda. Passado algum tempo, sua namorada sentou ao seu lado, e Drake perguntou: -Voocê está vendo uma coisa brilhando na onda? -Estou. Assim que a onda atirou o objeto na praia, Drake correu para ver o que era. Chegando próximo Drake pode constatar que se tratava de um dedo, na qual faltava uma falange, e estava junto com um anel. Drake ao mexer no dedo pode constatar que ainda estava saindo sangue. Sua namorada correu em sua direção, apos ter reparado seu espando. Chegando mais próximo, perguntou: -O que é isso? É um dedo? -Sim. E ainda está sangrando. Têm pouco tempo que foi cortado. Será que foi um tubarão? Drake ficou em silêncio, pensando em o que fazer com aquele disse, quando o silêncio foi quebrado por um forte estrondo. Drake e sua namorada pegaram o dedo e saíram correndo e entraram na casa. Passado um tempo Drake disse:"

On the right side, there is a sidebar with "0 Favoritos", "Adicione ao Favoritos", "Opções", "Versão para Impressão", "Atualizações" (showing a notification from NaathanFilipe), and "Usuário" (NaathanFilipe).

<sup>11</sup> Hospedado em <https://spiritfanfics.com/historia/as-ferias-6839070/capitulo1>

**Figura 18 – Versão final do texto – Parte 2**

Spirit

RECENTES DESTAQUES AULAS BETAS READERS CAPISTAS GÊNEROS CATEGORIAS CROSSOVERS TAGS HISTÓRICO MINHAS FANFICS

- Será que tem mais alguém aqui?

Sua namorada ficou sem fala por alguns minutos quando disse:

- Vamos nos deitar, e vemos o que fazemos amanhã.

No passar da madrugada escutaram novamente um forte estrondo, e Drake resolveu sair para ver o que era. Ao sair puderam ver uma pessoa, que parecia estar preocupando algo. Então Drake disse:

- Oi?! Posso te ajudar?

- Sim estou preocupando um anel, você o viu? É de minha noiva, o perdeu em um ataque de tubarão.

- Sim.

Drake saiu para pegar o anel, e quando chega na casa vê tudo está revirado, sai rapidamente da barraca e vê uma pessoa comendo, e grita:

- Paaaaaaraaaaaa!!!!

A pessoa não parou, acabou tropeçando em um galho e caiu. Drake foi esperto, correu em sua direção e tomou o dedo novamente e disse:

- O que você quer?

Já com uma voz de choro disse:

- Eu só queria o dedo de minha esposa!

- Você está falando mentira. O dedo é da noiva dele.-E apontou o dedo para o outro cara, que ja estava começando a comer.

- Aquele é o assassino dela.

Ao ver tudo a namorada de Drake segurou o cara, enquanto Drake ligava para polícia que iria demorar já que estavam em uma ilha.

Mais tudo terminou bem o assassino foi preso e drake conseguiu continuar suas férias com sua namorada.

**Notas Finais**

Kata não consegui fazer um bom final, não tive muitas ideias para isso.

Siga o Spirit

Seguir @SpiritOficial 33.3 mil seguidores

Spirit Fanfics e H...  
234 mil curtidas

Curtir Página

13 amigos curtiram isso

Motorola

FAST

Lançamento Família  
**motoz**

Moto Z Play

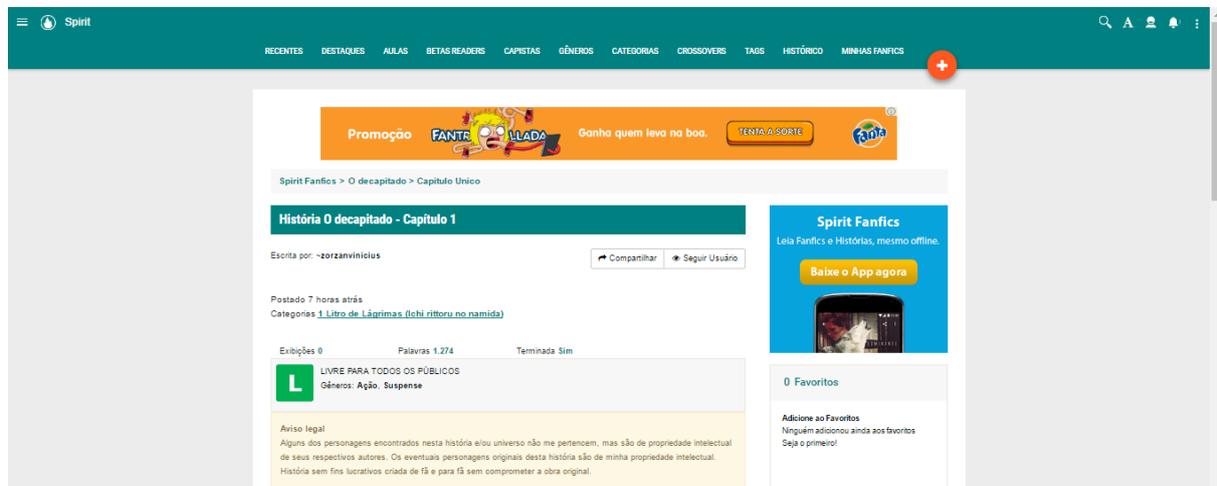
Moto Z

Em um click, tudo pode mudar.

motoras

Comprar

Offline

Figura 19 – Lay out da página pessoal do aluno<sup>12</sup>

<sup>12</sup> <https://spiritfanfics.com/historia/o-decapitado-6841036/capitulo1>

Figura 20 – Versão final do texto

The screenshot displays a fanfiction website interface. At the top, there is a navigation bar with categories like RECENTES, DESTAQUES, AULAS, BETA, READERS, CAPITULOS, CATEGORIAS, CROSSOVERS, TABS, HISTÓRICO, and MINHAS FANFICS. A red plus icon is on the right. Below the navigation bar, there are three buttons: 'Adicionar aos Favoritos' (orange), 'Adicionar à Biblioteca' (blue), and 'Denunciar este Capítulo' (red). A text editor overlay is positioned over the top part of the page, with the text 'Pressione F11 para sair do modo tela cheia'. The main content area shows the title 'Capítulo 1 - Capítulo Unico' and the beginning of a story. The story text describes Jefferson's return home with a hand injury and his wife Catelyn's reaction. On the right side, there are sections for 'Opções' (with a 'Versão para Impressão' link), 'Atualizações' (showing a recent update by '~zorzanviniolus'), and 'Siga o Spirit' (showing a social media profile for 'Spirit Fanfics e H...').

Por meio dessas oficinas, também pudemos identificar aqueles alunos que exercem papel de liderança no grupo. No decorrer das atividades, alguns desses alunos se mobilizaram e criaram algumas estratégias para interagir com os colegas e conosco. Um deles criou um grupo no *Facebook* para tirar dúvidas sobre algumas questões relacionadas às atividades postadas na ferramenta wiki e, também, à *Fanfic*. É importante destacar que essa interação foi muito relevante para o desenvolvimento do nosso trabalho. Muitos alunos foram incentivados pelos colegas e passaram a ficar mais interessados para executar as tarefas, principalmente, por perceberem que as atividades das oficinas podiam ajudá-los em questões que ultrapassam os muros da escola.

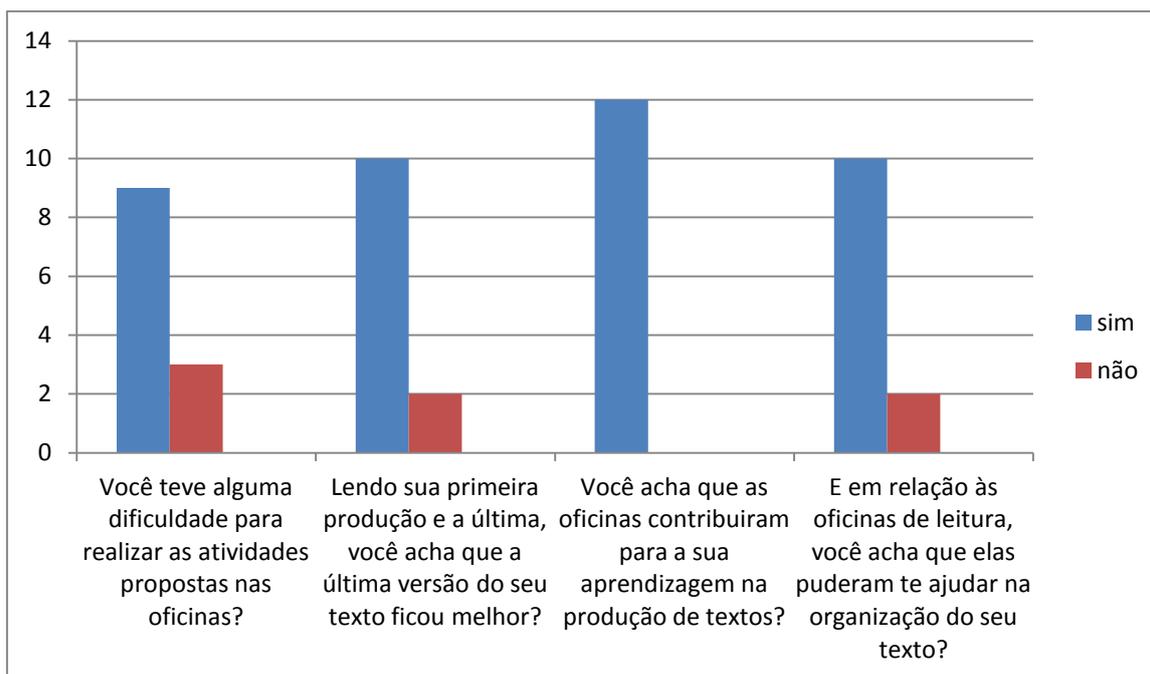
O segundo momento dessa oficina foi dedicado à avaliação do processo de aprendizagem. Para isso, aplicamos um segundo questionário, com perguntas objetivas e

discursivas, para que os alunos avaliassem as atividades desenvolvidas e, também, a evolução do seu próprio texto.

**Quadro 10 – Ficha de avaliação das oficinas**

<b>Ficha para avaliação das oficinas</b>		
<b>Aspectos a serem analisados nos textos.</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Você teve alguma dificuldade para realizar as atividades propostas nestas oficinas?		
Lendo sua primeira produção e a última, você acha que a última versão do seu texto ficou melhor?		
Você acha que as oficinas contribuíram para a sua aprendizagem na produção de textos?		
E em relação às oficinas de leitura, você acha que elas puderam te ajudar na organização do seu texto?		
Quais oficinas você considera que mais te ajudaram na produção textual? Por quê?		
Você agora é um autor de textos digitais e pode utilizar sua conta no site de <i>Fanfics</i> para produzir outras histórias, com temas que mais lhe agradam. Você já pensou em qual a próxima história irá contar?		

As respostas obtidas oferecem-nos indícios de que nosso trabalho surtiu efeito para a maioria dos alunos do 8º ano do ensino fundamental, envolvidos nesta pesquisa. Os dados gerados por meio das primeiras questões objetivas podem ser observados a seguir:



**Gráfico 9:** Avaliação das oficinas.

Depois de todo o trabalho proposto, chegamos à finalização das atividades com um saldo positivo em relação à aprendizagem dos alunos. Entendemos que o processo de aprendizagem se dá de forma diferente para os alunos, com isso, ao elaborar as atividades, tentamos diversificar a metodologia para atingir nossos objetivos. Os alunos que tiveram dificuldade relataram que as dificuldades foram em relação ao processo de escrita e também em relação ao uso das novas tecnologias. A primeira dificuldade confirma algumas de nossas hipóteses em relação ao ensino de produção textual na maioria das escolas, um ensino que não considera a escrita como um processo e considera, apenas, o produto final, sem proporcionar momentos de reflexão e nem de reescrita do texto. A segunda dificuldade diz respeito à maneira como os alunos utilizam a internet no dia a dia. Muitos somente a acessam para conectar as redes sociais.

Em relação à terceira pergunta, “*Você acha que as oficinas contribuíram para a sua aprendizagem na produção de textos?*”, todos os alunos responderam que as oficinas contribuíram para sua aprendizagem, no entanto, ainda podemos identificar algumas lacunas na produção escrita deles. Acreditamos que o avanço que eles tiveram foi significativo, mesmo havendo algumas questões ainda para serem aprimoradas. Vale ressaltar que esses alunos puderam participar ativamente do seu processo de aprendizagem, prática pouco utilizada na correria da sala de aula, e isso fez com que eles se sentissem peças importantes para o desenvolvimento e o sucesso desse trabalho.

Com a última pergunta “*E em relação às oficinas de leitura, você acha que elas puderam te ajudar na organização do seu texto?*” queríamos levar os alunos a uma reflexão sobre a importância da leitura no processo de escrita. Entendemos que nem todos os alunos conseguem perceber que a leitura contribui para a escrita, assim como a escrita também favorece a leitura. Com isso, acreditamos que os alunos que responderam que as oficinas de leitura não os ajudaram na organização do texto são aqueles que não têm a cultura de leitura e de escrita.

Com as questões discursivas, queríamos levar os alunos a uma reflexão do processo de aprendizagem e também de incentivá-los a continuar produzindo *Fanfics*, uma vez que com os conhecimentos obtidos sobre a estrutura do gênero conto de suspense e também do processo de planejamento, escrita, avaliação e reescrita do próprio texto, eles têm condições de produzir textos bem elaborados e coesos com temas que preferirem. A última pergunta - “*Você agora é um autor de textos digitais e pode utilizar sua conta no site de Fanfics para produzir outras histórias, com temas que mais lhe agradam. Você já pensou em qual a próxima história irá contar?*” - é um convite ao mundo da ficção e a maioria dos alunos respondeu que continuarão escrevendo *Fanfics* sobre as personagens histórias dos livros e de filmes. As respostas dos alunos vão ao encontro do objetivo desse novo gênero, preencher as lacunas que as histórias deixam nos leitores, como podemos perceber nas reproduções das respostas do questionário. “*Gostaria de recontar a história de um livro ou de um filme que não gostei do final*”, “*Gostaria de criar uma história com a personagem America Singer do último livro que eu li, A Seleção*”, “*Gostei muito de conhecer a Fanfic e gostaria de criar outras histórias, agora em capítulos*”, “*Já pensei em contar a história do livro ‘A última música’, porque não gostei do final dele*”.

Encerramos nosso trabalho com a apresentação do conto “O dedo!” na íntegra para os alunos. Solicitei a eles que procurassem em sites de busca o título do texto. Fizemos uma leitura compartilhada e que foi interrompida à medida que as dúvidas surgiam. Após a leitura do texto, os alunos foram capazes de identificar os elementos da narrativa trabalhados nas oficinas anteriores, bem como os indícios que levaram ao suspense da história. Um fato relevante nessa análise é em relação aos fatos extraordinários apresentados na história, o que chamou bastante a atenção dos alunos, pois a narradora-personagem descreve detalhadamente todas as sensações que teve desde o momento que encontrou o dedo até o momento que o sepultou. As hipóteses levantadas na primeira oficina não foram confirmadas, pois o conto não desvenda de quem era o tal dedo. Com a leitura desse conto, finalizamos nosso trabalho

com a certeza de que o ensino de leitura e de escrita podem ser efetivos a partir do momento que nós, professores, pensarmos em atividades sistematizadas e que levem os alunos a uma reflexão do processo de aprendizagem de escrita de textos, sejam ficcionais ou não.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa, foi possível identificar problemas no ensino básico que podem ser minimizados se a prática de produção textual e a cultura de leitura do texto literário não fossem vistas apenas como mais uma atividade a ser cumprida nas aulas de Língua Portuguesa e, sim, trabalhadas de forma sistemática, contemplando o estudo dos gêneros, principalmente, os gêneros que circulam no meio digital, tão difundidos entre esse público. O objetivo principal do trabalho foi desenvolver habilidades de produção textual do gênero conto de suspense e, posteriormente, da *Fanfic*, por meio de uma abordagem discursiva que favorecesse a reflexão sobre a própria escrita. Esperávamos, assim, que a produção de texto deixasse de ser vista como um problema para os alunos e que, a partir de um planejamento da proposta, eles tivessem mais segurança para escrever um texto narrativo. Em nosso caso, propusemos despertar no aluno, a partir do contato com o texto literário, a sensibilidade e a percepção pelo gosto literário e artístico (MARTINS; CORRÊA; MACHADO, 2013).

Constatamos, durante as análises das primeiras versões dos textos produzidos pelos alunos, que, além de poucos deles dominarem a estrutura básica dos elementos da narração, esses textos não apresentavam uma organização coerente com a proposta feita por nós. Diante disso, elaboramos sete oficinas que foram divididas em duas partes que se completaram no final deste trabalho. Na primeira parte, priorizamos a formação do leitor de textos literários, numa perspectiva de interação entre o texto, o aluno e o professor, este tendo o papel de mediador do processo de inserção desse aluno no mundo letrado. Com essas atividades, nosso objetivo foi o de ampliar o repertório cultural desses alunos, apresentando-lhes textos de literatura nacional e mundial. A segunda parte foi dedicada à produção escrita. Para isso, os alunos produziram a primeira versão do texto, que serviu de parâmetro para que as outras atividades fossem elaboradas, a fim de sanar os problemas relacionados à “dimensão global do texto e a aspectos pontuais da construção textual” (ANTUNES, 2010, p.56 e 57).

O questionário teve o intuito de conhecer os hábitos de leitura e de escrita do público com o qual iríamos trabalhar e serviu, também, para que pudéssemos reelaborar as atividades a fim de elevar o repertório cultural desses alunos sem, de acordo com Martins; Corrêa; Machado (2013, p.121) “menosprezar os repertórios culturais que os jovens constroem nas relações sociais”.

Considerando que um projeto de intervenção necessita de prazos determinados, tivemos alguns contratempos no percurso da aplicação, desde a conciliação das aulas regulares com as oficinas, até a disponibilidade do laboratório de informática. Outro agravante foi a minha mudança de escola, devido à aprovação em um concurso da SEE/MG, na cidade de Timóteo, onde resido. A princípio, nosso projeto seria desenvolvido em uma escola da Rede Municipal da cidade de Ipatinga, no entanto com a minha nomeação, tivemos que nos adaptar às mudanças. Diante disso, tive alguma dificuldade de adaptação com os novos alunos, com a organização e com o ritmo de trabalho da nova escola. Mesmo com todos esses contratempos, consideramos que, com o desenvolvimento do nosso trabalho, contribuímos para a aprendizagem dos alunos envolvidos no projeto e temos a certeza de que colheremos bons frutos futuramente. Sabemos que, quando o professor deseja e está preparado, ele pode promover atividades diferenciadas e que levem a uma aprendizagem significativa, mesmo diante de todos os problemas existentes na educação pública do Brasil.

No entanto, temos a consciência de que, mesmo devido a todos esses obstáculos, com a finalização da aplicação das oficinas, o saldo foi positivo. Não temos, nem tivemos a pretensão de deixar fórmulas a serem seguidas e, sim, de refletir sobre uma proposta de trabalho que foge aos modelos tradicionais e que busca levar o aluno a desenvolver os conhecimentos adquiridos no ambiente escolar, mais precisamente em aulas de produção escrita, aguçar sua capacidade criativa e autoral e aplicá-la em produção de textos que circulam fora do ambiente escolar. De acordo com Lorenzi; Pádua (2012), o espaço digital permite uma interação intensa entre leitor e autor, e, no caso do nosso trabalho, permitiu, também, que os leitores e autores agissem de maneira colaborativa, a fim de contribuir para a melhoria do texto do colega.

Assim, podemos afirmar que esta pesquisa procurou atender às novas exigências, segundo a BNCC, para o ensino de Língua Portuguesa, referentes ao ensino de práticas culturais das tecnologias de informação e da comunicação.

A experiência vivida com esta pesquisa só foi possível porque o ProfLetras privilegia a prática docente e investe no professor da educação básica pública. Essa oportunidade foi crucial para o meu aprimoramento como profissional da educação. Desde o momento em que iniciei meus estudos nesse programa de mestrado, meu olhar sobre a sala de aula mudou, além de ter contribuído para um melhor desempenho em minhas atividades pedagógicas. As teorias que estudamos, as reflexões que tivemos durante as aulas, a troca de experiências com outros

professores, também, contribuíram para a nova profissional que sou hoje. Uma professora que busca alternativas para que os alunos possam vivenciar novas maneiras de aprender.

Temos a certeza de que nem tudo foi explorado em relação ao ensino da produção escrita, em especial do gênero contemporâneo *Fanfic*, nesta pesquisa. Acreditamos que o que discutimos neste trabalho, ou o que não discutimos, pode servir de incentivo para outros pesquisadores desenvolverem trabalhos relacionados com este tema.

Enfim, por meio deste trabalho, espero contribuir para o desenvolvimento de novas perspectivas relacionadas à prática pedagógica para o ensino da escrita multimodal. Um trabalho como o que propusemos permite ampliar as práticas letradas, por meio do ensino formal, mas também considera o repertório sócio cultural dos alunos dessa faixa etária para o desenvolvimento de atividades que levem à aprendizagem. Além disso, com este trabalho, pudemos refletir sobre nossa prática em sala de aula e pensar que é possível planejar atividades sistematizadas, envolvendo gêneros contemporâneos e digitais que levem ao desenvolvimento da produção escrita, seja dentro da escola, seja em outros espaços. Acreditamos que essa concepção de ensino proporciona uma formação cidadã e permite que alunos em vulnerabilidade sejam inseridos no mundo digital por meio das aulas de Língua Portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO, BID, 2002. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/506/334>>. Acesso em: 22 de out de 2016.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de Textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- AZZARI, E. F.; CUSTÓDIO, M. A. “Fanfics, Google Docs... A produção textual colaborativa”, in: ROJO, R. (org.). **Escol@ conectada.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BAKHTIN, Michail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Michail. **Estética da criação verbal.** 4 ed, São Paulo: Martins Fontes, 2003. (original de 1979)
- BLACK, Rebecca. Language, cultura and identity in online fanfiction. In: CAVALCANTI, Larissa. **Leitura nos gêneros digitais: abordando as fanfics.** In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologia da Educação: redes sociais e aprendizagem. 2010 e Pernambuco, Anais eletrônicos. Acesso em 10 de outubro de 2016.
- BOTTEGA, R. M. D. A produção de textos na escola: pressupostos e possibilidades. **Educare – Revista da Educação**, p. 173-182, 2002.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Gêneros do discurso: unidade e diversidade. **Polifonia**, nº8. Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Cuiabá: Editora UFMT, 2008. Disponível em: <<http://www.fllch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand002.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2016.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1996.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo,** S.P.: EDUC, 1999.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Sequências textuais. In: \_\_\_\_\_. **Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2011.
- CAVALCANTI, Larissa. **Leitura nos gêneros digitais: abordando as fanfics.** In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologia da Educação: redes sociais e aprendizagem. 2010 e Pernambuco, Anais eletrônicos. Acesso em 10 de outubro de 2016.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** São Paulo: Global, 2007.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores. In.: **Valise de Cronópio.** Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSSON, Rildo. Letramento literário. In.: **Glossário CEALE: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores.** Belo Horizonte: Faculdade de Educação, 2014.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COSTA, Sarah Moralejo da. **Fanfiction:** a manifestação do leitor como produtor textual na internet. In: LECOTEC 2º Simpósio de Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã, 2009, Bauru/ SP. Acesso em 8 de outubro de 2016.

CRUZ, Rafaela Rogério. Fanfiction: impulsionando prática de leitura em tela e produção textual entre adolescentes. In: 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologia da Educação: Multimodalidade e ensino, 1ª edição, 2008, Pernambuco, Anais eletrônicos. Acesso em 10 de outubro de 2016.

DIAS, Eliana; MESQUITA, Elisete Maria de Carvalho; FINOTTI, Luísa Helena Borges; ET AL. **Gêneros textuais e(ou) gêneros discursivos: Uma questão de nomenclatura?** Disponível em: <[HTTP://www.eses.pt/interaccoes](http://www.eses.pt/interaccoes)>. Acesso em: 22 de setembro de 2016.

DIONÍSIO, Angela Paiva. **Multimodalidades e leituras:** funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais / Angela Paiva Dionísio [org.]. - Recife: Pipa Comunicação, 2014.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *et al*, **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

ELIAS, Vanda Maria. Escrita e práticas comunicativas na internet. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa:** oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2013.

FERREIRA, Maria Cristina; FERREIRA, Maria Elizabeth. **Tecnologia e educação:** utilização das *Fanfics* como recurso pedagógico para letramento e escrita de alunos. In: 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologia da Educação: Comunidades e aprendizagem em rede, 2012 e Pernambuco, Anais eletrônicos. Acesso em 10 de outubro de 2016.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas.** São Paulo: Ática. 1991.

GOTLIB, Nádya Battela. **Teoria do Conto.** Série Princípios. Editora Ática. São Paulo: 2003.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil.** 4ª ed. São Paulo: Instituto Pró-livro, 2016. Disponível em: <[http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2016.

JEWITT, Carey; KRESS, Gunther. (ed). **Multimodal Literacy.** New York: Peter Lang, 2003. In: Dionísio, Angela Paiva. Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais / Angela Paiva Dionísio [org.]. - Recife: Pipa Comunicação, 2014.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Protocolos de leitura. In.: **Glossário CEALE: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores.** Belo Horizonte: Faculdade de Educação, 2014.

LEITE, Lígia Chiappinni de Moraes. Gramática e Literatura: desencontros e esperanças. In.: GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** 3.ed. Rio de Janeiro: Ática, 2002.

LORENZI, Gislaine Cristina Correr; PÁDUA, Tainá-Rekã Wanderley de. Blog nos anos iniciais do fundamental I – A reconstrução de sentido de um clássico infantil. In.: ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura. **Multiletramentos na Escola.** São Paulo: Parábola Editora, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, M<sup>a</sup> Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino.** 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARINHO, Marildes. Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro. **Cultura escrita e letramento.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MARTINS, A; CORRÊA, H.; MACHADO, Z. Espaços de Literatura. In.: COSCARELLI, Carla (org.) **Leituras sobre a leitura.** Passos e Espaços na sala de aula. Belo Horizonte: Veredas, 2013.

MEDEIROS, Zulimira. **Letramento digital em contextos de autoria na internet.** Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

MENDES-LOPES, E. **O discurso ficcional: uma tentativa de definição.** 134 f. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. FALE/ UFMG, Belo Horizonte, 2000.

PAIVA, Francis. Produção de texto em ambiente wiki com edições colaborativas e criação de links. In.: RIBEIRO, A; NOVAIS, A. (Orgs.) **Letramento digital em 15 cliques.** Belo Horizonte: RHJ. 2012.

PARRISH, Juli J. **Inventing a Universe: reading and writing internet Fanfiction.** 2007. 196. philosophy doctor degree. University of Pittsburg, USA.

PAULINO, Graça. Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares. In: **Das Leituras ao Letramento Literário.** Belo Horizonte: FaE/UFMG E Pelotas: EDGUPel, 2010.

PIGLIA, Ricardo Formas breves / Ricardo Piglia; tradução José Marcos Mariani de Macedo. Novas teses sobre o conto. In: \_\_\_\_\_ **Formas breves.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PRENSKY, Marc. **O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula.** Tradução: Cristina M. Pescador. In *Conjectura*, v.15, n.2, mai/ago Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Campinas: Papyrus, 1994. v. 1.

RODRIGUES, Ana Paula da Silva. **Escrita acadêmica em contexto de formação de professores do campo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-966FHY>>. Acesso em: 06 maio 2016.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D.(org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

ROJO, Roxane Helena R. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis: introdução à Teoria da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHONS, Mariane Maria; VALENTINI, Carla Beatris. **Movimentos de letramento digital nas práticas de leitura e escrita: um estudo de caso de uma criança do ensino fundamental**. UCS /2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/paper/viewFile/3289/943>>. Acesso em 8 de outubro de 2016.

SOARES, Magda Becker. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SUASSUNA, Livia. Avaliação e reescrita de textos escolares: a mediação do professor. In: **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, p. 119-134, 2013.

TELLES, Lygia Fagundes. O dedo. In: **Mistérios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

THIOLLENT, Michel Jean Marie; COLETTE, Maria Madalena. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. 2014. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences Maringá, v. 36, n. 2, p. 207-216, July-Dec., 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas** / Tzvetan Todorov [tradução Leyla Perrone-Moisés]. — São Paulo: Perspectiva, 2006 (original de 1939).

TRASK, R.L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ZAPPONE, Mirian H. Y. *Fanfics: um caso de letramento literário na cibercultura*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n.2, p. 29-33, 2008.

## ANEXOS

## Anexo 1: Conto “O dedo”

## O DEDO

*por Lygia Fagundes Telles*

Achei um dedo na praia. Eu ia andando em plena manhã de sol por uma praia meio selvagem quando, de repente, entre as coisas que o mar atirou na areia – conchas, gravetos, carcaças de peixes, pedras -, vislumbrei algo diferente. Tive que recorrer aos óculos: o que seria aquilo? Só depois de aparecer o anel é que identifiquei meu achado, o dedo trazia um anel. Faltava a última falange.

Não gosto nada de contar esse episódio assim com essa frieza, como se ao invés de um dedo eu tivesse encontrado um dedal. Sou do signo de Áries e os de Áries são apaixonados, veementes, achei um dedo, UM DEDO! Devia estar proclamando na maior excitação. Mas hoje minha face lúcida acordou antes da outra e está me vigiando com seu olho gelado. “Vamos – diz ela – nada de convulsões, sei que você é da família dos possessos, mas não escreva como uma possessa, fale em voz baixa, sem exageros, calmamente.”

Calmamente?! Mas foi um dedo que achei! – respondo e minha vigilante arqueia as sobrancelhas sutis: “E dai? Nunca viu um dedo?” Tenho ganas de esmurra-la: Já vi mas não nessas circunstâncias.

O poeta dizia que era trezentos, trezentos e não sei quantos. Eu sou apenas duas: a verdadeira e a outra. Uma outra tão calculista que às vezes me aborreço até a náusea. Me deixa em paz! – peço e ela se põe a uma certa distância, me observando e sorrindo. Não nasceu comigo, mas vai morrer comigo e nem na hora da morte permitirá que me descabele aos urros. Não quero morrer, não quero! Até nessa hora sei que vai me olhar de maxilares apertados e olho inimigo no auge da inimizade: “Você vai morrer sim senhora e sem fazer papel miserável, está ouvindo?” Lanço mão do meu último argumento: Tenho ainda que escrever um livro maravilhoso... E as pessoas que me amam vão sofrer tanto! E ela implacável: “Ora, querida, as pessoas estão fazendo montes. E o livro não ia ser tão maravilhoso assim”.

É bem capaz de exigir que eu morra como as santas. Recorro às minhas reservas florestais e pergunto-lhe se posso ao menos devanear um pouco em torno do meu achado: não é todos os dias que se acha um dedo. Ela me analisa com seu olhar lógico: “Mas não exorbite”.

Fecho a porta. Mas então eu ia dizendo que passeava por uma praia completamente solitária, nem biquínis, crianças ou barracas. Praia áspera e bela, quase intacta: três pescadores puxando a rede lá longe. Um cachorro vadio rosnando sem muita convicção para dois urubus nos pousados detritos. O sol batia em cheio na areia brilhante, viva, cheia de coisas do mar de mistura com coisas coisa da terra longamente trabalhadas pelo mar. Guardei na sacola uma pedra cinzenta, tão polida que parecia revestida de cetim. Guardei um caramujo amarelo, o interior oco e roxo se apertando em espiral até a raiz inatingível. Guardei uma asa de concha rosa-pérola. O dedo não guardei não.

Não senti nenhum medo ou asco quando descobri o dedo meio enterrado na areia, uns restos

de ligamentos e tecidos flutuando na espuma das pequeninas ondas. Há pouco encontrara as carcaças dos peixinhos que escaparam das malhas das redes. Lavado e enxague, o dedo parecia ser da mesma matéria branca dos peixes, não fosse a mundana presença do anel, toque sinistro numa praia onde a morte era natural. Limpa.

Inclinara-me para ver melhor o estranho objeto quando notei o pequeno feixe de fibras de algodão emergindo na areia banhada pela espuma. Quando recorri aos óculos é que vi: não era algodão, mas uma vértebra meio descarnada – a coluna vertebral de um grande peixe? Fiquei olhando. Espera, o que seria aquilo? Um aro de ouro? Agora que água se retraíra eu podia ver um aro de ouro brilhando em torno da vértebra, cingindo-a fortemente, enfeixando as fibras que tentavam se libertar, dissolutas. Com a ponta do cipó, revolvi a areia. Era um dedo, dedo anular, provavelmente, com um anel de pedra verde preso ainda à raiz intumescida. Como lhe faltasse a última falange, faltava o elemento que poderia me fazer recuar: a unha. Unha pontuda, pintada de vermelho, o esmalte descascando, acessório fiel ao principal até no processo de desintegração. Unha de mulher burguesa, bem cuidada, à altura do anel de joalheiro de classe que se esmerou na cravação da esmeralda. Penso que se restasse a unha certamente eu teria fugido, unha é importante demais. Mas naquele estado de despelamento, o fragmento do dedo trabalhado pela água acabara por adquirir a feição de um simples fruto do mar. Contudo, havia o anel.

A dona do dedo. Mulher rica, um anel daqueles devia ser de mulher rica e de meia idade, que as jovens não usam joias, só as outras. Afogada no mar? O biquíni verde combinando com o anel. O óleo perfumado fazendo brilhar a pele sem brilho. A onda, começou inocente lá no fundo e foi se cavando cada vez mais alta, mais alta, Deus meu, tão grande! A fuga na água resistente como um muro, os pés de ferro e a praia tão longe, ah! Mas o que é isso?... Explosão de espuma enrolando boca e olhos em esparadrapos de sal. Sal.

Respirei com ênfase. Mas que mulher vai hoje de anel de esmeralda para o mar? A elegante passageira de um transatlântico de luxo que afundou na tempestade? Mas fazia tempo que nenhum transatlântico de luxo naufragava assim.

Podia ser ainda uma suicida, dessas que entram de roupa pelo mar adentro, que o desespero é impaciente, mal teve tempo de encher os bolsos com pedras. A pedra verde no dedo. Ou a personagem real de um crime, crime passional, é evidente, enfraquecida a hipótese de latrocínio pela presença do anel. Um crime misterioso, já arquivado: mulher bonita. Marido rejeitado. Minhocando, roque-roque. Roque-roque. O flagrante da traição, “Ai, como dói!” A premeditação no escuro, tão profundo o silêncio no quarto que podia se ouvir o murmurejar do pensamento, roque-roque. Ela acorda em pânico no meio da noite “Mas que barulho é esse? Um camundongo? Ele se aproxima sem poeira. Sem emoção. No banheiro cintilante a proximidade da água facilita demais, os crimes deviam ser cometidos perto de cascatas. Um pouco de lavanda nas mãos ligeiramente trêmulas após a tarefa cumprida na ausência da cozinheira em licença remunerada para ir visitar a mãe. A casa na praia não foi uma solução? E a praia deserta, o homem feliz não tinha camisa, só maiô. Tão simpático o homenzinho de maiô azul que todos os dias vai à praia levando a caixinha de sabonete, que será que ele leva naquela caixinha? Um detalhista: ideias miúdas, objetos miúdos. Na cabeça, um pequeno boné se tem sol. Era ele que andava com uma mulher grande, bonita? Era. E a mulher? Lá sei, deve ter viajado, ele ficou só. Parece que adora o mar, faça sol ou não, vai dar o seu passeio com sua caixinha e seu sorriso.

Por que cabeça de assassino fica do tamanho do mundo? A solução seria um porta-chapéu,

mas se ninguém usa mais chapéu?... Enfim, se sobrou a cabeça não sobrou o dedo que na manhã de garoa ele deixou no mar. O anel foi junto, era tão afeiçoado a carne que se recusou a sair e ele não insistiu, pois ficasse o dedo com seu anel, que suma os dois! Nem os urubus saíram de casa nessa manhã. Ele saiu.

A pedra brilhava num tom mais escuro do que a água. Lembrei-me de um quadro surrealizante: uma praia comprida e lisa, de um branco leitoso com flores brotando na areia, flores-dedos e dedos-flores. No quadro, o insólito era representado por uma gota de sangue pingando nítida da ponta do dedo. No meu achado, o insólito era a ausência do sangue. E o anel.

A primeira pessoa que passar por aqui vai levar esse anel, pensei. Eu mesma – ou melhor, a outra, a lúcida, com falsa inocência não chegou a insinuar que eu devia guardar o anel na sacola? “Mais um objeto para sua coleção, não é uma linda pedra?” Expulsei-a, repugnada. Horror. A morte de Itabira reclamava a flor que o distraído visitante do cemitério cólera na sua sepultura, “Eu quero a flor que você tirou, quero de volta a minha florzinha!” A dama do mar fazia uma exigência mais terrível por telegramas, cartas, telefone, me soprando com sua voz de sal: “Eu quero o anel que você roubou do meu dedo, eu quero o meu anel!” Como reencontrar naqueles quilômetros de praia os diluídíssimos restos de dedo para lhe devolver a esmeralda?

Com a ponta do cipó, cavei rapidamente um fundo buraco e nele fiz rolar o dedo. Cobri-o com o tacão do sapato e na areia tracei uma cruz, intuí se tratava de um dedo cristão. Então veio uma onda, que esperou o fim da minha operação para inundar o montículo. Dei alguns passos. Quando me voltei pela última vez, a água já tinha apagado tudo.

## Anexo 2

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) aluno(a): \_\_\_\_\_

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**Experiências narrativas: do suspense de um conto a um conto de suspense**”, desenvolvida pela professora e pesquisadora assistente Kátia Cristina de Oliveira Torres, mestranda no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UFMG), sob orientação e responsabilidade da pesquisadora responsável Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leiva de Figueiredo Viana Leal, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

#### A pesquisa pretende:

- Colocar em prática um conjunto de ações para auxiliar você e seus colegas, alunos do 7º ano da Escola Municipal Márcio Andrade Guerra, em Ipatinga (MG), a aprimorarem a prática de leitura e de produção de texto.
- Propor um Projeto de Ensino em que estudaremos o gênero textual conto e utilizaremos o ciberespaço *Fanfic* para a publicação dos textos finais.

#### Como será sua participação?

- No início da pesquisa, você responderá a um questionário inicial sobre os usos que faz da leitura e da escrita em seu cotidiano.
- Também desenvolverá atividades de interpretação e produção de contos de suspense (individual e coletivamente) para que possamos verificar seus conhecimentos, identificando, assim, suas aptidões, preferências e, também, suas dificuldades.
- A partir da análise dessas atividades iniciais, serão elaborados trabalhos específicos para que você produza um conto de suspense a partir do suspense de um conto da autora Lygia Fagundes Telles e, posteriormente, publique-o no ciberespaço *Fanfic*.
- Durante a pesquisa, vamos observar a sua evolução e propor novas atividades adequando-as ao seu desenvolvimento.
- Pretendemos, também, gravar e filmar algumas aulas em que o projeto esteja sendo desenvolvido.
- As atividades serão desenvolvidas pela professora Kátia Cristina de Oliveira Torres, uma vez por semana, das 13h às 17h, nas dependências da referida escola, e o resultado dessas atividades será analisado na pesquisa que a professora desenvolverá.
- Você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar desta pesquisa.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em um ambiente virtual, criado para o compartilhamento das atividades entre os professores da escola, da Faculdade de Letras da UFMG e em artigos científicos, pois queremos colaborar para que outros professores se interessem e outros alunos também possam ser beneficiados por esse projeto. Informamos, contudo, que não haverá em momento algum a divulgação do seu nome.

Sua participação é muito importante para nós, mas você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, e as diferentes atividades realizadas no Projeto não têm relação alguma com a avaliação da disciplina de Português. Você é livre, também, para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento considerado oportuno, sem nenhum prejuízo.

Serão tomadas todas as providências para que se assegure a confidencialidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes do Projeto de Ensino, conforme prevê a resolução 466/12. Todos os riscos (especialmente o desconforto de o aluno ter sua imagem e/ou voz gravadas) serão minimizados pela pesquisadora assistente.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá contatar a pesquisadora responsável, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leiva de Figueiredo Viana Leal, na Faculdade de Letras da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, ou pelo telefone: (31) 3332-7068 ou pelo e-mail [leivaleal.l@gmail.com](mailto:leivaleal.l@gmail.com), ou ainda entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG- Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005, CEP: 31270-901, BH-MG, fone (31) 3409-4592, e-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br).

Assim, se você quiser participar da pesquisa, solicitamos a gentileza de preencher e assinar o espaço abaixo:

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar da pesquisa, declaro que fui informado(a) sobre seus objetivos e esclareci minhas dúvidas. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações e poderei modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Declaro, também, que recebi uma via deste Termo de Assentimento.

Assinatura do(a) aluno(a) \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leiva de Figueiredo Viana Leal ( Pesquisadora Responsável)

Prof.<sup>a</sup> Kátia Cristina de Oliveira Torres (Assistente de pesquisa)

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG- Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2. andar, sala 2005, CEP: 31270-901, BH-MG, fone (31) 3409-4592, e-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br).

### Anexo 3

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) pai/mãe ou responsável:

Seu/sua filho(a) ou /ao menor pelo qual você é responsável \_\_\_\_\_ está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada **“Experiências narrativas: do suspense de um conto a um conto de suspense”**, desenvolvida pela professora Kátia Cristina de Oliveira Torres, mestranda no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UFMG), sob orientação e responsabilidade da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leiva de Figueiredo Viana Leal, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

A pesquisa pretende colocar em prática um conjunto de ações para auxiliar alunos do 7º ano da Escola Municipal Márcio Andrade Guerra, em Ipatinga (MG), a aprimorarem a prática de leitura e de produção de texto, necessárias para uma maior inserção em práticas letradas. Para tanto, propomos um Projeto de Ensino em que estudaremos o gênero textual conto e utilizaremos o ciberespaço *Fanfic* para a publicação dos textos finais.

#### Como será sua participação de seu/sua filho (a) ou o/a menor?

- No início da pesquisa, ele/ela responderá a um questionário inicial sobre os usos que faz da leitura e da escrita em seu cotidiano.
- Também desenvolverá atividades de interpretação e produção de contos de suspense (individual e coletivamente) para que possamos verificar seus conhecimentos, identificando, assim, suas aptidões, preferências e, também, suas dificuldades.
- A partir da análise dessas atividades iniciais, serão elaborados trabalhos específicos para que ele/ela produza um conto de suspense a partir do suspense de um conto da autora Lygia Fagundes Telles e, posteriormente, publique-o no ciberespaço *Fanfic*.
- Durante a pesquisa, vamos observar a sua evolução e propor novas atividades adequando-as ao seu desenvolvimento.
- Pretendemos, também, gravar e filmar algumas aulas em que o projeto esteja sendo desenvolvido.
- As atividades serão desenvolvidas pela professora Kátia Cristina de Oliveira Torres, uma vez por semana, das 13h às 17h, nas dependências da referida escola, e o resultado dessas atividades será analisado na pesquisa que a professora desenvolverá.
- Você ou seu/sua filho(a) não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar desta pesquisa.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em um ambiente virtual, criado para o compartilhamento das atividades entre os professores da escola, da Faculdade de Letras da UFMG e em artigos científicos, pois queremos colaborar para que outros professores se interessem e outros alunos também possam ser beneficiados por esse projeto. Informamos, contudo, que não haverá em momento algum a divulgação do seu nome ou do nome de seu/sua filho(a) ou o/a menor.

A colaboração de seu/sua filho(a) ou o/a menor por quem é responsável será muito importante para nós, mas ele/ela não é obrigado(a) a participar da pesquisa, e as diferentes atividades realizadas no Projeto não têm relação alguma com a avaliação da disciplina de Língua Portuguesa. Seu/sua filho(a) ou /ao menor pelo qual você é responsável é livre para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento considerado oportuno, sem nenhum prejuízo para ele/ela ou a você como responsável.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá contatar a pesquisadora responsável, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leiva de Figueiredo Viana Leal, na Faculdade de Letras da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, ou pelo telefone: (31) 3332-7068 ou pelo e-mail [leivaleal.l@gmail.com](mailto:leivaleal.l@gmail.com). Assim, se você quiser participar da pesquisa, solicitamos a gentileza de preencher e assinar o espaço abaixo:

Eu, \_\_\_\_\_, responsável pelo/a menor \_\_\_\_\_ concordo e autorizo a sua participação como voluntário(a) do estudo **“Experiências narrativas: do suspense de um conto a um conto de suspense”** e declaro estar ciente suficientemente esclarecido sobre a pesquisa. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações e poderei modificar a decisão de autorizar a participação do/a menor se assim o desejar. Declaro, também, que recebi uma via deste Termo de Consentimento.

Assinatura do(a) aluno(a)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leiva de Figueiredo Viana Leal ( Pesquisadora Responsável)

Prof.<sup>a</sup> Kátia Cristina de Oliveira Torres (Assistente de pesquisa)

#### Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG

Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2. andar, sala 2005, CEP: 31270-901, BH-MG, fone (31) 3409-4592, e-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br).

## Anexo 4

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO COEP N° 1.649.255



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE – 54069716.1.0000.5149

Interessado(a): Profa. Leiva de Figueiredo  
Câmara de Pesquisa  
Faculdade de Letras- UFMG

## DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 26 de julho de 2016, o projeto de pesquisa intitulado "Experiências narrativas: do suspense de um conto a um conto de suspense" bem como:

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto através da Plataforma Brasil.

Profa. Dra. Telma Campos Medeiros Lorentz  
Coordenadora do COEP-UFMG

## Anexo 5

**QUESTIONÁRIO SOBRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO****Aluno:** \_\_\_\_\_**Idade:** \_\_\_\_ anos**1. Você costuma ler livros?**

1. Leio menos de um livro por ano
2. Leio um ou dois livros por ano
3. Leio de três a seis livros por ano
4. Leio um livro por mês
5. Leio dois livros por mês
6. Leio mais de dois livros por mês
7. Não costumo ler livros
8. Começo a leitura de muitos livros, mas não concluo.

**3. Onde consegue livros para ler?**

1. Na escola.
2. Com vizinhos.
3. Com parentes.
4. Compro os livros que desejo ler.
5. Em minha casa.
3. Normalmente, quem indica os livros que você lê? \_\_\_\_\_

**4. Você costuma conversar sobre os livros que lê? (Pode assinalar mais de uma)**

1. Não costumo conversar sobre livros que leio.
2. Sim, converso com meus pais ou parentes ou pessoas que vivem comigo.
3. Sim, converso com professores ou colegas de escola.
4. Sim, com amigos ou colegas, do grupo ou associação que tomo parte ou da religião que sou adepto, ou de grupos de igreja a qual pertença.

**5. Você gosta de ler?**

1. Não gosto
2. Gosto muito
3. Gosto mais ou menos

**6. Você considera que a leitura**

1. Não interfere no desenvolvimento da pessoa .
2. Pode ajudar, mas não é essencial para o desenvolvimento da pessoa.
3. É essencial para o desenvolvimento da pessoa.

**7. Há algum livro que você gostou muito e que deixa marcas importantes em sua vida? Qual?** \_\_\_\_\_**8. Você já leu algum conto de suspense? Você se lembra do título desse conto? Você gostou?**

**9. Você gosta de produzir textos?**

1. Não gosto
2. Gosto muito
3. Gosto mais ou menos

**10. Com que frequência você escreve textos?**

1. Diariamente
2. Uma vez por semana.
3. Uma vez por mês.
4. Só quando o professor exige.

**11. Você costuma utilizar computador”?**

1. Nunca uso.
2. Sim, todos os dias da semana.
3. Sim, quase todos os dias da semana.
4. Sim, um ou dois dias por semana.
5. Sim, de vez em quando.

**12. No computador, o que você costuma fazer? (Pode assinalar mais de uma)**

1. Escrevo trabalhos escolares
2. Digito dados ou informações
3. Consulto e pesquiso
4. Faço cursos à distância
5. Envio e recebo e-mails
6. Compro pela Internet
7. Jogo ou desenho
8. Navego por diversos sites
9. Copio músicas em CD ou arquivo eletrônico
10. Entro em sites de redes sociais
11. Outras. Qual(is)? \_\_\_\_\_

**13. Você conhece alguma pessoa que escreve e publica seus textos na Internet?**  
\_\_\_\_\_**14. O que você acha de produzir e publicar seus textos na Internet?**  
\_\_\_\_\_

## Anexo 6

**Ficha de análise de textos literários****Disciplina: Língua Portuguesa Professora: Kátia Torres - Série: 8º ano 3****Nome: \_\_\_\_\_ Curso: Ens. Fundamental Data:**

---

**Façam a leitura silenciosa do conto e responda às questões a seguir:**

- 1) Título e autor
- 2) Tema
- 3) Forma como o autor inicia o seu texto
- 4) Palavras que demonstram uma linguagem atual ou de tempos mais antigos
- 5) Linguagem utilizada: formal ou informal
- 6) Personagens que demonstram hábitos mais atuais ou mais antigas
- 7) Passagens do texto que demonstram marcas de tempo.
- 8) Parte do texto que mostra o suspense do conto.
- 9) Identifique.
  - a) O início da história (**situação inicial**)
  - b) O conflito da história (**complicação**)
  - c) O clímax da história (**ações para o clímax e a resolução**)
  - d) o desfecho da história (**situação final**)
- 10 – Identifique as personagens e descreva-as.



# PROFLETRAS

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**OFICINAS  
*FANFICS A PARTIR DO SUSPENSE DE UM CONTO***

**Mestranda:** Kátia Cristina de Oliveira Torres  
**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leiva de Figueiredo Viana Leal

**Setembro -2016**

**“Vou escrever alguma coisa que não sei o que seja, justamente para ficar sabendo. E que só eu posso me dizer, mais ninguém”.**

**Fernando Sabino**

## Apresentação

As atividades deste caderno foram aplicadas durante a execução do projeto de intervenção pedagógica para o Mestrado Profissional em Letras, ProfLetras.

O projeto de intervenção pedagógica “**Experiências narrativas: *Fanfics* a partir de um conto de suspense**” compreendeu a realização de atividades em forma de oficinas, que buscaram contribuir para o letramento literário, por meio de práticas didáticas que exploram as atividades de leitura de contos de suspense e, também, atividades sistematizadas para a produção do gênero textual contemporâneo e multimodal *Fanfic* (ZAPONE, 2008).

O projeto foi estruturado em 7 oficinas com o objetivo geral de desenvolver estratégias pedagógicas a fim de aumentar a cultura letrada de alunos do 8º ano do ensino fundamental da rede estadual e, assim, contribuir para que esses possam produzir textos discursivamente melhor elaborados.

De forma mais específica, buscou-se identificar, por meio de diagnóstico, como se manifesta a produção de texto escrito de alunos dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública municipal; estabelecer estratégias para a produção de conto de suspense e de *Fanfics*; propor atividades de produção textual que possam contribuir para o crescimento pessoal dos alunos; elaborar estratégias de produção, correção e reescrita dos textos produzidos; compreender o processo de produção textual como motivação para a autoria; avaliar, por meio de atividades diagnósticas, o processo de aprendizagem; proporcionar aos alunos em vulnerabilidade social inserção no ambiente digital, no ciberespaço *Fanfic*; e publicar os contos produzidos em sites de *Fanfics*.

Inicialmente, foi proposto um trabalho de leitura a partir da introdução do conto “O dedo”, de Lygia Fagundes Telles. O suspense contido no início desse conto foi o elemento norteador do trabalho. Após esse momento, os alunos foram conduzidos a escrever uma nova narrativa a partir do suspense causado pela autora, envolvendo personagens (fictícios ou reais) das quais os alunos são

fãs. Para isso, a estratégia utilizada para que uma nova narrativa se construísse foi o Protocolo de Leitura (LEAL, 2014) em que os alunos foram levados a uma melhor compreensão do trecho do texto lido e, em consequência, a desenvolverem um olhar diferenciado sobre o novo texto a ser produzido.

Com o desenvolvimento dessas atividades, os alunos serão capazes de descobrir seu potencial de autoria escritora, bem como a melhoria da qualidade no seu desempenho oral, leitor e usuário reflexivo de sua língua. O contato com a literatura mobiliza os sentidos e amplia as possibilidades de imaginação que são tão importantes para a formação do sujeito.

A duração da aplicação das atividades do projeto foi em torno de 22 aulas, desenvolvidas no horário regular e, também, no contra turno.

# Oficina 1 - APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

## OBJETIVOS:

- a) Conhecer a biografia da autora.
- b) Ler o início do conto “O dedo”, de Lygia Fagundes Telles.
- c) Analisar coletivamente o início do conto lido.
- d) Formular hipóteses sobre os motivos do suspense do conto.

**1ª. ATIVIDADE:** Quem é Lygia Fagundes Telles?

## APLICAÇÃO:

Apresentar a biografia de Lygia Fagundes Telles, para que os alunos a reconheçam como uma importante autora na história de contos de suspense brasileiros. O vídeo utilizado nessas atividades está hospedado no endereço a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=J71krDryVVs>.

**2ª. ATIVIDADE:** De quem será este dedo?

## APLICAÇÃO:

1 - O professor deverá ler o primeiro parágrafo do conto “O dedo”, de Lygia Fagundes Telles.

### O DEDO

Lygia Fagundes Telles

*Professor, ao final das oficinas, os alunos terão a oportunidade de ler o texto na íntegra e fazer comparações com as hipóteses que levaram nesse primeiro momento.*

Achei um dedo na praia. Eu ia andando em plena manhã de sol por uma praia meio selvagem quando, de repente, entre as coisas que o mar atirou na areia – conchas, gravetos, carcaças de peixes, pedras -, vislumbrei algo diferente. Tive que recorrer aos óculos: o que seria aquilo? Só depois de aparecer o anel é que identifiquei meu achado, o dedo trazia um anel. Faltava a última falange.

2 - Após a leitura desse parágrafo, o conto será interrompido e os alunos serão instigados a formularem hipóteses sobre o possível conteúdo do texto.

- De quem você imagina que seja o dedo perdido na praia?
- O que você imagina que tenha acontecido para que o dedo fosse parar na praia? Provavelmente, há quanto tempo o dedo estaria ali?, e entre outras).
- Durante a leitura, utilizar a técnica de protocolos de leitura, incitando a atividade de inferências, formulação de hipóteses e análise dos fatos.

*Professor, as atividades de pré-leitura são importantes para que os alunos possam ficar instigados a querer desvendar os mistérios apresentados.*

*Para isso, utilizamos os [protocolos de leitura, Leal \(on line\)](http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/protocolos-de-leitura) . Disponível em <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/protocolos-de-leitura>.*

**TEMPO PREVISTO:** 2 aulas

**MATERIAL:** Data show e laboratório de informática.

## Oficina 2 - PRODUÇÃO INICIAL

### OBJETIVOS:

- a) Propor aos alunos a primeira versão do conto a partir do suspense do conto “O dedo”.
- b) Orientar os alunos a construir a história a partir de personagens das quais são fãs.
- c) Considerar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero textual conto de suspense.

**1ª. ATIVIDADE:** Meu ídolo em apuros.

### APLICAÇÃO:

1 - Solicitar aos alunos que escrevam um conto em que a personagem principal seja seu ídolo. Essa personagem pode ser uma personagem de um livro, filme ou ainda uma celebridade quem ele gosta muito. A escolha do ídolo como personagem se justifica pelo gênero que os alunos produzirão: uma *Fanfic*.

A narrativa deverá envolver “o dedo” encontrado na praia, como no conto lido. Após a escrita do texto, recolhê-los para que sejam analisados e coletados elementos que subsidiarão a (re)elaboração das demais oficinas.

Nessa atividade, não houve orientação sobre a estrutura do conto ou sobre quaisquer aspectos do gênero, pois, conforme Dolz e Schneuwly (2004), em uma sequência didática, a produção inicial é uma atividade que permite revelar representações a partir de uma situação de comunicação dada. A partir das produções, selecionamos os aspectos para análise dos textos: aspectos de tematização e aspectos linguísticos.

*Fanfics* são “produções narrativas veiculadas por sites que publicam contos, romances ou histórias em quadrinhos que exploram um certo gênero ou certa personagem” Zaponne (2008).

*Para verificar os aspectos de tematização dos textos produzidos, levamos em consideração os seguintes pontos: abordagem do tema; estrutura básica da narrativa; título condizente com a produção; posicionamento em relação à linguagem literária; organização da sequência narrativa; construção e descrição de personagens baseadas em ídolos dos alunos ou em personalidades públicas das quais eles são fãs; descrição do cenário; elementos de coesão e coerência como marcadores temporais, paragrafação; e, por fim, suspense no texto.*

*Em relação aos aspectos linguísticos, verificamos os problemas relacionados aos elementos ligados à pontuação, acentuação, ortografia, coesão e coerência, além de concordâncias e regências verbal e nominal.*

**TEMPO PREVISTO:** 2 aulas.

**MATERIAL:** Folhas para a produção da primeira produção.

## Oficina 3 - AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO

### OBJETIVOS:

- a) Proporcionar aos alunos a leitura de diversos contos de suspense, de mistério, de enigma e de aventura.
- b) Orientar a leitura dos contos.
- c) Situar um texto no momento histórico de sua produção a partir de escolhas linguísticas (lexicais ou morfosintáticas) e/ou de referências (sociais, culturais, políticas ou econômicas) ao contexto histórico.
- d) Incentivar a consulta a dicionários.

### 1ª. ATIVIDADE: Leitura dos seguintes contos (Anexos):

- A faixa manchada, de Conan Doyle (1892),
- A causa secreta, de Machado de Assis (1896),
- O último cubra-libre, de Marcos Rey (s/d).

### APLICAÇÃO:

1 - A turma será dividida em duplas e cada dupla receberá um dos contos para fazer a leitura.

2 - Após a leitura, será distribuída uma ficha para cada dupla para a análise de alguns aspectos dos contos.

*Professor, a escolha desses contos permitirá aos alunos contato com contos de autores consagrados da literatura mundial e nacional e de outras épocas e, assim, poderão apropriar-se de bons exemplos para a produção dos seus textos. Você poderá selecionar outros contos, se julgar necessário.*

### Ficha de análise de textos literários

Disciplina: Língua Portuguesa Professora: Kátia Torres - Série: 8º ano 3

Nome: \_\_\_\_\_ Curso: Ens. Fundamental Data:

Façam a leitura silenciosa do conto e responda às questões a seguir:

- 1) Título e autor
- 2) Tema
- 3) Forma como o autor inicia o seu texto
- 4) Palavras que demonstram uma linguagem atual ou de tempos mais antigos
- 5) Linguagem utilizada: formal ou informal
- 6) Personagens que demonstram hábitos mais atuais ou mais antigas
- 7) Passagens do texto que demonstram marcas de tempo.
- 8) Parte do texto que mostra o suspense do conto.
- 9) Identifique.
  - a) O início da história (**situação inicial**)
  - b) O conflito da história (**complicação**)
  - c) O clímax da história (**ações para o clímax e a resolução**)
  - d) o desfecho da história (**situação final**)
- 10 – Identifique as personagens e descreva-as.

Depois da realização das atividades, haverá a culminância oral das respostas da análise que os alunos fizeram.

Será feito o uso do dicionário durante toda a tarefa, uma vez que os contos lidos são de épocas diferentes e pode haver um vocabulário bem distante do que o aluno conhece.

**TEMPO PREVISTO:** 6 aulas

**MATERIAL:** Folhas xerografadas e fotocópias dos contos.

## Oficina 4 - AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO

### OBJETIVOS:

- a) Proporcionar aos alunos a exibição de curta-metragem e trailers de filme de suspense.
- b) Fazer a análise comentada dos vídeos.
- c) Conduzir os alunos para que atentem aos aspectos que tornam o conteúdo desses vídeos como filmes de suspense.
- d) Fazer uma análise da primeira versão do texto.

### Os vídeos que serão exibidos estão hospedados nos links abaixo:

[https://www.youtube.com/watch?v=R6B1J\\_-KQrI](https://www.youtube.com/watch?v=R6B1J_-KQrI) “Palhaço”

<https://www.youtube.com/watch?v=GQIUe5tMuMk> “O desconhecido”

<https://www.youtube.com/watch?v=M9t7COu4ikM> “Antes de dormir”

**1ª. ATIVIDADE:** Aumentando a cultura letrada do aluno.

### APLICAÇÃO:

1 - Fazer a exibição dos três vídeos aos alunos.

2 - Após a exibição dos vídeos, os alunos serão conduzidos a comentar sobre eles. A professora fará alguns questionamentos a fim de levar os alunos a perceberem o suspense de cada história:

- Quais foram os momentos de maior tensão dos vídeos assistidos?
- O que provocou o suspense em cada um deles?
- Além das cenas, o que mais contribuiu para provocar esse suspense na história?
- Como foi a reação das personagens principais diante dessa situação que provocou o suspense?

**2ª. ATIVIDADE:** Refletindo sobre a primeira produção

*Professor, esse momento é importante que o aluno reflita sobre sua própria produção. Nesse momento, é importante que você direcione a avaliação e aponte os problemas identificados na análise feita.*

**APLICAÇÃO:**

1 - A professora distribuirá aos alunos a primeira versão do texto para que eles possam fazer uma autoavaliação em relação a ele.

- O texto produzido pode ser considerado um texto de suspense?
- Seu ídolo está em uma situação de apuros?
- Você caracterizou o ambiente para que ele envolvesse o leitor num clima de mistério?

É cada vez mais comum o uso de diversas tecnologias, principalmente as digitais, a favor da aprendizagem dos alunos. Segundo Rojo (2012), “a sociedade hoje funciona a partir de uma diversidade de linguagens e de mídias e de uma diversidade de culturas e que essas coisas têm que ser tematizadas na escola, daí multiletramentos, multilinguagens, multiculturas”. Nesse contexto, a utilização de outras mídias na aprendizagem possibilita a percepção de outras leituras, propiciando, assim, os multiletramentos.

**TEMPO PREVISTO:** 3 aulas

**MATERIAL:** Multimídia, vídeos, Internet e folhas.

## OFICINA 5 - SEGUNDA VERSÃO DO TEXTO

### OBJETIVOS:

- a) Ensinar estratégias para a elaboração de textos, tais como planejamento da escrita, reescrita e reflexão a respeito dos resultados obtidos, seguindo os estudos de Antunes (2010).
- b) Apresentar a ferramenta wiki aos alunos.
- c) Orientar os alunos a reescreverem a segunda versão do conto em ambiente virtual, atentando para a organização da sequência narrativa (Situação inicial, complicação, ações para o clímax, resolução, situação final), de Cavalcante (2011) e nos elementos da narrativa segundo Gancho (1991).

### 1ª. ATIVIDADE: Análise dos textos

#### APLICAÇÃO:

1 - Selecionar alguns textos dos alunos e apontar os problemas encontrados na primeira versão do texto, em Data Show.

2 - Fazer a análise coletiva dos textos e colher sugestões para possíveis mudanças.

3 - Solicitar aos alunos que anotem as observações que eles julgarem necessárias para a produção da próxima versão do texto, atentando para a organização da sequência narrativa e para o conteúdo do texto, priorizando a construção do suspense da história (Pensar em vários suspeitos, ações que despistem o leitor, como suprimir informações, algo que cause estranhamento no leitor, algum elemento que manipule a mente do leitor, incluir pistas falsas e verdadeiras, explorar o vocabulário que provoque o suspense, escolher minuciosamente o vocabulário para causar o efeito de suspense, ocultar alguns detalhes e criar um desfecho inusitado).

*Professor, adotamos o conceito de gênero textual conto de suspense, como sendo uma narrativa misteriosa em que o narrador apresenta ao leitor duas histórias a fim de despistá-lo e seduzi-lo, semelhante a um jogo, além de ser um texto que explora o vocabulário para causar o efeito suspense.*

**2ª. ATIVIDADE:** Produzir a segunda versão do texto em ambiente virtual

**APLICAÇÃO:**

1 - Solicitar aos alunos que produzam uma nova versão do texto, agora num ambiente virtual. Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos a ferramenta wiki e criamos<sup>1</sup> um espaço para as produções dos textos.

2 - O professor deve fazer a apresentação da Wiki aos alunos para que eles possam navegar pelo ambiente, ter o acesso e receber as orientações para as próximas etapas das atividades.

3 - Após a reescrita do texto, os alunos serão orientados a fazer a leitura dos textos dos colegas para que possam fazer uma avaliação desses textos, considerando as observações feitas pela professora e pelos colegas. Cada aluno receberá uma folha com o roteiro dos aspectos que irá analisar (Sequência narrativa e aspectos temáticos).

*Professor, para melhores informações sobre a ferramenta wiki, sugerimos que façam a leitura do artigo: PAIVA. Francis. Produção de texto em ambiente wiki com edições colaborativas e criação de links. IN: RIBEIRO, A; NOVAIS. A. (Orgs.) Letramento digital em 15 cliques. Belo Horizonte: RHJ. 2012.*

Aspectos a serem analisados nos textos.	Sim	Não
Verifique se a personagem principal do seu texto é uma celebridade ou personagem de filmes ou livros.		
Você descreveu as personagens da história?		
Você descreveu o ambiente onde passa a história?		
Seu texto apresenta vários suspeitos para o suspense do dedo encontrado na praia?		
Você utilizou alguma situação que provocasse estranhamento no leitor?		
Há pistas que levem o leitor a imaginar uma outra situação que não seja a verdadeira?		
Você explorou o vocabulário com palavras que provoquem suspense?		
Você desvendou o suspense do dedo encontrado na praia?		
Há alguma passagem no seu texto que está sem sentido?		
Seu texto está dividido em parágrafos?		
Você separou as vozes do texto?		
Há título no seu texto?		
O título do seu texto é instigante?		

<sup>1</sup>[http://pt-br.do-suspense-de-um-conto-a-um-conto-de-suspense.wikia.com/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt-br.do-suspense-de-um-conto-a-um-conto-de-suspense.wikia.com/wiki/P%C3%A1gina_principal)

As considerações sobre os próprios textos e sobre os textos dos colegas serão feitas no próprio ambiente virtual. Todas as alterações são monitoradas pelo professor que fará o acompanhamento das correções/sugestões dos alunos aos textos dos colegas, bem como as orientações para que os textos se tornem melhores.

**TEMPO PREVISTO:** 6 aulas.

**MATERIAL:** Data show e Internet.

## OFICINA 6 - AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO E TERCEIRA VERSÃO DO TEXTO

### OBJETIVOS:

- a) Apresentar aos alunos sites que hospedam *Fanfics*.
- b) Incitar o hábito a pesquisas.
- c) Conduzir os alunos para que eles conheçam os produtores de *Fanfics*.
- d) Conduzir os alunos para que atentem à organização temática adequada aos contextos de produção, circulação e recepção previamente explicitados.
- e) Orientar os alunos na revisão e reescrita dos textos.

**1ª. ATIVIDADE:** Apresentar sites de *Fanfics*.

### APLICAÇÃO:

- 1 - A professora apresentará aos alunos alguns sites de *Fanfic*, na sala de informática.
- 2 - Os alunos farão a pesquisa e selecionarão algumas *Fanfics* para fazer a leitura.
- 3 - A professora solicitará que os alunos escolham um texto que eles mais gostaram.
- 4 - Os alunos observarão como foi construída a história, como as personagens foram desenhadas, o suporte, a temática, o clímax e o desfecho.
- 5 - Após a observação, os alunos farão o registro da análise no caderno.

*Professor,*

*Consideramos a sexta oficina como o ponto forte do nosso trabalho. Nela, apresentamos aos alunos uma nova modalidade de escrita digital, a Fanfic. No início do trabalho, demos pistas aos alunos sobre essa escrita, quando solicitamos a eles que envolvessem um ídolo no texto produzido. No entanto, julgamos este o melhor momento para apresentar aos alunos o novo gênero de texto que será produzido por eles no final dessa sequência de atividades e quem são os produtores e os leitores dessa nova escrita. As oficinas anteriores são importantes para que os alunos possam escrever textos bem elaborados e coerentes. Assim, consideramos importante oferecer aos alunos todo o percurso entre o texto literário impresso e clássico até chegar à produção de um texto digital, uma vez que esse novo gênero obriga o produtor de textos a ter outro comportamento em relação à escrita. Esse comportamento diz respeito ao planejamento, à produção, à revisão, à reescrita e à edição do próprio texto, uma vez que a escrita digital é mais dinâmica e instantânea, pois o autor tem a oportunidade de vivenciar todas essas etapas.*

**2ª. ATIVIDADE:** Pesquisa sobre os autores de *Fanfics*.

**APLICAÇÃO:**

1 - Os alunos farão uma pesquisa sobre os autores de *Fanfics*:

- quem são os fanfiqueros?,
- o que os motivam?, quem são as personagens das histórias?,
- quais são as mais lidas?, entre outros.

**3ª. ATIVIDADE:** Comparação de textos

**APLICAÇÃO:**

1 - Os alunos farão uma comparação do texto que eles produziram na wikia com os textos lidos nos sites de *Fanfics*.

2 - Cada aluno deverá fazer uma análise crítica de seu próprio texto, apontando semelhanças e diferenças em relação aos textos lidos.

**TEMPO PREVISTO:** 6 aulas

**MATERIAL:** Computadores, Internet, caderno e folhas.

## OFICINA 7 - PRODUÇÃO FINAL

### OBJETIVOS:

- a) Orientar os alunos na revisão e reescrita dos textos.
- b) Publicar os textos produzidos pelos alunos em uma página de internet. Os textos dos alunos, após revisados e reescritos, serão publicados na página (<https://spiritfanfics.com/fanfics/>).
- e) Proporcionar aos alunos a leitura na íntegra do conto “O dedo”.

### 1ª. ATIVIDADE: Revisão e reescrita dos textos

### APLICAÇÃO:

1 - Cada aluno receberá uma ficha com o roteiro de produção de *Fanfic*. Elaboramos um roteiro de planejamento de escrita com base na estrutura dos elementos da narrativa (Gancho, 2002), em alguns aspectos da sequência narrativa (Cavalcante 2011) e na proposta de Antunes (2010) para os alunos perceberem quais alguns pontos principais devem ter em seus textos. De posse desse roteiro, o aluno irá produzir a versão final do seu site de (<https://spiritfanfics.com/fanfics/>).

Proposta	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Escreva uma <i>Fanfic</i> em que o seu ídolo encontra um dedo perdido na praia. Não se sabe como aquele dedo foi parar na areia da praia. Sua narrativa deverá desvendar esse mistério por meio de situações de suspense que envolvam o leitor.</li></ul>
Quando ocorrerá a história	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Reflita sobre como estaria o tempo: nublado, ensolarado, chuvoso?</li><li>➤ Em que momento do dia acontecerá a história?</li></ul>
O conflito	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Comece sua <i>Fanfic</i> apresentando um problema a ser resolvido.</li><li>➤ Pense na sequência de acontecimentos.</li><li>➤ Decida a ordem em que esses acontecimentos aparecerão na história.</li></ul>
O desfecho	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Pense também no desfecho. O mistério do dedo encontrado na praia será resolvido? Como seu ídolo resolverá este problema?</li></ul>
As personagens e o narrador	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Quem serão as personagens, além do seu ídolo, que participarão da história?</li><li>➤ Como elas se comportarão diante do fato do dedo ter sido encontrado por seu ídolo?</li><li>➤ O texto será narrado em 1ª ou 3ª pessoa?</li><li>➤ Alguma personagem contará a história? Qual?</li></ul>
O cenário da história	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ O texto deve ajudar o leitor a imaginar o lugar onde acontece a história. A descrição do cenário pode aparecer conforme a ação transcorre.</li></ul>
A linguagem	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Selecione bem o vocabulário a ser usado em seu texto a fim de explorar os sentidos das palavras. Escolha palavras que possam sensibilizar o leitor em relação ao mistério a ser revelado.</li></ul>
O público-alvo	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Lembre-se do perfil dos <i>fanfiqueros</i>.</li></ul>

*Professor,*  
*Nas aulas de língua portuguesa, especificamente nas aulas de leitura e análise de textos, é muito comum alguns alunos se sentirem frustrados com o final uma história. E muitos, quando questionados pelo motivo, dizem que a história poderia ter sido de outra maneira e que gostariam de mudar alguma situação proposta pelo autor. A proposta das atividades desenvolvidas neste trabalho foi pensada, também, a partir dessas angústias que havíamos detectado na nossa prática de sala de aula. Com isso, a produção de Fanfics pode amenizar essa angústia uma vez que os alunos podem preencher o vazio que determinados textos deixam, além deles se sentirem autores e de ter voz.*

## **2ª. ATIVIDADE:** Verificando o que aprendeu

### **APLICAÇÃO:**

1 - A professora entregará aos alunos a primeira versão escrita do texto que eles produziram.

2 - Os alunos farão a leitura das duas versões do texto e preencherão um questionário para verificar se eles conseguiram aprimorar a escrita de texto narrativo, e, também, produzirão um comentário sobre o avanço que tiveram a partir das oficinas das quais participaram.

<b>Ficha para avaliação das oficinas</b>		
<b>Aspectos a serem analisados nos textos.</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Você teve alguma dificuldade para realizar as atividades propostas nestas oficinas?		
Lendo sua primeira produção e a última, você acha que a última versão do seu texto ficou melhor?		
Você acha que as oficinas contribuíram para a sua aprendizagem na produção de textos?		
E em relação às oficinas de leitura, você acha que elas puderam te ajudar na organização do seu texto?		
Quais oficinas você considera que mais te ajudaram na produção textual? Por quê?		
Você agora é um autor de textos digitais e pode utilizar sua conta no site de <i>Fanfics</i> para produzir outras histórias, com temas que mais lhe agradam. Você já pensou em qual a próxima história irá contar?		

### **3ª. ATIVIDADE:** Conhecendo o conto “O dedo”

#### **APLICAÇÃO:**

- 1 - A professora solicitará aos alunos que façam uma pesquisa em sites de busca sobre o conto “O dedo”.
- 2 - Primeiramente será feita uma leitura silenciosa.
- 3 - Após a leitura, será feita uma socialização das observações que os alunos destacaram. Nesse momento, é importante retomar as hipóteses que os alunos levantaram na 1ª oficina e verificar aquelas que se confirmaram e as que não se confirmaram.

**TEMPO PREVISTO:** 4 aulas

**MATERIAL:** Computador e laboratório de informática.

*Após a leitura do texto, os alunos foram capazes de identificar os elementos da narrativa trabalhados nas oficinas anteriores, bem como os indícios que levaram ao suspense da história. Um fato relevante nessa análise é em relação aos fatos extraordinários apresentados na história, o que chamou bastante a atenção dos alunos, pois a narradora-personagem descreve detalhadamente todas as sensações que teve desde o momento que encontrou o dedo até o momento que o sepultou. As hipóteses levantadas na primeira oficina não foram confirmadas, pois o conto não desvenda de quem era o tal dedo. Com a leitura desse conto, finalizamos nosso trabalho com a certeza de que o ensino de leitura e de escrita podem ser efetivos a partir do momento que nós, professores, pensarmos em atividades sistematizadas e que levem os alunos à uma reflexão do processo de aprendizagem de escrita de textos, sejam ficcionais ou não.*

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de Textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Sequências textuais. In: \_\_\_\_\_. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2011.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B., **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática. 1991

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Protocolos de leitura. In.: **Glossário CEALE: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, 2014.

TELLES, Lygia Fagundes. O dedo. In: **Mistérios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ZAPPONE, Mirian H. Y. *Fanfics*: um caso de letramento literário na cibercultura. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n.2, p. 29-33, 2008.

## ANEXO 1

### O dedo

por Lygia Fagundes Telles

CONTO PUBLICADO ORIGINALMENTE NO LIVRO “MISTÉRIOS” EM 1981 PELA EDITORA NOVA FRONTEIRA.

Achei um dedo na praia. Eu ia andando em plena manhã de sol por uma praia meio selvagem quando, de repente, entre as coisas que o mar atirou na areia – conchas, gravetos, carcaças de peixes, pedras -, vislumbrei algo diferente. Tive que recorrer aos óculos: o que seria aquilo? Só depois de aparecer o anel é que identifiquei meu achado, o dedo trazia um anel. Faltava a última falange.

Não gosto nada de contar esse episódio assim com essa frieza, como se ao invés de um dedo eu tivesse encontrado um dedal. Sou do signo de Áries e os de Áries são apaixonados, veementes, achei um dedo, UM DEDO! Devia estar proclamando na maior excitação. Mas hoje minha face lúcida acordou antes da outra e está me vigiando com seu olho gelado. “Vamos – diz ela – nada de convulsões, sei que você é da família dos possessos, mas não escreva como uma possessa, fale em voz baixa, sem exageros, calmamente.”

Calmamente?! Mas foi um dedo que achei! – respondo e minha vigilante arqueia as sobrancelhas sutis: “E daí? Nunca viu um dedo?” Tenho ganas de esmurra-la: Já vi mas *não nessas circunstâncias*.

O poeta dizia que era trezentos, trezentos e não sei quantos. Eu sou apenas duas: a verdadeira e a outra. Uma outra tão calculista que às vezes me aborreço até a náusea. Me deixa em paz! – peço e ela se põe a uma certa distância, me observando e sorrindo. Não nasceu comigo, mas vai morrer comigo e nem na hora da morte permitirá que me descabele aos urros. Não quero morrer, não quero! Até nessa hora sei que vai me olhar de maxilares apertados e olho inimigo no auge da inimizade: “Você vai morrer sim senhora e sem fazer papel miserável, está ouvindo?” Lanço mão do meu último argumento: Tenho ainda que escrever um livro maravilhoso... E as pessoas que me amam vão sofrer tanto! E ela implacável: “Ora, querida, as pessoas estão fazendo montes. E o livro não ia ser tão maravilhoso assim”.

É bem capaz de exigir que eu morra como as santas. Recorro às minhas reservas florestais e pergunto-lhe se posso ao menos devanear um pouco em torno do meu achado: não é todos os dias que se acha um dedo. Ela me analisa com seu olhar lógico: “Mas não exorbite”. Fecho a porta. Mas então eu ia dizendo que passeava por uma praia completamente solitária, nem biquínis, crianças ou barracas. Praia áspera e bela, quase intacta: três pescadores puxando a rede lá longe. Um cachorro vadio rosnando sem muita convicção para dois urubus nos pousados detritos. O sol batia em cheio na areia brilhante, viva, cheia de coisas do mar de mistura com coisas coisa da terra longamente trabalhadas pelo mar. Guardei na sacola uma pedra cinzenta, tão polida que parecia revestida de cetim. Guardei um caramujo amarelo, o interior oco e roxo se apertando em espiral até a raiz inatingível. Guardei uma asa de concha rosa-pérola. O dedo não guardei não.

Não senti nenhum medo ou asco quando descobri o dedo meio enterrado na areia, uns restos de ligamentos e tecidos flutuando na espuma das pequeninas ondas. Há pouco encontrara as carcaças dos peixinhos que escaparam das malhas das redes. Lavado e enxague, o dedo parecia ser da mesma matéria branca dos peixes, não fosse a mundana presença do anel, toque sinistro numa praia onde a morte era natural. Limpa.

Inclinara-me para ver melhor o estranho objeto quando notei o pequeno feixe de fibras de algodão emergindo na areia banhada pela espuma. Quando recorri aos óculos é que vi: não era algodão, mas uma vértebra meio descarnada – a coluna vertebral de um grande peixe? Fiquei olhando. Espera, o que seria aquilo? Um aro de ouro? Agora que água se retraíra eu podia ver um aro de ouro brilhando em torno da vértebra, cingindo-a fortemente, enfeixando as fibras que tentavam se libertar, dissolutas. Com a ponta do cipó, revolvi a areia. Era um dedo, dedo anular, provavelmente, com um anel de pedra verde preso ainda à raiz intumescida. Como lhe faltasse a última falange, faltava o elemento que poderia me fazer recuar: a unha. Unha pontuda, pintada de vermelho, o esmalte descascando, acessório fiel ao principal até no processo de desintegração. Unha de mulher burguesa, bem cuidada, à altura do anel de joalheiro de classe que se esmerou na cravação da esmeralda. Penso que se restasse a unha certamente eu teria fugido, unha é importante demais. Mas naquele estado de despelamento, o fragmento do dedo trabalhado pela água acabara por adquirir a feição de um simples fruto do mar. Contudo, havia o anel.

A dona do dedo. Mulher rica, um anel daqueles devia ser de mulher rica e de meia idade, que as jovens não usam joias, só as outras. Afogada no mar? O biquíni verde combinando com o anel. O óleo perfumado fazendo brilhar a pele sem brilho. A onda, começou inocente lá no fundo e foi se cavando cada vez mais alta, mais alta, Deus meu, tão grande! A fuga na água resistente como um muro, os pés de ferro e a praia tão longe, ah! Mas o que é isso?... Explosão de espuma enrolando boca e olhos em esparadrapos de sal. Sal.

Respirei com ênfase. Mas que mulher vai hoje de anel de esmeralda para o mar? A elegante passageira de um transatlântico de luxo que afundou na tempestade? Mas fazia tempo que nenhum transatlântico de luxo naufragava assim.

Podia ser ainda uma suicida, dessas que entram de roupa pelo mar adentro, que o desespero é impaciente, mal teve tempo de encher os bolsos com pedras. A pedra verde no dedo. Ou a personagem real de um crime, crime passionnal, é evidente, enfraquecida a hipótese de latrocínio pela presença do anel. Um crime misterioso, já arquivado: mulher bonita. Marido rejeitado. Minhocando, roque-roque. Roque-roque. O flagrante da traição, “Ai, como dói!” A premeditação no escuro, tão profundo o silêncio no quarto que podia se ouvir o murmurejar do pensamento, roque-roque. Ela acorda em pânico no meio da noite “Mas que barulho é esse? Um camundongo? Ele se aproxima sem poeira. Sem emoção. No banheiro cintilante a proximidade da água facilita demais, os crimes deviam ser cometidos perto de cascatas. Um pouco de lavanda nas mãos ligeiramente trêmulas após a tarefa cumprida na ausência da cozinheira em licença remunerada para ir visitar a mãe. A casa na praia não foi uma solução? E a praia deserta, o homem feliz não tinha camisa, só maiô. Tão simpático o homenzinho de maiô azul que todos os dias vai à praia levando a caixinha de sabonete, que será que ele leva naquela caixinha? Um detalhista: ideias miúdas, objetos miúdos. Na cabeça, um pequeno boné se tem sol. Era ele que andava com uma mulher grande, bonita? Era. E a mulher? Lá sei, deve ter viajado, ele ficou só. Parece que adora o mar, faça sol ou não, vai dar o seu passeio com sua caixinha e seu sorriso.

Por que cabeça de assassino fica do tamanho do mundo? A solução seria um porta-chapéu, mas se ninguém usa mais chapéu?... Enfim, se sobrou a cabeça não sobrou o dedo que na manhã de garoa ele deixou no mar. O anel foi junto, era tão afeiçoado a carne que se recusou a sair e ele não insistiu, pois ficasse o dedo com seu anel, que suma os dois! Nem os urubus saíram de casa nessa manhã. Ele saiu.

A pedra brilhava num tom mais escuro do que a água. Lembrei-me de um quadro surrealizante: uma praia comprida e lisa, de um branco leitoso com flores brotando na areia, flores-dedos e dedos-flores. No quadro, o insólito era representado por uma gota de sangue pingando nítida da ponta do dedo. No meu achado, o insólito era a ausência do sangue. E o anel.

A primeira pessoa que passar por aqui vai levar esse anel, pensei. Eu mesma – ou melhor, a outra, a lúcida, com falsa inocência não chegou a insinuar que eu devia guardar o anel na sacola? “Mais um objeto para sua coleção, não é uma linda pedra?” Expulsei-a, repugnada. Horror. A morte de Itabira reclamava a flor que o distraído visitante do cemitério cólera na sua sepultura, “Eu quero a flor que você tirou, quero de volta a minha florzinha!” A dama do mar faria uma exigência mais terrível por telegramas, cartas, telefone, me soprando com sua voz de sal: “Eu quero o anel que você roubou do meu dedo, eu quero o meu anel!” Como reencontrar naqueles quilômetros de praia os diluíssimos restos de dedo para lhe devolver a esmeralda?

Com a ponta do cipó, cavei rapidamente um fundo buraco e nele fiz rolar o dedo. Cobri-o com o tacão do sapato e na areia tracei uma cruz, intuí se tratava de um dedo cristão. Então veio uma onda, que esperou o fim da minha operação para inundar o montículo. Dei alguns passos. Quando me voltei pela última vez, a água já tinha apagado tudo.

**LYGIA FAGUNDES TELLES NASCEU EM SÃO PAULO E PASSOU A INFÂNCIA NO INTERIOR DO ESTADO. É FORMADA EM DIREITO PELA FACULDADE DO LARGO SÃO FRANCISCO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O RESTO É HISTÓRIA – DA LITERATURA.**

## ANEXO 2

### A faixa malhada

Arthur Conan Doyle

Ao fazer uma revisão das minhas anotações sobre os setenta e tantos casos nos quais, durante estes últimos oito anos, tenho estudado os métodos de meu amigo Sherlock Holmes, encontro alguns trágicos, outros cômicos, e um grande número de casos apenas estranhos, mas nenhum comum, porque, trabalhando como ele o faz, mais por amor à arte do que para enriquecer, sempre se recusou a associar-se a qualquer investigação que não apresentasse coisas fora do comum e até fantásticas. De todos esses casos, não posso recordar nenhum que apresente características mais singulares do que aquele que teve relação com a conhecida família dos Roylott, em Stoke Moran, em Surrey. Os acontecimentos em questão ocorreram nos primeiros tempos da minha amizade com Holmes, quando alugamos uns aposentos, como solteiros que éramos, na Baker Street. Eu já podia tê-los contado, mas uma promessa de mante-los em segredo havia sido exigida, e só no mês passado fiquei livre dela, pela inesperada morte da senhora a quem fora feita a promessa. Talvez seja bom que os fatos agora se tornem conhecidos, porque tenho razões para pensar que há rumores a respeito da morte do dr. Grimesby Roylott que tendem a tornar o assunto mais terrível do que é na verdade.

Foi em abril de 1883. Ao acordar, encontrei Sherlock Holmes de pé, vestido, ao lado de minha cama. Geralmente ele se levantava tarde, e, quando olhei para o relógio e vi que eram apenas sete e quinze, olhei-o surpreso, e talvez um pouco aborrecido, porque eu era sempre pontual nos meus hábitos.

— Sinto muito acordá-lo, Watson — disse ele —, mas é a sorte de todos hoje. A sra. Hudson foi acordada cedo, chamou-me, e agora sou eu que o chamo.

— O que é então? Um incêndio?

— Não, uma cliente. Chegou há pouco uma jovem, muitíssimo nervosa, e insiste em ver-me. Está esperando na sala de estar. Suponho que, quando as jovens começam a vaguear pela cidade a estas horas da manhã e a acordar os que dormem ainda, algo de muito importante têm a comunicar. Se provar ser um caso interessante, tenho a certeza de que você quererá segui-lo desde o começo. Em todo caso, pensei que devia chamá-lo para lhe dar esta oportunidade.

— Meu caro amigo, fez muitíssimo bem.

Meu maior prazer era acompanhar Holmes nas suas investigações profissionais e admirar as deduções e intuições rápidas, sempre baseadas na lógica, com as quais ele deslindava os problemas que lhe eram submetidos.

Vesti-me apressadamente e pouco depois estava pronto para acompanhar meu amigo até a sala. Uma moça vestida de preto, o rosto coberto por um véu espesso, estava sentada à janela, mas, quando chegamos, levantou-se.

— Bom dia, senhorita — disse Holmes alegremente.— Meu nome é Sherlock Holmes. Este é meu íntimo amigo e companheiro, dr. Watson; pode falar francamente na sua presença como se fosse para mim só. Ah! Vejo que a sra. Hudson teve o bom senso de acender o fogo. Peco-lhe o favor de se aproximar mais dele, e vou mandar vir uma chávena de café bem quente para a senhora, porque vejo que está tiritando de frio.

— Não é de frio — disse ela em voz baixa e mudando de lugar, conforme fora convidada.

— O que é então?

— É medo, sr. Holmes. É medo.

Levantou o véu ao falar, e pudemos ver que estava realmente num estado doloroso de agitação, o rosto descorado, os olhos irrequietos e amedrontados como os de um animal preso. Parecia ter uns trinta anos, porém já tinha alguns cabelos grisalhos prematuros; sua expressão demonstrava cansaço e seu semblante estava desfigurado. Sherlock Holmes examinou-a com um dos seus olhares rápidos e abrangentes.

— Não deve ter medo — disse ele calmamente, inclinando-se para ela e pousando-lhe a mão no braço. — Depressa resolveremos o assunto, sem dúvida. Vejo que hoje veio de trem.

— Então o senhor me conhece?

— Não, mas notei o bilhete de regresso na palma da sua luva. Deve ter saído cedo, mas também viajou de charrete, por estradas ruins, até a estação.

A jovem ficou atônita e olhou alarmada para o meu companheiro.

— Não há mistério nisso, senhorita — disse ele sorrindo. — A manga esquerda do seu casaco está salpicada de lama nuns sete lugares, e é lama fresca; não há como uma charrete para nos encher de lama, e a senhora sentou-se à esquerda do cocheiro.

— Sejam quais forem suas razões para dizer essas coisas, é mesmo verdade — disse ela. — Saí de casa às seis horas, cheguei a Leatherhead às seis e vinte, e vim no primeiro trem para Waterloo. Senhor, não posso aguentar mais esta tensão nervosa, e, se continuar, ficarei doida. Não tenho ninguém a quem possa apelar... ninguém a não ser uma pessoa que gosta de mim, e ele, pobre rapaz, não pode fazer nada. Ouvi falar do senhor, sr. Holmes, por intermédio da sra. Farintosh, a quem o senhor ajudou numa ocasião em que ela necessitava de auxílio. Foi por intermédio dela que obtive seu endereço. Oh!, senhor, será que pode também ajudar-me ou pelo menos esclarecer um pouco a escuridão que me cerca? Atualmente não posso recompensá-lo pelo seu trabalho, mas dentro de uns dois meses vou me casar, e então terei o controle pessoal do que é meu. A essa altura, pelo menos, o senhor não me considerará ingrata.

Holmes virou-se para a sua escrivantina e, abrindo-a, tirou uma caderneta de notas e consultou-a.

— Farintosh — disse ele. — Ah!, sim, lembro-me do caso; tratava-se de um diadema de opalas. Foi antes de você vir morar aqui, Watson. Só tenho a dizer, senhorita, que terei prazer em dar a seu caso a mesma atenção que dediquei à sua amiga. Quanto à recompensa, minha profissão traz por si mesma uma compensação; no entanto, a senhorita terá a liberdade de me reembolsar de qualquer despesa que houver quando lhe for conveniente. E agora, peço-lhe que nos conte tudo o que nos possa ajudar a formar uma opinião sobre o assunto.

— Ai de mim! — respondeu a nossa visitante. — O próprio horror da minha posição está no fato de que meus temores são muito vagos e minhas suspeitas dependem inteiramente de uns pequenos fatos, que podem parecer tão triviais aos outros, que até a pessoa de quem, acima de todos, tenho o direito de esperar algum apoio e conselho considera tudo o que vou lhe contar fantasia de mulher nervosa; não o diz, mas sinto-o, quando desvia os olhos e me dá respostas calmas. Mas sei, sr. Holmes, que o senhor perscruta as coisas mais profundas dos corações humanos, descobrindo a sua perversidade. O senhor talvez possa aconselhar-me como agir em meio aos perigos que me circundam.

— Sou todo atenção, senhorita.

— Meu nome é Helen Stoner, e moro com meu padrasto, que é o último representante de uma das famílias saxônicas mais antigas da Inglaterra, os Roylott, de Stoke Moran, na margem ocidental do Surrey.

Holmes acenou com a cabeça.

— O nome me é familiar — disse ele.

— A família era, antigamente, uma das mais ricas da Inglaterra. A herdade estendia-se sobre os limites dos condados de Berkshire, ao norte, e Hampshire, a oeste. No século passado, todavia, quatro dos herdeiros foram homens dissolutos e de disposição esbanjadora, e a ruína da família finalmente ocorreu com um jogador nos dias da Regência. Nada restou, senão alguns lotes de campo e a casa secular, e essa, sob o encargo de uma pesada hipoteca. O último dono arrastou literalmente sua existência ali, levando uma vida horrível de aristocrata pobre; seu único filho, meu padrasto, vendo que tinha de adaptar-se às novas condições, pediu um empréstimo a um parente, que o habilitou a formar-se em medicina, e foi para Calcutá, onde, pela sua aptidão e força de caráter, se estabeleceu com grande clientela. Enraivecido, porém, por uns furtos que haviam sido feitos na sua casa, agrediu o copeiro, causando-lhe a morte, e por pouco escapou de uma sentença capital. Mesmo assim ficou preso durante muito tempo e voltou para a Inglaterra transformado num homem desapontado e melancólico.

“Quando o dr. Roylott foi para a Índia, casou-se com minha mãe, sra. Stoner, viúva do major-general Stoner, da artilharia de Bengala. Minha irmã e eu éramos gêmeas e tínhamos apenas dois anos quando nossa mãe se casou pela segunda vez. Ela tinha bastante dinheiro, umas mil libras anuais, que legou ao dr. Roylott durante todo o tempo que morássemos com ele, com prescrição de que certa soma anual fosse concedida a cada uma de nós no caso de nos casarmos. Logo após nosso regresso à Inglaterra, minha mãe morreu num desastre ferroviário perto de Crewe. Isso foi há oito anos atrás. O dr. Roylott abandonou a clientela que começara a adquirir em Londres e levou-nos para viver com ele na casa ancestral de Stoke Moran. O dinheiro que minha mãe deixara era suficiente para todas as necessidades, e parecia não haver impedimento à nossa felicidade. A essa altura, meu padrasto transformou-se completamente; em vez de cultivar amizades e trocar visitas com as famílias da vizinhança, que no começo se regozijaram ao ver de novo um sucessor dos Roylott morando na velha

herdade, fechava-se em casa e raras vezes saía, a não ser para discutir ferinamente com todos aqueles que encontrasse. O temperamento violento, aproximando-se da loucura, é hereditário nos homens da família, e no caso de meu padrasto, creio, foi agravado pelo fato de ele ter vivido num país de clima tropical. Houve uma série de brigas vergonhosas, duas das quais terminaram no posto policial, até que por fim ele se tornou o terror da aldeia e as pessoas voavam para longe quando ele se aproximava, porque é homem de grande físico e absolutamente descontrolado na sua ira. Na semana passada, lançou o ferreiro local de cima do parapeito para dentro do riozinho, e somente com o pagamento de todo o dinheiro que pude arranjar consegui evitar que outro escândalo viesse a público. Não tinha amigos, senão os ciganos ambulantes. A estes, dava licença para levantarem acampamento nos terrenos da herdade, e às vezes aceitava a hospitalidade das suas tendas, acompanhando-os semanas seguidas. Tem paixão também por animais selvagens da Índia, que recebe, mandados por um amigo, Atualmente tem um leopardo e um macaco, que andam livremente e são temidos pelo povo tanto quanto o dono. O senhor deve imaginar, pelo que estou lhe contando, que minha irmã e eu não tínhamos qualquer prazer na vida. Nenhuma empregada ficava conosco, e durante muito tempo nós é que fazíamos todo o trabalho da casa. Ela tinha apenas trinta anos quando morreu, mas, apesar disso, seu cabelo já estava um pouco grisalho, como o meu.”

— Então sua irmã morreu?

— Morreu há dois anos, e é da sua morte que lhe quero falar. Deve compreender que, levando a vida que tenho descrito, era difícil estar em contato com pessoas da nossa idade e posição. Tínhamos, todavia, uma tia solteirona, sra. Honoria Westphail, que mora perto de Harrow, e ocasionalmente tínhamos permissão para lhe fazer uma visita breve. Julia esteve lá no Natal, há dois anos, e encontrou um major da marinha, de quem ficou noiva. Meu padrasto soube do noivado quando ela voltou para casa; não fez nenhuma objeção; porém, duas semanas antes do dia fixado para o casamento, deu-se um acontecimento terrível, que levou minha única companheira.

Sherlock Holmes estivera sentado na sua poltrona descansadamente, com os olhos fechados e a cabeça numa almofada, mas nesse momento entreabriu os olhos e fitou a visitante.

— Conte-me todos os pormenores.

— É-me muito fácil fazê-lo, porque tudo o que aconteceu então está gravado na minha memória. A casa, como já disse, é muito velha, e agora só se usa uma das alas. Os quartos ficam nessa ala, no andar térreo, e as salas, no centro do edifício. Desses quartos, o primeiro é do dr. Roylott, o segundo, de minha irmã, e o terceiro, meu. Não há comunicação entre eles, mas todos se abrem para o mesmo corredor. Compreende?

— Perfeitamente.

— As janelas dos três quartos abrem-se para o relvado. Na noite de Natal, o dr. Roylott foi para o seu quarto cedo, embora soubéssemos que ele ainda não estava deitado, porque minha irmã ficou incomodada com o cheiro de um tabaco forte que ele costumava usar, de charutos indianos. Ela deixou o quarto dela e veio para o meu, onde ficamos conversando sobre os preparativos para o casamento. Às vinte e três horas, quando já ia se deitar, parou à porta, olhou para trás e perguntou:

“— Diga-me, Helen, tem ouvido um assobio a altas horas da noite?

“— Nunca — respondi.

“— Bem, não creio que você seja capaz de assobiar quando está dormindo.

“— Certamente que não. Mas por quê?

“— Porque durante estas últimas noites ouço sempre, por volta das três horas, um assobio baixo, mas muito claro. Tenho o sono leve, e isso me tem acordado. Não sei de onde vem. Talvez do quarto ao lado, talvez do relvado. E simplesmente lembrei-me de lhe perguntar se também tem ouvido.

“— Não, não tenho. Devem ser aqueles ciganos.

“— Talvez. Mas, se vem do relvado, fico admirada por você também não o ter ouvido.

“— Ah, mas tenho o sono mais pesado do que você.

“— Bem, não tem importância, em todo caso — disse ela, sorrindo-me. Fechei a minha porta, e poucos momentos depois ouvi-a dar a volta à chave na porta do seu quarto.”

— Ah, sim? — disse Holmes. — Era costume fechar as portas à chave durante a noite?

— Sempre.

— Por quê?

— Parece-me que já lhe contei que o doutor tem um leopardo e um macaco. Não nos sentíamos seguras enquanto nossas portas não estivessem fechadas à chave.

— Está certo. Continue, por favor.

Sidney Paget, 1892

— Não pude dormir naquela noite. Um pressentimento vago de que alguma desgraça ia acontecer impressionou-me muito. Minha irmã e eu éramos gêmeas, e o senhor sabe como são sutis os laços que ligam duas almas tão unidas. O vento uivava lá fora, e a chuva batia com toda a força nas janelas. Era uma noite tempestuosa. Subitamente, em meio ao barulho da tormenta, ouvi o grito horrível de uma mulher aterrorizada. Reconheci a voz de minha irmã. Pulei da cama, atirei um xale às costas e corri para o corredor. Quando abri a porta, pareceu-me ouvir um assobio baixo, como minha irmã havia descrito, e um momento depois um som, como a queda de um pacote de metal. Corri até a porta do quarto de minha irmã, que se abriu vagorosamente. Olhei, horrorizada, não sabendo o que ia suceder. Pela luz do candeeiro do corredor vi minha irmã aparecer à porta, o rosto branco como a morte, aterrorizada, as mãos estendidas como que pedindo socorro, o corpo cambaleante como o de um bêbado. Corri para ela e lancei-lhe meus braços ao redor do corpo; mas naquele momento seus joelhos dobraram-se e ela caiu no chão. Torcia-se como quem estivesse com dores horríveis, os braços e as pernas tremendamente convulsionados. A princípio pensei que não me reconhecia, mas quando me inclinei para ela, gritou num tom de voz de que nunca me esquecerei:

“— Oh, meu Deus! Helen! Foi a faixa malhada! A faixa malhada!

“Havia outra coisa que queria dizer, e apontava com o dedo no ar em direção ao quarto do doutor, mas uma nova convulsão abafou-lhe as palavras. Saí correndo, chamando meu padraсто em voz alta, e encontrei-o saindo do quarto, com o roupão vestido. Quando chegou ao lado de minha irmã, ela já estava inconsciente, e, embora lhe despejasse conhaque na garganta e mandasse chamar um médico, tudo foi em vão; ela morreu vagorosamente, sem recuperar os sentidos. Assim foi a morte horrorosa de minha amada irmã.”

— Um momento — disse Holmes. — A senhora tem certeza quanto ao assobio e ao som de metal? Podia mesmo jurar que os ouviu?

— Essa pergunta me foi feita também pelo inspetor na investigação que se seguiu. Tenho a convicção de os ter ouvido; todavia, com o estrondo da tempestade e o guinchar da casa velha, é possível que me houvesse enganado.

— Sua irmã estava vestida?

— Não, estava de camisola; na mão direita tinha um fósforo queimado, e na esquerda, uma caixa de fósforos.

— Prova de que havia acendido uma luz para ver ao redor quando o alarme começou. Isso é importante. E quais foram as conclusões do inspetor?

— Investigou o caso com muito cuidado porque a conduta do dr. Roylott tornara-se notória em toda a localidade, mas não encontrou qualquer dado satisfatório sobre a morte de minha irmã. Meu testemunho demonstrou que a porta fora trancada do lado de dentro, e as janelas estavam fechadas com portas de madeira, do sistema antigo, e atravessadas com barras de ferro, como se fazia todas as noites. As paredes não tinham buracos nem fendas, eram sólidas, e o soalho foi bem examinado, com o mesmo resultado. A chaminé é larga, mas está coberta por quatro grandes barras de madeira. É certo que minha irmã estava sozinha quando sobreveio a morte. Além disso, não havia sinais de violência no corpo.

— E envenenamento?

— Os médicos examinaram-na nesse sentido, mas não encontraram nada.

— De que pensa, então, que a infeliz jovem morreu?

— Creio que morreu de medo e choque nervoso, embora não possa imaginar o que lhe meteu medo.

— Havia ciganos nos terrenos naquele tempo?

— Sim, há alguns quase sempre.

— Ah! E o que foi que deduziu da alusão a uma faixa malhada?

— Às vezes penso que era a linguagem estranha do delírio; outras, que quisesse referir-se a um bando de pessoas, talvez a esses mesmos ciganos. Não sei se o lenço pintado que eles usam na cabeça poderia ter sugerido o termo que ela usou.

Holmes meneou a cabeça como um homem que está longe de se considerar satisfeito.

— São águas bem profundas — disse ele; — peço que continue a sua narrativa.

— Passaram-se dois anos desde então, e minha vida tornou-se mais solitária do que nunca. Faz um mês, um caro amigo, que conheci há poucos anos, deu-me a honra de me pedir em casamento. Chama-se Armitage, Percy Armitage, segundo filho do sr. Armitage, de Crane Water, perto de Reading. Meu padraсто não se opôs ao casamento, e pretendemos casar-nos na primavera. Há dois dias começaram alguns consertos na ala oeste da casa e furaram a parede do meu quarto, tanto que tive de mudar-me para o quarto onde morreu minha irmã e

dormir na mesma cama onde ela dormia. Imagine, então, como tremi de horror quando ontem à noite, estando acordada e lembrando-me do seu triste fim, ouvi repentinamente, no silêncio da noite, o assobio que precedeu a sua morte. Levantei-me, apressada, e acendi a lâmpada, mas não havia nada no quarto; fiquei demasiadamente assustada e, não podendo dormir mais, vesti-me e daí a pouco era dia. Desci silenciosamente, arranjei uma charrete na Taberna da Coroa, que fica em frente, e fui a Leatherhead, de onde vim esta manhã com o único objetivo de falar com o senhor e de lhe pedir o seu conselho.

— Fez muito bem — disse o meu amigo. — Mas contou-me tudo?

— Sim, tudo.

— Srta. Stoner, digo-lhe que não contou, porque está querendo poupar o seu padrasto.

— Como? Que quer dizer com isso?

Por resposta Holmes puxou para trás um debrum de renda preta cobrindo a mão que jazia sobre o joelho da nossa visitante. Cinco pontos azuis, marca de quatro dedos e um polegar, estavam impressos naquele pulso branco.

— Foi tratada brutalmente — disse Holmes.

A jovem corou e cobriu o pulso maltratado.

— É um homem, e talvez nem imagine a sua força.

Houve um longo silêncio, durante o qual Holmes descansou o queixo sobre as mãos e ficou olhando para as chamas.

— Este caso é muitíssimo sério — disse ele. — Há muitas coisas que eu gostaria de saber antes de traçar o nosso plano de ação. Todavia, não temos um momento a perder. Se fôssemos a Stoke Moran hoje, seria possível visitarmos os quartos sem o conhecimento de seu padrasto?

— Ouvi-o falar em vir à cidade hoje para tratar de um negócio importante. É provável que esteja fora o dia inteiro, e não haverá nada para atrapalhar. Temos agora uma empregada, mas é velha e caduca, e eu poderia facilmente pô-la de lado.

— Excelente. Você não se importa se eu lhe pedir para ir comigo, Watson?

— Claro que não.

— Então iremos os dois. O que a senhorita vai fazer agora?

— Há uma ou duas coisas que desejo fazer, visto estar na cidade, mas volto no trem do meio-dia, pronta para recebê-los.

— Pode esperar-nos à mesma hora. Eu também tenho algumas coisas a fazer. Mas a senhorita não quer esperar o café da manhã?

— Não, preciso ir. Meu coração está mais aliviado desde que lhe contei minha aflição. Esperá-los-ei com ansiedade esta tarde.

E a jovem saiu.

— O que pensa disto tudo, Watson? — perguntou Sherlock Holmes, recostando-se na cadeira.

— Parece-me um caso obscuro e sinistro.

— Contudo, se a jovem não mentiu ao dizer que as paredes e o soalho estão intactos e que a porta, as janelas e a chaminé são impenetráveis, então a irmã dela, sem dúvida, estava sozinha quando morreu tão misteriosamente.

— De acordo.

— O que significam então aqueles assobios noturnos e as palavras esquisitas da irmã?

— Não posso imaginar.

— Quando se alia a idéia de assobios noturnos à presença de um bando de ciganos que têm intimidade com o velho doutor, e também ao fato de que ele tem interesse em frustrar o casamento da enteada, mais ainda, à alusão a uma faixa e, finalmente, ao fato de a srta. Stoner ouvir um baque metálico, que podia ter sido causado por uma barra daquelas que seguram a janela, ao ser recolocada, penso que há um fundamento para que o mistério seja descoberto nesses fatos.

— Mas que fizeram então os ciganos?

— Não tenho idéia.

— Vejo muitas objeções a tal teoria.

— Eu também, e é por isso que vamos a Stoke Moran hoje. Quero ver se as objeções estão certas ou se podem ser excluídas por algumas explicações. Mas que diabo é isto?

A exclamação foi arrancada ao meu companheiro pela violência com que nossa porta foi aberta. Um homem enorme estava postado à entrada. Sua roupa era uma mistura singular de notário e de agricultor, com cartola preta, casaco comprido, polainas altas e um chicote de caçador na mão. Tão alto era ele que o chapéu tocava na verga da porta e parecia ter a largura desta de um lado ao outro. Rosto grande, muito enrugado, queimado pelo sol, com traços de

todas as paixões malévolas; virou-se primeiro para um e depois para o outro de nós. Seus olhos fundos e biliosos, o nariz grande e pontudo, faziam-no assemelhar-se a uma velha e cruel ave de rapina.

— Qual de vocês é Holmes? — perguntou a aparição.

— É esse o meu nome, senhor, mas não sei o seu — disse o meu amigo.

— Sou o dr. Grimesby Roylott, de Stoke Moran,

— Deveras, doutor? — disse Holmes suavemente. — Queira sentar-se.

— Não farei tal coisa. Minha enteada esteve aqui. Segui-a. O que foi que ela lhe contou?

— Está um pouco frio para esta época do ano — disse Holmes.

— O que foi que ela lhe disse? — gritou o velho, furioso.

— Todavia, ouvi dizer que as tulipas prometem ser abundantes — continuou o meu amigo imperturbavelmente.

— Ah, você se faz de desentendido, hem? — disse o nosso visitante, dando um passo à frente e sacudindo a cabeça. — Conheço-o, patife! Já ouvi falar de você. Você é Holmes, o mexeriqueiro.

Meu amigo sorriu.

— Holmes, o intrometido!

O sorriso alargou-se.

— Holmes, o “tira” da Scotland Yard!

Holmes riu-se deveras.

— Sua conversa é muito divertida — disse ele. — Quando o senhor sair, tenha a bondade de fechar a porta. Há uma forte corrente de ar com ela assim aberta.

— Vou quando houver dito tudo quanto quero dizer. Não se atreva a se intrometer nos meus assuntos. Sei que a srta. Stoner esteve aqui, seguiu-a! Sou um homem perigoso para que alguém se ponha contra mim. Veja isto.

Adiantou-se e, pegando o atizador do fogão, dobrou-o com suas grandes mãos queimadas do sol.

— Cuidado para não cair nas minhas garras — rosou ele, e, atirando o atizador na lareira, saiu da sala.

— Parece ser uma pessoa amistosa — tornou Holmes rindo. — Não tenho um corpo tão grande, mas se ele tivesse continuado, poderia demonstrar-lhe que minhas garras não são menos fracas que as dele.

Enquanto falava, pegou o atizador de aço, e, com um esforço repentino, endireitou-o.

— Imagine ele me confundir com a força oficial dos detetives! Este incidente dá mais sabor às nossas investigações. Todavia, espero que nossa amiguinha não sofra com sua imprudência de deixar este bruto segui-la. E agora, Watson, vamos comer, depois irei à Doctors' Commons, onde espero encontrar alguns dados que nos possam ajudar neste caso.

Eram quase treze horas quando Sherlock Holmes voltou da sua excursão, tendo na mão um papel azul, todo rabiscado com anotações de algarismos.

— Vi o testamento da falecida esposa — disse ele —, e, para determinar o seu sentido exato, fui obrigado a calcular os preços atuais dos investimentos a que está ligado. O rendimento, na ocasião da morte dela, era de pouco menos de mil libras, e está agora, devido à queda de preços, mais ou menos em setecentas e cinquenta libras. Cada filha pode requerer uma renda de duzentas e cinquenta libras em caso de casamento. É evidente, portanto, que, se ambas tivessem se casado, o belo homem ficaria com um bocadinho apenas, e, mesmo que fosse uma só, seria bastante prejudicado. Meu trabalho não foi perdido, pois prova que ele tem bom motivo para tentar frustrar qualquer coisa do género. E, agora, Watson, o caso é muito sério, e não devemos demorar mais, especialmente em vista de o velho saber que estamos interessados na sua vida; portanto, se está de acordo, vamos chamar um carro e tomar o trem de Waterloo. Agradeço-lhe se colocar seu revólver no bolso. Um Eley's número 2 é um excelente argumento para cavalheiros que conseguem torcer atizadores de aço. Isto e uma escova de dentes será tudo de que precisaremos, creio.

Fomos felizes em Waterloo, pois chegamos em tempo de tomar um trem para Leatherhead, onde alugamos um carro e fomos conduzidos por mais de sete ou oito quilômetros através da paisagem maravilhosa de Surrey. Estava um dia lindo, de sol brilhante e algumas leves nuvens no céu. As árvores e sebes desabrochavam e o ar impregnava-se do perfume vindo da terra úmida. Para mim, pelo menos, parecia haver grande contraste entre a natureza em plena primavera e o sinistro caso que nos havia levado ali. Meu amigo ia na frente, com os braços cruzados e o chapéu puxado sobre os olhos, o queixo caído sobre o peito, em profunda meditação. De repente, ergueu-se, deu-me uma palmada no ombro e apontou para os prados.

— Olhe para além — pediu ele.

Via-se um parque cheio de árvores que cresciam na encosta de uma pequena colina, e a espessura das árvores aumentava até o cume; era uma verdadeira mata fechada. Por entre os ramos das árvores viam-se as pontas triangulares da água-furtada de uma velha mansão.

— Stoke Moran — disse ele.

— Sim, senhor, aquela é a casa do dr. Grimesby Roylott — respondeu o cocheiro.

— Estão fazendo obras ali, e é para lá que nós vamos — disse Holmes.

— A vila é esta — disse o cocheiro, apontando para alguns telhados à esquerda. — Mas para chegar à casa é melhor pular a cancela e seguir o caminho a pé através dos campos. É ali, de onde vem aquela senhora.

— Creio que é a srta. Stoner — observou Holmes. — Sim, vamos fazer o que você sugere.

Descemos, pagamos a viagem, e o carro voltou para Leatherhead.

— Achei melhor — disse Holmes, enquanto pulávamos por cima da cerca — que este homem pensasse que viemos como arquitetos ou para algum negócio definido. Pode ser que assim evite dar com a língua nos dentes.

— Boa tarde, srta. Stoner. Veja que cumprimos a nossa palavra.

Nossa cliente apressara o passo para vir ter conosco.

— Esperava-os ansiosamente — exclamou ela, apertando-nos as mãos. — Tudo corre bem. O dr. Roylott foi para a cidade e creio que não voltará até a tardinha.

— Tivemos o prazer de conhecer o dr. Roylott — disse Holmes, e, em poucas palavras, fez um relato do que acontecera. A srta. Stoner ficou branca até os lábios.

— Céus! — exclamou ela. — Ele me seguiu então?

— Parece que sim.

— É tão astuto que nunca sei quando estou em segurança. Que dirá ele no regresso?

— Ele terá de se acautelar, pois pode descobrir que há alguém tão astuto quanto ele. É preciso que a senhora se feche hoje à noite aonde ele não possa ir. Se se tornar violento, nós a levaremos para casa de sua tia em Harrow, Agora, precisamos aproveitar o tempo, e por isso peço-lhe para nos levar aos quartos que devemos examinar.

O edifício era de pedras cinzentas e, em certos lugares, havia moitas de musgo junto às paredes; na parte central era alto, com duas alas curvas como as garras de um caranguejo. Numa dessas alas, as janelas estavam quebradas e cobertas com tábuas, assim como o teto, que estava também caído, autêntica prova de ruína. A parte central estava reformada, e a ala à direita fora modernizada, com cortinas nas janelas e fumaça que saía das chaminés, demonstrando que era ali que a família residia.

Alguns andaimes se erguiam contra as paredes dos fundos, onde havia uma abertura, mas sem o menor sinal de pedreiros que trabalhassem à hora da nossa visita. Holmes andou de cima para baixo no relvado e examinou com muita atenção as janelas do lado de fora.

— Esta, presumo, pertence ao quarto que a senhora ocupava, o do centro era de sua irmã e o ligado ao edifício principal é o do dr. Roylott.

— Exatamente, mas agora durmo no quarto do meio.

— Por causa das reformas. Mas não vejo assim tanta necessidade de reparação naquele lado da parede.

— Nem havia, e acredito que foi uma desculpa para me obrigar a mudar de quarto.

— Ah, é uma idéia. Do outro lado desta ala está o corredor para o qual dão estes três quartos. Há janelas no corredor, com certeza, não?

— Sim, mas muito pequenas. Estreitas demais para que alguém possa passar por elas.

— Visto que trancavam as portas de seus quartos pelo lado de dentro, não era possível a aproximação por aquele lado. Tenha a bondade de entrar no seu quarto agora e de trancar as janelas.

Assim fez a srta. Stone, e Holmes, depois de examiná-las bem, esforçou-se por abri-las, sem resultado, pois não havia sequer uma fenda por onde se pudesse introduzir a lâmina de um canivete. Pegou a lente de aumento e examinou as dobradiças, mas eram de ferro sólido, embutido na parede.

— Hum! — disse ele coçando o queixo, perplexo. — Minha teoria apresenta algumas dificuldades. Ninguém poderia passar por estas janelas, uma vez trancadas. Bem, vamos ver se o interior nos revela qualquer pista. Uma porta estreita dava entrada a um corredor em ruínas, para onde se abriam os três quartos. Holmes recusou examinar o terceiro quarto, e assim passamos para o segundo, aquele em que a srta. Stoner dormia agora e no qual sua irmã encontrara a morte. Era simples, com teto baixo e lareira larga, conforme o costume nas casas de campo antigas. Uma cômoda acastanhada estava num canto, uma cama coberta com

uma colcha branca no outro, e uma mesa de toailete do lado esquerdo da janela. Esses móveis, com mais duas cadeiras, completavam a mobília do quarto, além de um pequeno tapete ao centro.

As vigas e as tábuas que forravam as paredes eram de carvalho castanho, já bichadas e tão velhas que pareciam ser tão antigas quanto o próprio edifício. Holmes puxou uma das cadeiras para o canto e sentou-se, muito quieto, enquanto seus olhos corriam em redor repetidas vezes, para baixo, para cima, examinando todos os pormenores do quarto.

— Com que aposento se comunica aquela campainha? — perguntou ele por fim, apontando para uma corda grossa que estava pendurada ao lado da cama, com a borla em cima do travesseiro.

— Com o quarto da empregada.

— Parece mais nova do que as outras coisas.

— Sim, foi colocada somente há dois anos.

— Foi sua irmã que a pediu?

— Não, nem nunca ouvi dizer que ela a usasse. Nós mesmas íamos buscar aquilo de que precisávamos.

— Deveras, parece desnecessário colocar uma corda tão bonita ali. Desculpe-me um instante, vou examinar o assoalho. — Depois fez o mesmo a todos os painéis de madeira, e finalmente chegou perto da cama, olhando-a bem, assim como à parede que ficava perto. Nisto pegou o cordão da campainha e deu-lhe um puxão. — Oh! É apenas uma imitação — disse ele.

— Não toca?

— Não, nem está ligada ao fio. Isto é deveras interessante. Veja, está ligada a um gancho logo acima da abertura que serve apenas para a ventilação.

— Que absurdo! Nunca reparei nisso antes.

— É muito estranho! — murmurou Holmes, puxando a corda. — Há um ou dois pontos esquisitos neste quarto. Por exemplo, que louco devia ser o construtor, que fez uma abertura para a ventilação de um quarto para o outro, quando afinal com o mesmo trabalho podia obter uma comunicação com o exterior.

— É também recente — disse a jovem.

— Foi aberta mais ou menos na ocasião da instalação do cordão? — indagou Holmes.

— Sim, houve diversas reformas naquela época.

— E parece que tiveram um propósito muito interessante: cordões inúteis, aberturas que não ventilam. Com a sua permissão, agora vamos fazer nossas pesquisas no quarto central.

O quarto do dr. Grimesby Roylott era maior que o da enteada, mas simples. Uma cama de campanha, uma prateleira cheia de livros, a maioria de ordem técnica, uma poltrona perto da cama, uma cadeira comum de madeira junto à parede, uma mesa redonda e um cofre enorme de ferro eram as principais coisas que se viam. Holmes examinou tudo com o maior interesse.

— O que há aqui dentro? — perguntou ele, dando uma palmada no cofre.

— Os documentos de meu padrasto.

— Ah, então examinou o interior?

— Uma vez, há alguns anos atrás. Lembro-me de que estava cheio de papéis.

— Não haverá um gato no meio deles, por acaso?

— Que idéia estranha!

— Bem, mas olhe para isto!

E pegou um pequeno pires de leite que estava em cima do cofre.

— Não, não temos nenhum gato. Mas há um leopardo e um macaco.

— Oh, sim, claro. Bem, o leopardo é como um gato grande, mas um pires de leite não é bastante para satisfazê-lo, penso eu. Há um ponto que desejo esclarecer.

Nisto, curvou-se diante da cadeira de madeira e examinou o assento com a maior atenção.

— Muito obrigado. Está bem — disse ele, levantando-se e colocando a lente no bolso. — Ah! Aqui há uma coisa interessante.

O objeto que olhava era um pequeno chicote usado por quem tem cães, pendurado a um canto da cama. Estava enrolado e amarrado com uma presilha.

— Que pensa disto, Watson?

— É bastante comum, mas não posso perceber por que está enrolado.

— Isso é que não é comum, hem? Hum! Há tanta malvadeza no mundo, e quando um homem inteligente volta o cérebro para o crime, torna-se mil vezes pior do que é realmente. Penso que já vimos bastante, srta. Stoner, e, se nos dá licença, iremos para o relvado.

Nunca vi o rosto do meu amigo tão carregado como quando deixou o cenário de suas investigações. Ficou muito tempo em silêncio, e nem eu nem a srta. Stoner quisemos perturbar seus pensamentos antes que ele próprio terminasse seus devaneios.

— É essencial, srta. Stoner —olveu ele —, que siga meticulosamente minhas instruções.

— Certamente que o farei.

— O assunto é demasiado importante para haver hesitações. Sua vida depende de sua obediência.

— Estou em suas mãos.

— Em primeiro lugar, eu e meu amigo devemos passar a noite no seu quarto.

Ela e eu olhamo-nos estupefatos.

— Sim, é preciso que assim seja. Deixem-me explicar-lhes. Creio que aquilo lá é a hospedaria da vila.

— Sim, chama-se A Coroa.

— Muito bem, sua janela será vista de lá?

— Certamente que sim.

— É preciso que a senhorita permaneça no quarto pretextando uma forte dor de cabeça, à hora em que seu padraço voltar. Depois que ele for para o quarto dele, a senhorita deve abrir a janela, pôr o candeeiro lá como sinal para nós, depois retirar-se para o quarto que ocupava antes; apesar das obras, com certeza poderá acomodar-se lá por uma noite.

— Oh, sim, facilmente.

— Quanto ao resto, deixe nas nossas mãos.

— Mas o que farão?

— Passaremos a noite no seu quarto e investigaremos a causa do barulho que a tem incomodado.

— Creio, sr. Holmes, que o senhor já chegou a alguma conclusão — disse a srta. Stoner, pondo sua mão sobre o braço do meu companheiro.

— Talvez.

— Então, por caridade, diga-me o que foi que matou minha irmã.

— Preferia ter melhores provas antes de falar.

— O senhor pode me dizer, pelo menos, se a morte foi causada por algum susto medonho e repentino.

— Penso que não. Acho que houve uma causa mais concreta. E agora, srta. Stoner, precisamos ir, porque se o dr. Roylott voltasse e nos visse aqui, nossa viagem seria em vão. Adeus, seja corajosa, e, se fizer o que lhe disse, pode ficar descansada, depressa afastaremos os perigos que a ameaçam.

Sherlock Holmes e eu não tivemos dificuldade em alugar um quarto e uma sala na hospedaria. Ficavam no andar superior, e da nossa janela podíamos ver o portão da alameda que levava à ala habitada da mansão Stoke Moran. Ao escurecer, vimos o dr. Roylott passar de carro, com o corpo enorme ao lado do rapaz que o acompanhava e que demorou a abrir os pesados portões. Ouvimos o rosar rouco da sua voz e vimos a fúria com que fechou os punhos e os mostrou ao rapaz. O carro continuou, e, uns minutos depois, vimos surgir uma luz entre as árvores, quando foi acesa a lâmpada numa das salas.

— Sabe, Watson? — disse Holmes quando estávamos sentados juntos na semi-obscuridade.

— Estou indeciso se devo levá-lo hoje à noite ou não. Há indícios positivos de grande perigo.

— Posso ajudá-lo?

— Sua presença pode ser de alto valor.

— Então certamente irei.

— É muita bondade da sua parte.

— Você fala em perigo. É evidente que viu naqueles quartos mais do que eu pude ver...

— Não, mas talvez tenha deduzido mais. Creio que você viu o mesmo que eu.

— Não vi nada de estranho, a não ser o cordão da campainha; para que serve aquilo? Não posso imaginar.

— Viu também a abertura?

— Sim, mas não penso que seja assim tão raro haver uma pequena abertura entre dois quartos, tão pequena que mal daria passagem a um rato.

— Eu tinha a certeza de que encontraríamos uma abertura de ventilação antes de irmos para Stoke Moran.

— Caro Holmes...

— Oh, sim. Lembra-se de ela ter dito que a irmã sentia o cheiro dos charutos do dr. Roylott? Isso por si só sugere que havia uma comunicação entre os dois quartos. Só podia ser uma

abertura pequena, senão as autoridades policiais teriam dado com ela, e por isso deduzi que devia servir para ventilação.

— Mas que mal poderá haver nisso?

— Bem, há pelo menos uma coincidência de datas. Fez-se uma abertura, pendurou-se uma corda comprida, e uma moça dorme na cama e morre. Não lhe parece estranho?

— Por ora não vejo relação nenhuma.

— Não viu nada de estranho naquela cama?

— Não.

— Pois estava fixada ao chão. Já viu alguma cama fixada ao chão?

— Nunca.

— A jovem não podia arrastar a cama, devia ficar sempre na mesma posição em relação à abertura e à corda.

— Holmes — exclamei —, estou percebendo o que você quer dizer. Estamos no momento exato de evitar um sutil e horrível crime.

— Muito sutil e bastante horrível. Quando um médico se desvia do bem, torna-se o pior dos criminosos. Tem nervos e conhecimentos. Esse homem ultrapassa Palmer e Pritchard, mas creio, Watson, que conseguiremos mais ainda. Teremos de passar por muitos horrores antes que a noite finde. Vamos apaziguar nossos nervos fumando um pouco, e, durante alguns instantes, pensar em coisas mais agradáveis.

Cerca das vinte e uma horas, a luz entre as árvores extinguiu-se e tudo ficou escuro na mansão. Passaram-se duas horas vagarosamente, e, então, repentinamente, justamente quando o relógio da igreja batia vinte e três horas, brilhou a luz bem à nossa frente.

— Aquele é o nosso sinal — disse Holmes, pulando —, está na janela do meio.

Quando saímos, Holmes trocou algumas palavras com o hoteleiro, dizendo que íamos fazer uma visita, embora tarde, a um velho conhecido e talvez passássemos a noite lá. Um momento depois estávamos nas ruas escuras, com um vento frio que soprava em nosso rosto e uma luz amarela que piscava à nossa frente através das sombras para nos guiar na nossa sombria missão. Houve pouca dificuldade em entrar na herdade, porque havia muitos vãos no velho paredão do parque. Adiantando-nos debaixo das árvores, alcançamos o relvado, atravessamo-lo, e íamos entrar pela janela, quando, de dentro de uns arbustos de louro, pulou uma coisa que parecia uma criança aleijada e que se lançou sobre a relva com o corpo todo retorcido e depois desapareceu rapidamente na escuridão.

— Meu Deus! — cochichei. — Você viu?

Holmes estava tão surpreso quanto eu. Sua mão fechou-se sobre meu pulso como um torniquete, devido à agitação. Então riu baixinho, e aproximou a boca do meu ouvido.

— É uma família bonita — murmurou ele —, aquilo é o bugio.

Tinha me esquecido dos bichos de estimação do doutor. Havia um leopardo também, talvez o sentíssemos nos ombros a qualquer momento. Confesso que me senti aliviado quando, seguindo o exemplo de Holmes ao tirar os sapatos, me vi dentro do quarto.

Sem fazer qualquer ruído, meu companheiro fechou as janelas, colocou o candeeiro em cima da mesa e olhou ao redor do quarto. Tudo estava como havíamos visto durante o dia. Então, chegando-se junto a mim e dobrando a mão em forma de concha, Holmes cochichou ao meu ouvido tão baixo que mal pude distinguir as palavras:

— O menor barulho pode ser fatal aos nossos planos.

Acenei com a cabeça para mostrar que havia entendido.

— Temos de ficar no escuro. Ele veria a luz pela abertura.

Acenei de novo.

— Não durma. Talvez sua própria vida dependa disso.

Tenha o revólver à mão. Talvez precise dele. Ficarei sentado na beira da cama, e você, naquela cadeira. Tirei o revólver do bolso e coloquei-o em cima da mesa. Holmes tirou uma bengala curta e flexível e colocou-a em cima da cama a seu lado, e, junto dela, uma caixa de fósforos e um toco de vela. Depois apagou a vela e ficamos no escuro.

Nunca me esquecerei daquela noite de vigília. Não se ouvia som nenhum, nem mesmo o da nossa respiração; contudo, eu sabia que meu companheiro estava sentado ali, de olhos abertos, na mesma tensão nervosa que eu. As janelas de madeira não deixavam passar o menor raio de luz, e esperamos numa escuridão total. Lá de fora vinha o grito ocasional de uma ave noturna, e em certo momento, na nossa própria janela, ouvimos um gemido como o miar de gatos, o que nos deu a certeza de que o leopardo andava à solta.

À distância ouvíamos as badaladas profundas do relógio da igreja, que marcavam cada quarto de hora que passava. E quão compridos pareciam aqueles quartos de hora! Meia-noite, uma hora, duas e três, e continuávamos em silêncio, esperando o que ocorresse.

De repente, surgiu uma luz na direção da abertura, que se extinguiu quase imediatamente mas foi sucedida por um forte cheiro de óleo queimado e de metal quente. Alguém no quarto próximo havia acendido uma lamparina. Ouvi um movimento leve, e depois seguiu-se de novo o silêncio, mas o cheiro continuou e aumentou. Durante meia hora forcei a vista. De repente ouviu-se outro som suave como o de vapor saindo de uma chaleira. No mesmo instante em que ouvimos esse som, Holmes pulou da cama, acendeu um fósforo e bateu furiosamente com a bengala na corda da campainha.

— Você o viu, Watson? — gritou ele. — Você o viu?

Mas eu não tinha visto. No momento em que Holmes riscou o fósforo, ouvi um assobio baixo, mas distinto, porém o brilho repentino nos meus olhos cansados impossibilitou-me de discernir o objeto ao qual meu amigo se atirara e que açoitara com tanta fúria.

Todavia, pude ver que seu rosto estava pálido como a morte e revelava horror e repugnância. Parou de bater e estava olhando para a abertura quando de repente, quebrando o silêncio da noite, veio o grito mais horroroso que jamais ouvi, que cresceu até se tornar um bramido de dor, de medo e ira, tudo misturado num tremendo uivo estridente. Dizem que na vila, e até na casa paroquial, aquele grito acordou e fez levantar os que dormiam. Nossos corações gelaram, e fiquei olhando para Holmes, e ele para mim, até os últimos ecos cessarem a pouco e pouco.

— Que pode ser isso? — perguntei, ofegante.

— Quer dizer que tudo acabou — respondeu Holmes.

— E, finalmente, talvez para melhor. Pegue seu revólver e vamos entrar no quarto do dr. Roylott.

Com a fisionomia grave, acendeu o candeeiro e saiu para o corredor. Bateu na porta duas vezes, sem receber resposta. Depois virou a maçaneta e entrou; eu vinha logo atrás, com o revólver automático.

Foi uma cena singular a que vimos. Em cima da mesa, havia uma lamparina com um dos lados meio aberto, lançando um raio de luz sobre o cofre de ferro, cuja porta estava aberta. Ao lado da mesa, sentado, encontrava-se Grimesby Roylott, vestido com o roupão, os pés metidos em chinelos turcos. No colo, atravessando-lhe as pernas, estava o açoite em que havíamos reparado durante o dia. Seu queixo estava caído, os olhos fixos, num olhar rígido, hediondo, dirigidos a um canto do teto. Ao redor da testa tinha uma faixa amarela esquisita, com pintas castanhas, que parecia estar amarrada com força ao redor da sua cabeça.

— A faixa! A faixa malhada! — cochichou Holmes.

Dei um passo à frente. Nesse instante, o ornamento da cabeça começou a mover-se, e, de dentro do cabelo, levantou-se a cabeça chata, de forma triangular, e o pescoço inchado de uma serpente nojenta.

— É uma cobra do brejo! — disse Holmes. — A cobra mais venenosa da Índia. Ele morreu em menos de um minuto depois de ser mordido; a violência, na verdade, recai sempre sobre os violentos; e o assassino cai sempre na cova que preparou para outro. Vamos obrigar esta criatura a voltar para o seu lugar, e então poderemos levar a srta. Stoner para algum abrigo seguro e contar à polícia o que aconteceu.

Enquanto falava, retirou o chicote do colo do morto e, deitando o laço ao redor do pescoço do réptil, arrancou-o do seu poleiro macabro e, levando-o de braço estendido, atirou-o para dentro do cofre, cuja porta fechou cuidadosamente.

Esses são os fatos verdadeiros a respeito da morte do dr. Grimesby Roylott, de Stoke Moran. Não é necessário que se prolongue a narrativa, que já se estendeu demais, para dizer como contamos a triste notícia à jovem aterrorizada, e como a levamos de trem pela manhã e a deixamos em Harrow. Também não contarei o progresso vagaroso das investigações oficiais, que enfim decidiram que o doutor fora morto quando brincava descuidadamente com um bicho perigoso. O pouco que ainda me faltava saber do caso foi-me relatado no nosso regresso no dia seguinte.

— Eu havia chegado a uma conclusão completamente errônea, que demonstra, meu caro Watson, como é perigoso raciocinar com dados insuficientes. A presença dos ciganos, bem como a palavra “faixa”, que a pobre jovem usou, sem dúvida para explicar a visão horrível que teve à luz do fósforo, bastaram para me despistar.

“Meu único mérito foi reconhecer o meu erro, quando percebi a evidência de que qualquer perigo que tivesse ameaçado a dona do quarto não poderia ter vindo da janela nem da porta. Chamaram a minha atenção a tal abertura e a corda da campainha tão perto da cama. Achei

também esquisito que a cama fosse fixa e a campainha, somente um disfarce, cuja corda vinha diretamente da abertura para a cama; tudo isso me deu a ideia de que era para a descida de qualquer coisa de um ponto ao outro, e pensei logo numa cobra, ainda mais sabendo que o doutor possuía vários animais da Índia. Assim, pensei que estava na pista certa. A ideia de uma forma de envenenamento que não pudesse ser descoberta por testes químicos era justamente o que serviria para um homem astuto e cruel, que aprendera essas coisas no Oriente. A rapidez com que tal veneno faria efeito era considerada por ele uma vantagem. O médico-legista teria de ser muito perspicaz para dar com os dois pontinhos escuros onde os dentes da cobra haviam picado, introduzindo o veneno. Depois lembrei-me do assobio. Era preciso recolher a cobra antes que chegasse a luz do dia, para que a vítima não a visse. Ele tinha treinado a cobra, talvez com o uso do leite que vimos. Introduzia-a pela abertura, tendo a certeza de que ela desceria pela corda e chegaria à cama, podendo ou não morder a ocupante. Talvez ela escapasse todas as noites, durante uma semana inteira, porém, mais cedo ou mais tarde, seria vitimada. Já havia formulado essas ideias antes de entrarmos no quarto do doutor. Quando o inspecionei, vi que ele tinha o hábito de subir na cadeira, o que era necessário para poder alcançar a abertura.

“Quando vi o cofre e o pires de leite, o laço feito com a corda do chicote, tudo isso fez desaparecer qualquer sombra de dúvida. O som de metal que a srta. Stoner ouviu foi, com certeza, causado pelo bater da porta do cofre sobre sua terrível ocupante. Uma vez convencido de que estava na pista certa, você deve estar lembrado dos passos que dei para pôr à prova as ideias. Ouvi o bicho assobiar, suponho que você também ouviu, e imediatamente acendi a luz e o ataquei.”

— Com o fito de impeli-lo a voltar pela abertura.

— E também com o intuito de fazê-lo revoltar-se contra o próprio dono do outro lado. Algumas das pancadas acertaram nele e despertaram-lhe a fúria, e por isso se lançou sobre a primeira pessoa que viu. Assim, sou indiretamente responsável pela morte do dr. Grimesby Roylott, mas não posso dizer que isso me pese muito na consciência.

## ANEXO 3

### A CAUSA SECRETA

Machado de Assis

Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o teto; Maria Luisa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Tinham falado do dia, que estivera excelente, - de Catumbi, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará. Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem rebuço.

Tinham falado também de outra coisa, além daquelas três, coisa tão feia e grave, que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia, do bairro e da casa de saúde. Toda a conversação a este respeito foi constrangida. Agora mesmo, os dedos de Maria Luísa parecem ainda trêmulos, ao passo que há no rosto de Garcia uma expressão de severidade, que lhe não é habitual. Em verdade, o que se passou foi de tal natureza, que para fazê-lo entender é preciso remontar à origem da situação.

Garcia tinha-se formado em medicina, no ano anterior, 1861. No de 1860, estando ainda na Escola, encontrou-se com Fortunato, pela primeira vez, à porta da Santa Casa; entrava, quando o outro saía. Fez-lhe impressão a figura; mas, ainda assim, tê-la-ia esquecido, se não fosse o segundo encontro, poucos dias depois. Morava na rua de D. Manoel. Uma de suas raras distrações era ir ao teatro de S. Januário, que ficava perto, entre essa rua e a praia; ia uma ou duas vezes por mês, e nunca achava acima de quarenta pessoas. Só os mais intrépidos ousavam estender os passos até aquele recanto da cidade. Uma noite, estando nas cadeiras, apareceu ali Fortunato, e sentou-se ao pé dele.

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouvia-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho. No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu; Garcia saiu atrás dele. Fortunato foi pelo beco do Cotovelo, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando. No largo da Carioca entrou num tálburi, e seguiu para os lados da praça da Constituição. Garcia voltou para casa sem saber mais nada.

Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este que alguns homens conduziam, escada acima, ensangüentado. O preto que o servia acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico.

- Já aí vem um, acudiu alguém.

Garcia olhou: era o próprio homem da Santa Casa e do teatro. Imaginou que seria parente ou amigo do ferido; mas rejeitou a suposição, desde que lhe ouvira perguntar se este tinha família ou pessoa próxima. Disse-lhe o preto que não, e ele assumiu a direção do serviço, pediu às pessoas estranhas que se retirassem, pagou aos carregadores, e deu as primeiras ordens. Sabendo que o Garcia era vizinho e estudante de medicina pediu-lhe que ficasse para ajudar o médico. Em seguida contou o que se passara.

- Foi uma malta de capoeiras. Eu vinha do quartel de Moura, onde fui visitar um primo, quando ouvi um barulho muito grande, e logo depois um ajuntamento. Parece que eles feriram também a um sujeito que passava, e que entrou por um daqueles becos; mas eu só vi a este senhor, que atravessava a rua no momento em que um dos capoeiras, roçando por ele, meteu-lhe o punhal. Não caiu logo; disse onde morava e, como era a dois passos, achei melhor trazê-lo.

- Conhecia-o antes? perguntou Garcia.

- Não, nunca o vi. Quem é?

- É um bom homem, empregado no arsenal de guerra. Chama-se Gouvêa.

- Não sei quem é.

Médico e subdelegado vieram daí a pouco; fez-se o curativo, e tomaram-se as informações. O desconhecido declarou chamar-se Fortunato Gomes da Silveira, ser capitalista,

solteiro, morador em Catumbi. A ferida foi reconhecida grave. Durante o curativo ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a vela, os panos, sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito. No fim, entendeu-se particularmente com o médico, acompanhou-o até o patamar da escada, e reiterou ao subdelegado a declaração de estar pronto a auxiliar as pesquisas da polícia. Os dois saíram, ele e o estudante ficaram no quarto.

Garcia estava atônito. Olhou para ele, viu-o sentar-se tranqüilamente, estirar as pernas, meter as mãos nas algibeiras das calças, e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, seca e fria. Cara magra e pálida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma têmpera a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta anos. De quando em quando, voltava-se para o estudante, e perguntava alguma coisa acerca do ferido; mas tornava logo a olhar para ele, enquanto o rapaz lhe dava a resposta. A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios.

Fortunato saiu pouco antes de uma hora; voltou nos dias seguintes, mas a cura fez-se depressa, e, antes de concluída, desapareceu sem dizer ao obsequiado onde morava. Foi o estudante que lhe deu as indicações do nome, rua e número.

- Vou agradecer-lhe a esmola que me fez, logo que possa sair, disse o convalescente.

Correu a Catumbi daí a seis dias. Fortunato recebeu-o constrangido, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfasiada e acabou batendo com as borlas do chambre no joelho. Gouvêa, defronte dele, sentado e calado, alisava o chapéu com os dedos, levantando os olhos de quando em quando, sem achar mais nada que dizer. No fim de dez minutos, pediu licença para sair, e saiu.

- Cuidado com os capoeiras! disse-lhe o dono da casa, rindo-se.

O pobre-diabo saiu de lá mortificado, humilhado, mastigando a custo o desdém, forcejando por esquecê-lo, explicá-lo ou perdoá-lo, para que no coração só ficasse a memória do benefício; mas o esforço era vão. O ressentimento, hóspede novo e exclusivo, entrou e pôs fora o benefício, de tal modo que o desgraçado não teve mais que trepar à cabeça e refugiar-se ali como uma simples idéia. Foi assim que o próprio benfeitor insinuou a este homem o sentimento da ingratidão.

Tudo isso assombrou o Garcia. Este moço possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo. Picado de curiosidade, lembrou-se de ir ter com o homem de Catumbi, mas advertiu que nem recebera dele o oferecimento formal da casa. Quando menos, era-lhe preciso um pretexto, e não achou nenhum.

Tempos depois, estando já formado e morando na rua de Matacavalos, perto da do Conde, encontrou Fortunato em uma gôndola, encontrou-o ainda outras vezes, e a freqüência trouxe a familiaridade. Um dia Fortunato convidou-o a ir visitá-lo ali perto, em Catumbi.

- Sabe que estou casado?

- Não sabia.

- Casei-me há quatro meses, podia dizer quatro dias. Vá jantar conosco domingo.

- Domingo?

- Não esteja forjando desculpas; não admito desculpas. Vá domingo.

Garcia foi lá domingo. Fortunato deu-lhe um bom jantar, bons charutos e boa palestra, em companhia da senhora, que era interessante. A figura dele não mudara; os olhos eram as mesmas chapas de estanho, duras e frias; as outras feições não eram mais atraentes que dantes. Os obséquios, porém, se não resgatavam a natureza, davam alguma compensação, e não era pouco. Maria Luísa é que possuía ambos os feitiços, pessoa e modos. Era esbelta, airosa, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco anos e parecia não passar de dezenove. Garcia, à segunda vez que lá foi, percebeu que entre eles havia alguma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor. Um dia, estando os três juntos, perguntou Garcia a Maria Luísa se tivera notícia das circunstâncias em que ele conhecera o marido.

- Não, respondeu a moça.

- Vai ouvir uma ação bonita.

- Não vale a pena, interrompeu Fortunato.

- A senhora vai ver se vale a pena, insistiu o médico.

Contou o caso da rua de D. Manoel. A moça ouviu-o espantada. Insensivelmente estendeu a mão e apertou o pulso ao marido, risonha e agradecida, como se acabasse de descobrir-lhe o coração. Fortunato sacudia os ombros, mas não ouvia com indiferença. No fim contou ele próprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos, das palavras atadas, dos silêncios, em suma, um estúrdio. E ria muito ao contá-la. Não era o riso da dobrez. A dobrez é evasiva e oblíqua; o riso dele era jovial e franco.

" Singular homem!" pensou Garcia.

Maria Luísa ficou desconsolada com a zombaria do marido; mas o médico restituiu-lhe a satisfação anterior, voltando a referir a dedicação deste e as suas raras qualidades de enfermeiro; tão bom enfermeiro, concluiu ele, que, se algum dia fundar uma casa de saúde, irei convidá-lo.

- Valeu? perguntou Fortunato.

- Valeu o quê?

- Vamos fundar uma casa de saúde?

- Não valeu nada; estou brincando.

- Podia-se fazer alguma coisa; e para o senhor, que começa a clínica, acho que seria bem bom. Tenho justamente uma casa que vai vagar, e serve.

Garcia recusou nesse e no dia seguinte; mas a idéia tinha-se metido na cabeça ao outro, e não foi possível recuar mais. Na verdade, era uma boa estréia para ele, e podia vir a ser um bom negócio para ambos. Aceitou finalmente, daí a dias, e foi uma desilusão para Maria Luísa. Criatura nervosa e frágil, padecia só com a idéia de que o marido tivesse de viver em contato com enfermidades humanas, mas não ousou opor-se-lhe, e curvou a cabeça. O plano fez-se e cumpriu-se depressa. Verdade é que Fortunato não curou de mais nada, nem então, nem depois. Aberta a casa, foi ele o próprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas.

Garcia pôde então observar que a dedicação ao ferido da rua D. Manoel não era um caso fortuito, mas assentava na própria natureza deste homem. Via-o servir como nenhum dos fâmulos. Não recuava diante de nada, não conhecia moléstia aflitiva ou repelente, e estava sempre pronto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e aplaudia. Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos.

- Tenho muita fé nos cáusticos, dizia ele.

A comunhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luísa, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela, ou tocava ao piano umas músicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor no coração. Quando deu por ele, quis expeli-lo para que entre ele e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não pôde. Pôde apenas trancá-lo; Maria Luísa compreendeu ambas as coisas, a afeição e o silêncio, mas não se deu por achada.

No começo de outubro deu-se um incidente que desvendou ainda mais aos olhos do médico a situação da moça. Fortunato metera-se a estudar anatomia e fisiologia, e ocupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animais atordoavam os doentes, mudou o laboratório para casa, e a mulher, compleição nervosa, teve de os sofrer. Um dia, porém, não podendo mais, foi ter com o médico e pediu-lhe que, como coisa sua, alcançasse do marido a cessação de tais experiências.

- Mas a senhora mesma...

Maria Luísa acudiu, sorrindo:

- Ele naturalmente achará que sou criança. O que eu queria é que o senhor, como médico, lhe dissesse que isso me faz mal; e creia que faz...

Garcia alcançou prontamente que o outro acabasse com tais estudos. Se os foi fazer em outra parte, ninguém o soube, mas pode ser que sim. Maria Luísa agradeceu ao médico, tanto por ela como pelos animais, que não podia ver padecer. Tossia de quando em quando; Garcia perguntou-lhe se tinha alguma coisa, ela respondeu que nada.

- Deixe ver o pulso.

- Não tenho nada.

Não deu o pulso, e retirou-se. Garcia ficou apreensivo. Cuidava, ao contrário, que ela podia ter alguma coisa, que era preciso observá-la e avisar o marido em tempo.

Dois dias depois, - exatamente o dia em que os vemos agora, - Garcia foi lá jantar. Na sala disseram-lhe que Fortunato estava no gabinete, e ele caminhou para ali; ia chegando à porta, no momento em que Maria Luísa saía aflita.

- Que é? perguntou-lhe.

- O rato! O rato! exclamou a moça sufocada e afastando-se.

Garcia lembrou-se que na véspera ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levava um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado.

- Mate-o logo! disse-lhe.

- Já vai.

E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensangüentado, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia. Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquilo mesmo. A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho e pela última vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cair o cadáver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o médico e teve um sobressalto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que lhe comera o papel; mas a cólera evidentemente era fingida.

"Castiga sem raiva", pensou o médico, "pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem".

Fortunato encareceu a importância do papel, a perda que lhe trazia, perda de tempo, é certo, mas o tempo agora era-lhe preciosíssimo. Garcia ouvia só, sem dizer nada, nem lhe dar crédito. Relembrava os atos dele, graves e leves, achava a mesma explicação para todos. Era a mesma troca das teclas da sensibilidade, um diletantismo sui generis, uma redução de Calígula.

Quando Maria Luísa voltou ao gabinete, daí a pouco, o marido foi ter com ela, rindo, pegou-lhe nas mãos e falou-lhe mansamente:

- Fracalhona!

E voltando-se para o médico:

- Há de crer que quase desmaiou?

Maria Luísa defendeu-se a medo, disse que era nervosa e mulher; depois foi sentar-se à janela com as suas lãs e agulhas, e os dedos ainda trêmulos, tal qual a vimos no começo desta história. Hão de lembrar-se que, depois de terem falado de outras coisas, ficaram calados os três, o marido sentado e olhando para o teto, o médico estalando as unhas. Pouco depois foram jantar; mas o jantar não foi alegre. Maria Luísa cismava e tossia; o médico indagava de si mesmo se ela não estaria exposta a algum excesso na companhia de tal homem. Era apenas possível; mas o amor trocou-lhe a possibilidade em certeza; tremeu por ela e cuidou de os vigiar.

Ela tossia, tossia, e não se passou muito tempo que a moléstia não tirasse a máscara. Era a tísica, velha dama insaciável, que chupa a vida toda, até deixar um bagaço de ossos. Fortunato recebeu a notícia como um golpe; amava deveras a mulher, a seu modo, estava acostumado com ela, custava-lhe perdê-la. Não poupou esforços, médicos, remédios, ares, todos os recursos e todos os paliativos. Mas foi tudo vão. A doença era mortal.

Nos últimos dias, em presença dos tormentos supremos da moça, a índole do marido subjugou qualquer outra afeição. Não a deixou mais; fitou o olho baço e frio naquela decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada de febre e minada de morte. Egoísmo aspérrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lho pagou com uma só lágrima, pública ou íntima. Só quando ela expirou, é que ele ficou aturdido. Voltando a si, viu que estava outra vez só.

De noite, indo repousar uma parenta de Maria Luísa, que a ajudara a morrer, ficaram na sala Fortunato e Garcia, velando o cadáver, ambos pensativos; mas o próprio marido estava fatigado, o médico disse-lhe que repousasse um pouco.

- Vá descansar, passe pelo sono uma hora ou duas: eu irei depois.

Fortunato saiu, foi deitar-se no sofá da saleta contígua, e adormeceu logo. Vinte minutos depois acordou, quis dormir outra vez, cochilou alguns minutos, até que se levantou e voltou à sala. Caminhava nas pontas dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto. Chegando à porta, estacou assombrado.

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento.

Olhou assombrado, mordendo os beiços.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

Fonte: Várias Histórias - Machado de Assis - W. M. Jackson Inc Editores - 1946.

## ANEXO 4

### O Último Cuba-libre

Marcos Rey

Durante o dia, Adão Flores era um gordo como qualquer outro. Sua atividade e seu charme começavam depois das 22 horas e às vezes até mais tarde. Então era visto levando seus 120 quilos às boates, bistrôs e inferninhos da cidade, profissionalmente, pois não só gostava da noite como também vivia dela. Empresário de modestos espetáculos, era a salvação última de cantores, mágicos, humoristas decadentes. [...]

Como o tempo, Adão Flores adquiriu outra profissão, paralela à de empresário da noite, a de detetive particular, mas sem placa na porta e mesmo sem porta, atividade restrita apenas a cenários noturnos e pessoas conhecidas. Apesar de agir esporadicamente e circunscrito a poucos quarteirões, Adão Flores começou a ganhar certa fama graças a um jornalista, Lauro de Freitas, que começava a fazer dele personagem frequente em sua coluna, a ponto de muita gente supor tratar-se de ficção e mais nada.

Adão Flores apareceu no “Yes-Club”, cumprindo seu itinerário habitual. Rara era a noite em que não comparecia ao tradicional estabelecimento da Bianca, onde seus casos tinham grande repercussão [...]. Mas nem teve tempo de sentar-se. Uma mulher, nervosíssima, que já o aguardava, aproximou-se dele um tanto ofegante.

– Lembra-se de mim, Adão?

– Estela Lins?! Como vai o malandro do seu marido? Anda sumido!

– É por causa dele que estou aqui. Adão, você pode me acompanhar? Meu carro está na porta. É um caso grave.

– O que aconteceu?

– Direi tudo no carro.

Júlio Barrios, mexicano, cantor de boleros, fora um dos contratados de Adão que mais lhe deram dinheiro nos quase dez anos que estivera sob contrato. [...] Quando o público se cansou dele, Flores levou-o às churrascarias, salões da periferia e cidades do interior, etapas do declínio de qualquer cantor. Júlio não se abateu totalmente, pois, enquanto tivesse uma mulher apaixonada a seu lado, podia levar a vida.

Estela dirigia atabalhoadamente um fusca em estado de desmaterialização.

– Disse que Júlio está assustado?

– Disse apavorado.

– Por quê?

– Telefonemas ameaçadores.

– Quem seria a pessoa?

– Ele diz que não sabe.

– Mas você acha que sim.

– Pode ser algum traficante de drogas.

– Ora, Júlio nunca mexeu com isso. Trabalhamos juntos anos a fio e nunca o vi cheirar nada suspeito. Sua obsessão sempre foi outra...

O que o empresário-detetive imaginava era a ameaça de algum marido ou amante ciumento, daí Júlio não revelar nada a Estela, sua terceira ou quarta mulher desde que chegara ao Brasil. Apesar da decadência artística Júlio continuava bem-sucedido nessa modalidade esportiva. [...]

– Júlio sabe que veio me buscar?

– Sabe. Disse que quer tomar um cuba-libre com você, como nos velhos tempos.

– Espero que ele não acredite muito na coluna do Lauro de Freitas. Não sou tão bom detetive assim.

– Estamos chegando.

Estela estacionou o carro diante de um pequeno edifício de três andares. O casal morava no primeiro, cujas luzes estavam acesas.[...] A mulher abriu a porta, [...] indicou um velho divã ao empresário. Foi se dirigindo ao interior do apartamento, anunciando:

– Adão está aqui, querido!< br />O empresário-detetive largou todo o seu peso numa mirrada poltrona, que protestou, rangendo. Não conhecia aquele apartamento. Júlio, sempre que mudava de mulher, mudava também de endereço.[...]

– Quem é o senhor? – Adão ouviu de repente a voz de Estela, vinda do quarto, em tom de pavor. – O que faz aqui?

Adão levantou-se: algo de anormal acontecia.

Novamente a voz de Estela, agora num grito:

– Juuuulio!

Adão deu uns passos enquanto Estela aparecia à porta do quarto, tentando dizer alguma coisa. O detetive entrou precipitadamente. A primeira imagem que viu foi Júlio sobre a cama, ensanguentado.

Estela apontou para a janela aberta.

– Ele fugiu!

Adão correu para sala e Estela abriu a porta do apartamento. Os dois precipitaram-se para a rua, ela na frente. Logo adiante havia uma esquina, que o criminoso já devia ter dobrado. Estela segurou Adão pelo braço.

– Vamos socorrer Júlio.

Regressaram ao apartamento. A lâmina toda de uma tesoura comprida estava enterrada nas costas de Júlio. O detetive apalpou-lhe o peito. O coração já não batia nem no ritmo lento do bolero.

Enquanto a polícia não chegava, Adão dava uma olhada no quarto. Estela, em prantos, aguardava a presença do cunhado, um de seus únicos parentes. Flores notou que algumas gavetas de uma cômoda estavam abertas. O criminoso estivera procurando alguma coisa. No peitoril da janela, um pouco de terra, certamente deixada pelos sapatos do homem que saltara.

E sobre o criado-mudo um copo, o último cuba-libre que Júlio não terminara de beber. Sem gelo. Quem tomaria um cuba sem gelo num calor daquele? Foi ao encontro de Estela, na sala, e a achou dobrada sobre o divã.

– Gostaria de conversar com o zelador.

– O prédio não tem zelador, apenas uma faxineira no período da manhã.

– Acha que poderia reconhecer o homem?

– Nunca mais o esquecerei – garantiu Estela. – Era baixo, troncudo e tinha os olhos puxados.

– Já o vira antes?

– Não.

Adão retornou ao quarto, para dar mais uma espiada. Dali a instantes a polícia chegou: um delegado e dois tiras.

– Não mexi em nada – disse Flores. – E cuidado com o peitoril da janela. Há terra de sapato nele. Foi por onde o criminoso fugiu.

– O senhor o viu?

– Não, mas dona Estela poderá ajudar a fazer o retrato falado dele. Ela o encontrou no quarto de Júlio.

O delegado encarou o detetive.

– Você não é um tal Adão Flores, metido a Sherlock?

– Sou esse tal, mas vim aqui como amigo, chamado por Estela. Julio tinha recebido uns telefonemas ameaçadores.

Adão deixou os tiras trabalharem e saiu do quarto. O criminoso saltara da janela para um corredor cimentado que rodeava o edifício. Para baixo o santo tinha ajudado, mas subir pela janela teria sido difícil. Certamente ele tocara a campainha e entrara pela porta. Antes, porém, pisara em algum jardim, como atestava a terra do peitoril. Havia jardim à entrada do edifício?

Um dos tiras apareceu à porta com uma pergunta.

– O senhor deixou uma ponta de cigarro no cinzeiro? Há duas lá, mas só uma é da marca que Julio fumava.

– Só fumo em reuniões ecológicas. O criminoso deve ter tido tempo para fumar um cigarro. Só pode ter sido ele, pois Estela não fuma.

Adão permaneceu no apartamento até a chegada da Polícia Técnica, quando Estela Lins, no bagaço, foi levada pelo cunhado, que, antes de sair, declarou com todas as letras:

– Julio bem que mereceu isso. Um vagabundo, um explorador de mulheres! A polícia não devia perder tempo procurando o assassino.

Já era madrugada quando Flores retornou ao “Yes-Club”. [...] Contou a todos o que sucedera, recebendo em troca uma informação. Julio Barrios aparecera por lá, naquela semana, muito feliz. Uma gravadora resolvera lançar um elepê com seus maiores sucessos, Recuerdos, no qual depositava muitas esperanças. Planejava inclusive pintar os cabelos pa ra

renovar o visual. Estava animadíssimo. No dia seguinte, Adão Flores compareceu à polícia para prestar depoimento. Estela, por sua vez, estava cooperando. O retrato falado do criminoso já estava pronto e sairia em todos os jornais. O delegado, porém, já manifestava uma suspeita.

- Não gostei da cara daquele cunhado. Estela pode até estar tentando protegê-lo.
- Não creio – replicou Adão. – Era apaixonada pelo cantor.
- Mas amores passam – comentou o delegado. – Como certas modas musicais...

Adão Flores foi ao jornal onde trabalhava Lauro de Freitas.

- Quantos quilos você pesa, Lauro?
- Acha que estou engordando?
- Que mal há nisso? Os gordos são belos.
- Setenta quilos.
- Então, venha.
- Onde?

– Você tem o mesmo peso do homem que matou Barrios, segundo declaração de Estela na delegacia.

- E isso me torna um suspeito?
- Vamos ao apartamento.

À porta do edifício, Adão identificou-se a um guarda, que vigiava o lugar desde o assassinato. Não foi fácil convencê-lo a deixar que o detetive e o jornalista entrassem no apartamento.

- Estamos aqui. E agora, Adão?
- Você vai fazer uma coisa, Lauro: saltar do peitoril da janela para o corredor.

Abriam a janela e o jornalista espiou.

- Altinho. Posso sentar no peitoril?
- Não, suba nele e salte.
- E se o paraquedas não abrir?

– Não salte ainda. Vou para a sala. Aguarde minhas ordens, então salte e corra até a entrada do edifício.

Adão voltou para a sala, deu as instruções e ficou atento. Ouviu o baque dos pés de Lauro no cimento e, em seguida, seus passos rumo ao portão. Pouco depois, Lauro voltou à sala.

- O que quer mais? Sei plantar bananeira.
- Como atleta amador você não pode ser pago. Mas vou lhe fornecer uma bela história para sua indigna coluna. Não tire os olhos de mim. Agora vamos à gravadora Metrôpole.

– Por quê?

– Porque quero pôr na cadeia a pessoa que matou o melhor intérprete de “Perfume de Gardênia”. Quem fez isso é meu inimigo pessoal. Não se apaga assim um parágrafo da História.

Adão e Lauro foram à gravadora, onde o detetive conversou com o diretor-artístico. Sim, Barrios ia gravar mesmo um elefê. Esperavam vendê-lo para uns cem mil saudosistas. E o homem fez mais, forneceu certo endereço que Flores considerou importantíssimo.

Quando os jornais revelaram o assassino de Julio Barrios, a melhor reportagem certamente foi a de Lauro de Freitas, por dentro de tudo. [...]

Mas o local onde seus casos mais repercutiam era mesmo o “Yes-Club” [...]. Na véspera, antes de que os jornais publicassem a solução do enigma, Adão esteve lá para contar tudo em primeira mão.

– Em que momento você começou a puxar o fio da meada? – perguntou a dona da casa.

– Sou um homem do visual, da imagem – disse Flores. – Aquele cuba-libre sem gelo me chamou logo a atenção. Julio gostava de colocar verdadeiros icebergs nas suas bebidas.

Como não havia mais gelo e o copo voltara à temperatura ambiente, deduzi que o crime tinha acontecido há algum tempo. Uma hora, talvez...

– Não me parece argumento suficiente para levar a conclusões – disse um homem, provavelmente um desses invejosos que estão em toda parte.

– Certamente não foi minha única dedução. Havia aquela tesoura, arma ocasional demais para servir a um criminoso determinado, que fazia ameaças telefônicas.

O mesmo freguês, que se recusava a bater palmas para Adão, voltou a obstar: – Usar armas da casa é um meio para implicar inocentes. Os romances policiais sempre relatam coisas assim.

– Uma tesoura não oferece segurança – replicou Flores. – A não ser que o criminoso tivesse sido um alfaiate...

Bianca tinha outra pergunta a fazer:

– Houve roubo? As gavetas estavam todas abertas, não?

– Elas não foram simplesmente abertas, algumas estavam vazias. E sabem quem as esvaziara? O próprio Julio.

– O que havia nessas gavetas? – perguntaram. – Tóxico?

– Roupas, simplesmente roupas. Encontrei-as em uma pequena mala. Mas me deixem prosseguir. O que consolidou minhas suspeitas foi uma questão de acústica.

– Disse acústica?

– Disse. Aí o nosso Lauro ajudou muito. Seu peso equivale ao do homem visto por Estela. Fui com o Lauro ao apartamento do Julio e pedi que saltasse da janela e depois corresse até o portão. Eu me plantei na sala, como na noite do crime. E ouvi perfeitamente o baque e depois os passos de seus pés no cimento. Como naquela noite eu não ouvira nada?

– Então você teve a certeza – adiantou-se Bianca.

– Faltavam ainda os motivos. Na gravadora fiquei sabendo que Barrios andava aparecendo na companhia de uma jovem, seu novo amor. E obtive o endereço dela, pois era para ela que telefonavam quando precisavam contactá-lo. Fui procurá-la. Estava muito assustada com tudo, mas acabou se abrindo. Ela e Barrios iam viver juntos. Apenas faltava-lhe fazer a mala.

– E a confissão, veio fácil? – perguntou Bianca, equilibrada em sua piteira.

– Aconteceu na própria polícia onde fora olhar alguns suspeitos na passarela. Pretexto. O delegado já aceitara meu ponto de vista. Eu próprio lhe contei minha versão: Estela surpreendera Julio quando jogava roupas na mala para sumir. Espremeu-o. Ele confessou. Ia deixá-la por outra mulher. O amor é algo inesperado e o coração é fraco. Ela não gostou da letra desse bolero. Julio vivia praticamente à custa dela. Viu a tesoura sobre a mesa. Golpeou-o pelas costas. Depois do choque, pensou em livrar a cara. Havia terra numa floreira. Levou um pouco para o peitoril da janela. Deixou as gavetas abertas como estavam. E serviu um cuba-libre ao defunto. Antes ou depois, lembrou-se de Adão das Flores. Ele tinha mania de bancar o detetive. Julio sempre ria disso. Decidiu ir buscá-lo. Se o encontrasse, a encenação seria perfeita. Quanto à segunda ponta de cigarro, ela mesma esclareceu que a apanhara no “Yes”, enquanto esperava o detetive. Queria que ficasse bem claro que outra pessoa estivera com Julio. Enquanto isso o gelo do último cuba-libre derretia, pois o cadáver não podia renová-lo.

– Ela agiu como uma perfeita atriz – comentou Bianca. – E que grande talento! Adão concordou:

– Apenas participei como ator convidado.

Histórias de detetive. Conan Doyle, Medeiros e Albuquerque, Edgar Allan Poe, Jerônimo Monteiro, Marcos Rey e Edgar Wallace. 139 páginas